

Revista da Semana

Ano XLV ... N.º 26

Cr\$ 1,50 em todo o Brasil

24 de Junho de 1944



Favelas de ontem e de hoje

No Brasil



Paz...Saúde...Prosperidade!...

TENHAMOS FÉ em que a PAZ volte ao mundo para um amanhã melhor e plena satisfação de todos os anseios da humanidade, pelos quais combatem as Nações Unidas. Que o desejo das Mães, as esperanças das esposas e noivas, a ambição dos jovens se concretizem.

TENHAMOS FÉ em que, pela SAÚDE do corpo e do espírito, nossas gerações possam se manter cada vez mais vigorosas,

para maior glória, grandeza e prosperidade de nossa Pátria.

TENHAMOS FÉ em que o som festivo dos sinos da Paz anuncie também uma nova era de PROSPERIDADE para o Brasil. Que as nossas terras frutifiquem; que as nossas indústrias constituam sempre e cada vez mais o motivo de nosso orgulho; que a Ciência traga maiores luzes a todos os setores de nossas atividades.

CARLOS DE BRITTO & CIA.

Fabricantes dos produtos MARCA PEIXE

GRANDES FÁBRICAS PEIXE — USINA DE AÇUCAR CENTRAL BARREIROS

SANTA ROSA FOI UM DOS "GUILHOTINADOS" NA EXPOSIÇÃO DE ARTE MODERNA DE BELO HORIZONTE. AQUI ESTÁ UM DE SEUS TRABALHOS MAIS POPULARES — "CUICA". — ESTE, PORÉM, NÃO SE ENCONTRA NA CAPITAL MONTANHESA. POR ISSO MESMO SALVOU-SE...



estabelecera a respeito das certidões de idade pontos de vista identicos aos que animam os doentes de doenças graves: quanto mas velho é o médico, mais cura. O título de mestre na Escola Nacional de Belas Artes era assim uma especie de convite à meditação sobre a precariedade da materia humana. Era uma homenagem num adeus.

Ora, ninguém esperava de Belo Horizonte aquela manifestação perfuro-cortante contra as telas dos pintores modernos do Rio e de S. Paulo. Lá se encontram o casino, o teatro a igreja e o clube esportivo mais vanguardistas do Brasil. Ao pôr a ficha num pleno, ao bater palmas a um histrião, ao fazer o Sinal da Cruz, ao torcer por um tijolo de furar a rede — coisas culminantes da nossa existencia cotidiana — o barbeador belo-horizontino de telas vê arte moderna, respira arte moderna. Como compreender o seu ato desesperado de Figaro iconoclasta? Que pensamento absorvente e tenebroso o arrastou ao estôjo da navalha de segurança e o decidiu a escanhoar com tamanha brutalidade o modernismo? Interpretava ele o pensamento da cidade ou o do sindicato dos barbeiros? Foi mesmo uma gilete de amador ou uma navalha sem segurança, profissional? Era um sadista, era o homem que passava a gilete nas pernas das

NÃO sendo uma cidade, cem por cento "modernista" — como provou recentemente ao meter a gilete em oito telas da exposição de pintores modernos — Belo Horizonte possui o prefeito mais "vanguardista" do Brasil. Chama-se ele Juscelino Kubischek e seu nome é agitado pela ala revolucionária das artes plásticas nacionais como o de um Pereira Passos do movimento. Justificadamente, porém. Ninguém até hoje no Brasil, a não ser o sr. Gustavo Capanema, que também é mineiro, deu maior apoio às correntes renovadoras e assinou contratos de trabalho com artistas de tão pouca idade. Belo Horizonte e o Palácio da Educação, no Rio, apresentam o que de melhor se poderia conseguir como exemplo da capacidade criadora das novas gerações artísticas brasileiras. Arquitetura, pintura e escultura ali estão expostas funcionalmente; constituem o reconhecimento oficial da arte modernista, ainda tão combatida pela burocracia do tempo do arquiteto Memoria, do pintor Visconti, do escultor Kanto. Alguns trabalhos foram feitos por artistas de vinte e dois a vinte e oito anos — e isto não passa pela cabeça dos partidários da barba branca como fator de exito na direção artística. Nosso academismo

FIGARO BARBEIA O MODERNISMO

Por HENRIQUE PONGETTI

UMA DAS ESCULTURAS DO PALACIO DO MINISTERIO DA EDUCAÇÃO. AQUI NO RIO. NÃO É SÓ EM MINAS QUE ESSAS MANIFESTAÇÕES DE ARTE MODERNISTA FAZEM PREVALECER AS SUAS QUALIDADES. NO RIO TAMBEM.





EM BELO HORIZONTE É ASSIM. TUDO MODERNO. ATÉ NO CASINO DA PAMPULHA. POR ISSO MESMO, HENRIQUE PONGETTI ESTRANHA, NESTE ARTIGO, QUE ALGUÉM SE ESCANDALISASSE TÃO FORTEMENTE COM A PINTURA MODERNA, A PONTO DE MUTILÁ-LA.

passageiras de bondes — ou um torcedor desvairado do sr. Bracert?

Até o momento em que eram redigidas estas linhas a policia ainda não havia encontrado uma pista. E não creio que a encontrem. Pelo jeito as telas deverão ser restauradas. Restauradas! Haverá palavra que lembre mais o museu, a crosta macrobia de tintas, as rugas e os lenhos da senectude pictórica? Haverá palavra mais dolorosa para um "partisan" de Picasso ou de Braque?

Restaurar! Refazer! Voltar um bocadinho ao que já era passado e se superava na tela nova ainda fresca de tintas!

Restaurar! Os ratos de museu gostam desta palavra como os ratos de despensa gostam das imensas farras já escuracadas de queijo suíço. Mas resta a biblioteca da contra-revolução académica.

Entretanto, vivendo a vida, Belo Horizonte é uma cidade mais "modernista" do que os painéis bíblicos de Portinari. Em nenhum outro lugar do país se verificam tantos fenomenos surrealistas como lá. É uma roseira arrebetando de tanto dar cravos; é uma noiva deitando bigode e falando mais grosso do que Chaliapine em cima da hora de dizer "sim" ao noivo e ao pretor; é uma galinha munindo-se de uma perna sobressalente para viver como fenomeno e não como materia prima de canja; é um escorpião saltando do arminho do pó de arroz no momento em que a montanhesa glamourosa ia retocar a pele esticada e rosada pelos institutos de beleza do clima; é um cão substituindo repentinamente o dono por um trinado de rouxinol, estabelecendo no espirito do seu dono e da cidade

o dilema crucial: para o canil ou para a gaiola?

A vida de Belo Horizonte passada ao natural para as telas daria a pintura psicanalista, onírica, de Chagal e de De Chirico; deixaria com fama de realista o Jeremias de Portinari. Poema do mineiro Carlos Drummond de Andrade pode ali virar quadra do povo perto da carta reveladora da noiva que virou homem ao noivo que não teve a felicidade de virar mulher para consertar as coisas e não perder o enxoval.

Todavia ha um consolo para os modernistas desolados de Belo Horizonte: as primeiras pinturas de vanguarda expostas no Rio provocaram as mesmas fúrias. Eu me lembro de Cicero Dias, em 1926, fingindo que era visitante da sua propria exposição para colher numa arapuca a sinceridade do publico conservador ou puramente espinafativo.

— Isto é desenho de criança Meu filho Bimbinho faz isto mil vezes melhor! Que audacia, hein? Eu só queria ser apresentada a esse descarado para dizer a ele essas coisas!

Cicero Dias fazia os olhos doces do Nazareno ao oferecer a outra face ao esbofeteador:

— Minha senhora, o descarado sou eu! Mas eu quero ser aluno do seu filhinho Bimbinho. O Bimbinho ensina?

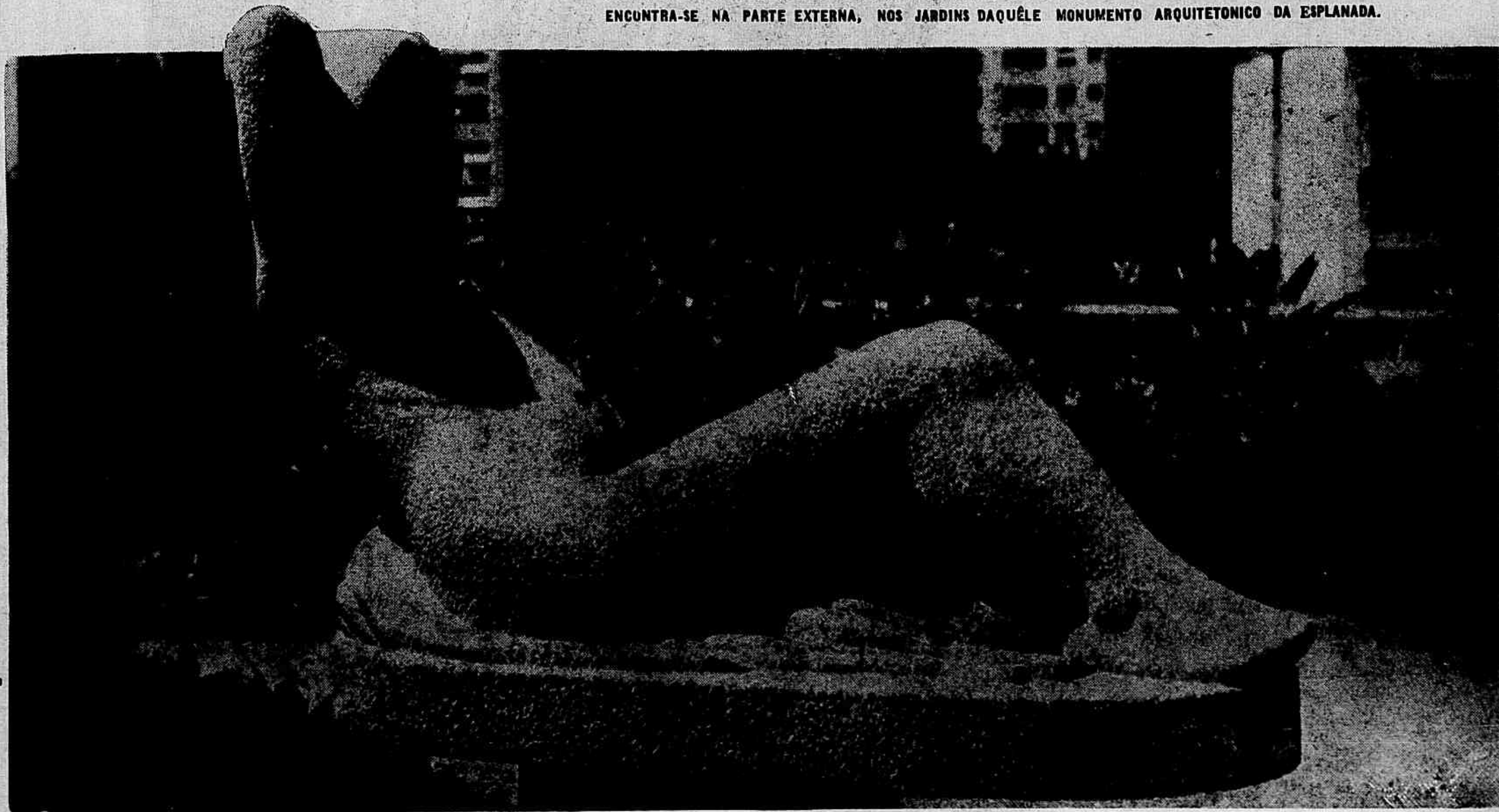
Todas as tardes Cicero Dias repetia o mesmo truque como um S. Sebastião que já não pudesse mais viver sem a sua ração diaria de flechadas.

— Só mesmo metendo este borrabotas na cadeia!

— Está bem! o sr. tem "pistolão?" para me recomendar à Policia?

Um dia alguns dos seus quadros amanheceram cortados a navalha. Naquela ocasião se dizia que eram emissários embuçados da

OUTRA ESCULTURA OBEDECENDO À ESCOLA MODERNISTA, NO PALÁCIO DO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. ESTA ENCONTRA-SE NA PARTE EXTERNA, NOS JARDINS DAQUELE MONUMENTO ARQUITETÓNICO DA ESPLANADA.





UM DETALHE DO CRISTO DE CANDIDO PORTINARI, PINTADO NA IGREJA DE SUA TERRA NATAL, BRODOWSKI, EM SÃO PAULO.

Escola Nacional de Belas Artes os criminosos. Imaginou-se mesmo uma seita secreta — os “carbonários” do passadismo — sorteando o executor da sentença tremenda:

— Tome esta gilete, irmão! A’ proxima reunião secreta deverás trazer-nos o olho do retrato n. 45 e as pernas do nú n. 15.

— O olho direito ou o esquerdo?

— O direito que está mais à vista. Vai e sê feliz! Que a alma de Pedro Americo te acompanhe!

O giletista escondia no bolso do colete a temível arma, arranjava uma cara picasseana e rondava os olhos e as pernas das vítimas. Para a gloria dos Figaros da pintura ha sempre um momentinho em que o pintor vai fazer alguma coisa e o publico tambem. Aí ele saca do bolso do colete a lamina, brande-a com uma gargalhada mental de vilão cinematogra-

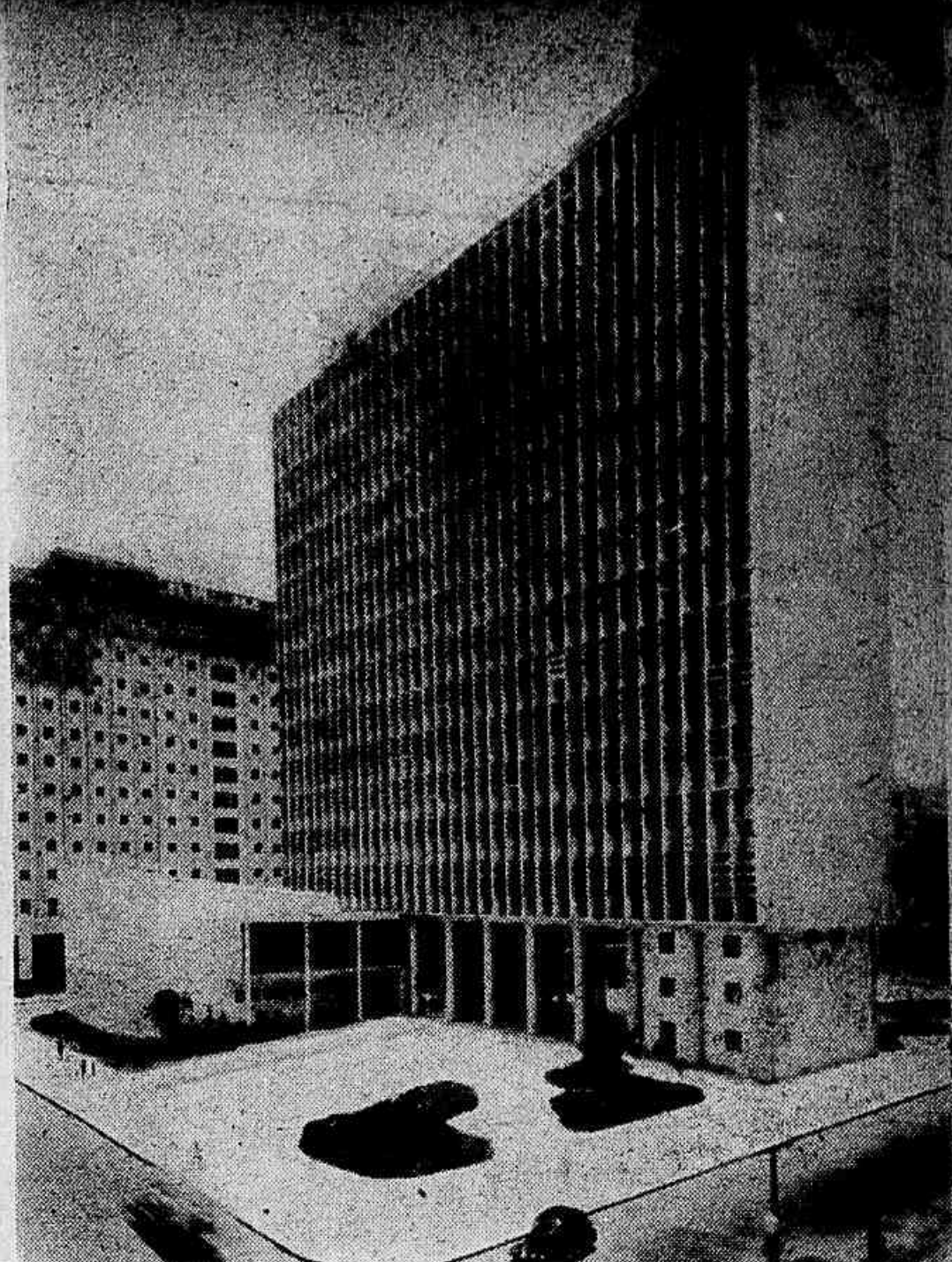
O rumoroso caso das telas de pintura que em Belo Horizonte apareceram impiedosamente mutiladas por algum espírito avêso à escola do modernismo, foi amplamente glosado esta semana pelos cronistas cariocas. Não faltou quem se manifestasse, pró ou contra, mas, em qualquer caso, emitindo o seu conceito pessoal sobre o tema que já não tem muito de moderno, porque a luta entre os antigos e os novos não é de hoje, mas de todos os tempos. Henrique Pongetti aprecia, nestas páginas, o mesmo assunto que nos veio rolando das montanhas, justamente da terra onde os mais imprevistos e paradoxais incidentes humanos frequentemente são registrados. Mas a nossa interferência no caso foi muito além: ao prepararmos esta edição, nossa reportagem está em campo e acaba de obter a mais autorizada e interessante palavra a respeito, emitida por Candido Portinari, o artista patricio cujo renome atravessou fronteiras impondo-se junto aos grandes centros de outras terras, mas notadamente dos EE. UU. A entrevista com Portinari desdobrou-se por outros temas, resultando de fato curiosa, como poderão certificar-se os leitores no próximo número. Por hoje valem as considerações de Pongetti, explorando com o sabor inédito da sua prosa, o assunto de tôdas as rodas, o prato obrigatório de tôdas as palestras, e fazendo-o com aquêlo espirito de requintado brilho tão do seu feitio.

fico, avança sobre as paredes, de catalogo em punho... e racte! racte! racte!

— Interessante este processo moderno de pintar um cego furando-lhe o olho na propria tela! E esse vasio no lugar das pernas do aleijado? Uma “trouvaille”! Bravos!

O pintor descobre duas coisas ao mesmo tempo: que lhe estragaram dois quadros e que ha “modernistas” burrissimos ou ultratrapeadores.

Lasar Segall teve um dos seus olhos vasados simbolicamente. O auto-retrato amanheceu camoneano — a orbita aberta a navalha deixando ver o fundo da parede. Ele ainda não



E AQUI ESTÁ, EM CONJUNTO, O MINISTERIO DA EDUCAÇÃO. NÃO DEVEMOS ESQUECER: O MI-NISTRO CAPANEMA VEIO DE MINAS GERAIS.

empregava bem certas expressões da nossa lingua e deu saída à sua raiva deste modo:

— Hei de matar quem me cegou o olho, sem falta! sem falta!

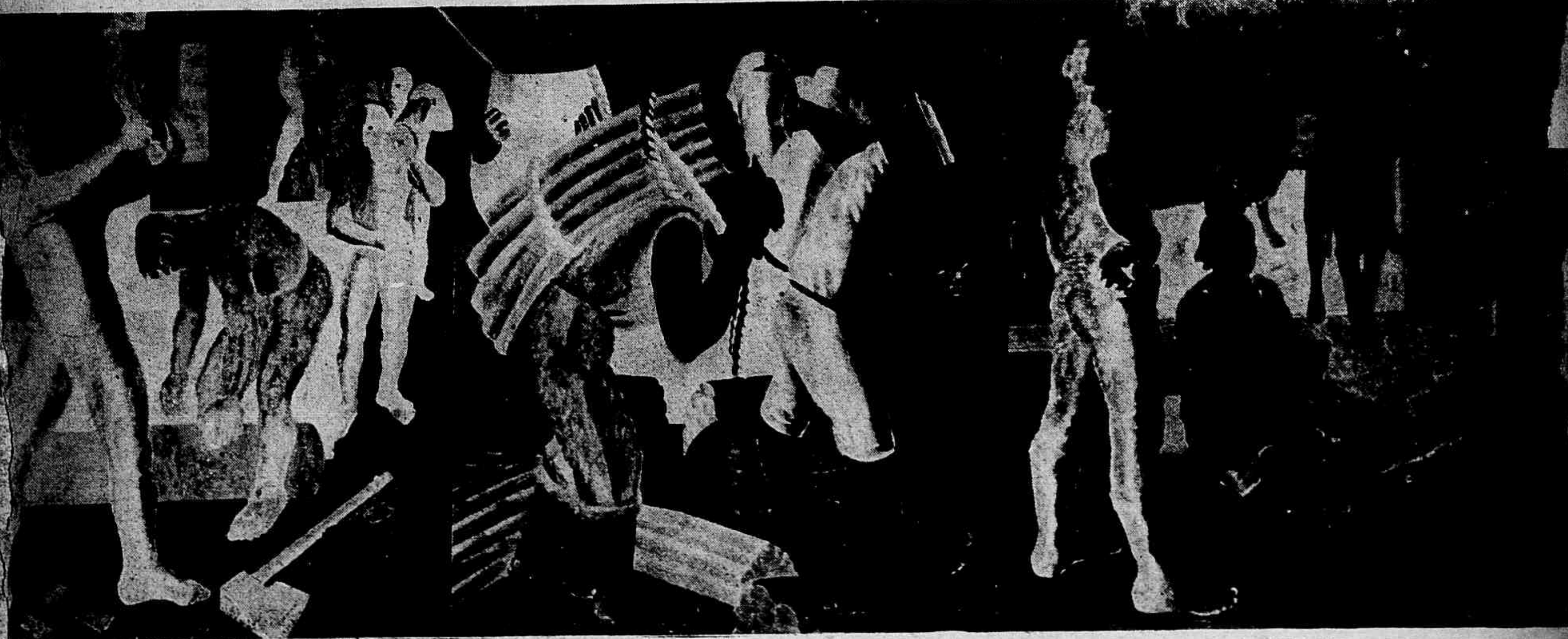
— Sem falta mesmo, Segall?

— Sem falta! sem falta!

Belo Horizonte é mesmo a terra das sorpresas. Seu movimento modernista não começou na cidade: começou em Cataguazes e veio de trem.

Hoje Cataguazes é a Ouro Preto do modernismo mineiro. Está tudo em Belo Horizonte ou no Rio. No berço da revolução o sr. Juscelino Kubischek é capaz de encontrar um profeta extraviado do Aleijadinho e um soneto de Belmiro Braga.

PORTINARI REALIZOU VARIOS E INTERESSANTES PAINEIS PARA O MINISTERIO DA EDUCAÇÃO. ESTE, QUE SE VÊ NA GRAVURA ABAIXO, É UM DÊLES. OBRA TÍPICAMENTE REGIONAL, FEITA AO SABOR ARTISTICO DO PINTOR MAIS DISCUTIDO DA ATUALIDADE, TEM HOJE SUA DIVULGAÇÃO REPRODUZIDA EM CENTENAS DE PUBLICAÇÕES INTERNACIONAIS.





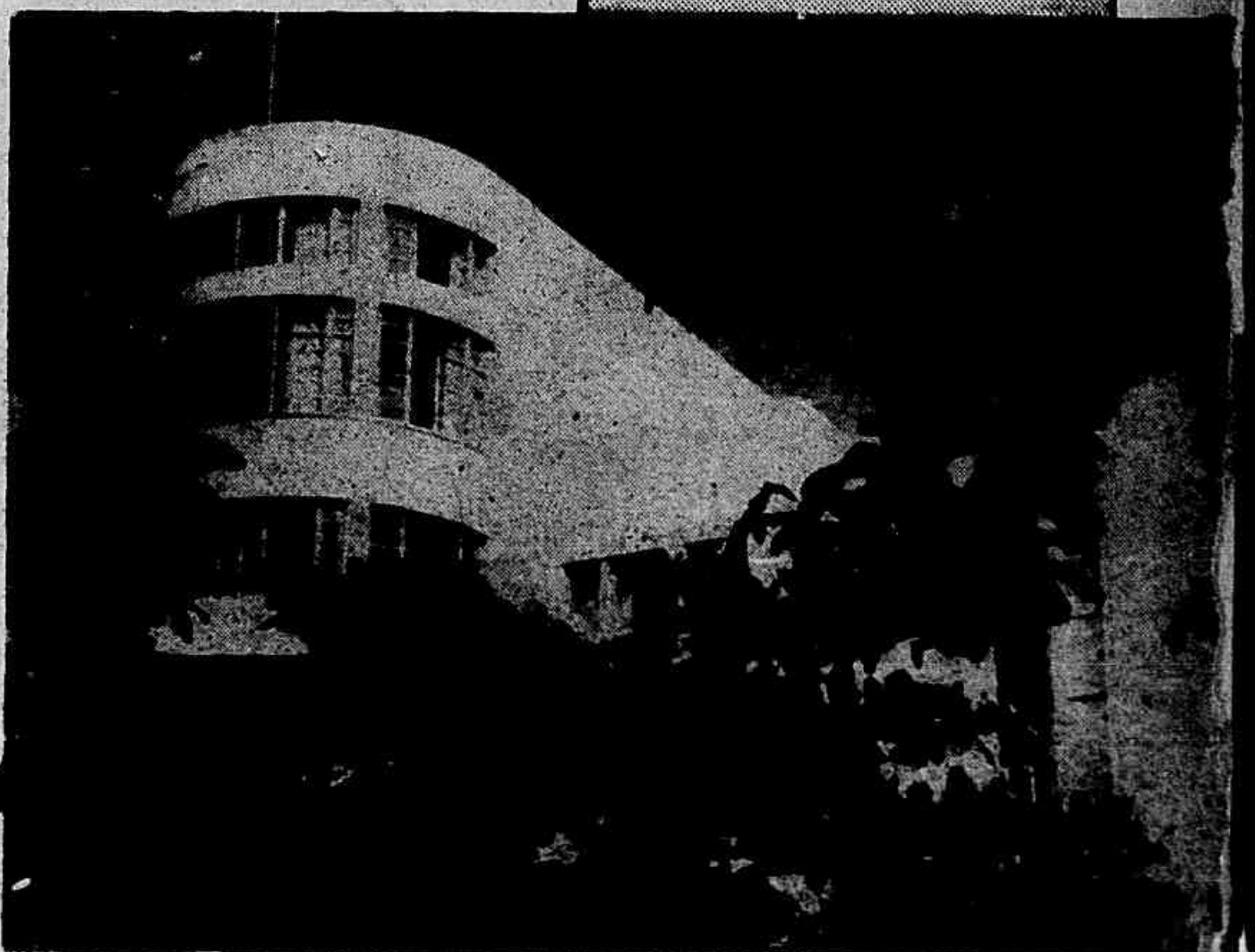
A' sombra das montanhas de granito, junto á orla da praia maravilhosa, a silhueta magestosa do Cassino Atlantico é um convite ao turista ávido de sensações que procura em Copacabana um ambiente noturno capaz de tocar bem fundo a sua sensibilidade de homem do século XX. E é na "boite" encantada da cidade que se marca indelevelmente, no espirito do forasteiro, a mais grata recordação da terra carioca.

E' também ali que a nossa sociedade encontra os seus momentos de mais distinto recreio, numa festa de arte, encantamento e bom gosto.

6

CASSINO

Atlântico



REVISTA DA SEMANA

ANO XLV --- 24-6-1944 --- N. 26

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 63,00; Seis meses — Cr\$ 32,00

Registrada: Um ano — Cr\$ 80,00; Seis meses — Cr\$ 40,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 170,00; Seis meses — Cr\$ 90,00

O número avulso custa Cr\$ 1,50 em qualquer parte do país; o número atrasado Cr\$ 2,00

Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro

Tels.: — Direção: 22-2622; Gerência: 22-2550; Redação: 22-4447

Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 323. Tel. 4-7866

Corresp. na Bahia: J. Machado Cunha — Av. 7 de Setembro, 149

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Knoppe & Cia.

Times Bldg., New York City. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal

434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyente, 1746, Montevideo.

Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 229 — Tel. 33 Avenida 9109 — Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA. — Diretor: GRATULIANO BRITO

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

Toda correspondência deve ser endereçada ao diretor.

ESTE NUMERO CONSTA DE 60 PAGINAS

Sumario

LITERATURA

Figaro barbeia o modernismo (Henrique Pongetti).....	3-5
Livros Novos.....	8-9
Político (Aluizio Azevedo).....	19
Reconquistá-lo-ei (Libbie Block).....	27
As cinzas de Hiroshibu.....	28

REPORTAGENS

Fred. Figner e a literatura de alem-tumulo.....	12-13
Favelas de ontem e de hoje.....	29-34
Joquei Clube.....	38
Figuras e Fatos.....	46-47

FOTOGRAFICAS

Coisas do Brasil.....	18
Nos Bastidores Femininos.....	39
Margaret Chapman apresenta.....	40-42
Trabalho Manual.....	43
O que se deve evitar.....	44
Para a estação.....	52-53
Copa e Cozinha.....	54
Outros Modelos.....	57

A nossa Capa

Desde que a guerra impôs a rendição de Paris, encontrou-se a mulher elegante em sérias dificuldades para dar expansão às suas obrigações de bem vestir, de renovar frequentemente os modelos e de criar. A inovação em modas femininas havia sido sempre um atributo parisiense e ninguém admitia que a mais feliz evolução nos figurinos partisse de outro centro que não fosse a capital gauleza. A guerra, no entanto, si outros serviços não prestou à Humanidade, antes nos trouxe a sua classica e indesejável corte de misérias, sempre serviu para admitir que a elegancia feminina ambem pode vir de outros rincões, até da industrial e financeiríssima America... Soube o Cinema tomar o lugar vago pela Paris invadida — e parece que as mulheres não se tem dado mal com a troca. Pelo menos, continuamos deliciando os olhos com visões fugazes e irresistíveis de pequenas brejiras, bem trajadas, variando no chapéu, no calçado, no perfume, nas luvas, em tudo, enfim, menos na maneira de con-

quistar o Homem, que é sempre a mesma. Nossa ilustração da capa vale por uma prova sucinta nesse particular.



Favelas de ontem e de hoje

ESPORTE
ILUSTRADO
É A ÚNICA
REVISTA
ESPECIALMENTE
ESPORTIVA QUE
SE PUBLICA NO
BRASIL

Qual a sua Idade?

A de sua cabeça!... Ninguém é mais jovem que seus próprios cabelos.... Principalmente as senhoras.

Cabello sem vida, opaco e escasso, significa velhice, embora se tenha vinte annos... Cabello vivo, abundante, brilhante, é juventude — embora se tenha cincoenta!...

Uma fricção diária com TRICÓFERO DE BARRY, antes de pentear-se, não só dá brilho e maciez ao cabelo, como defende-o contra a caspa e evita o encanecimento prematuro e a calvície.

Em todas as idades — da infancia á velhice — TRICÓFERO DE BARRY é recomendado para amaciar o cabelo, facilitar-lhe o penteado e evitar-lhe a queda.

Tricófero de BARRY

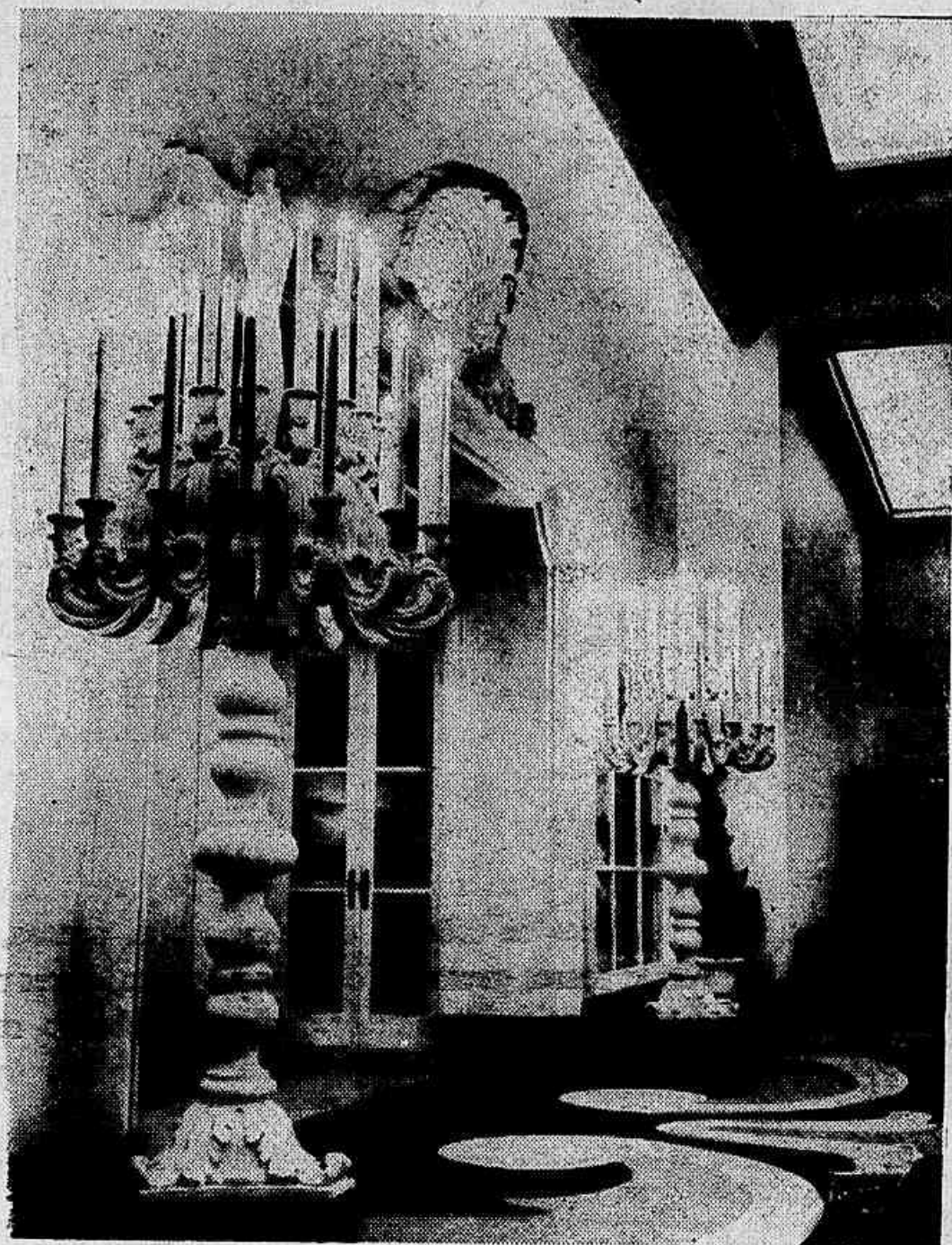
BELZEMA

para Erupções da Eczema

O Pomada não gordurosa, antissética, que combate as coceiras e erupções da pele. Não requer ataduras.



Fabrica de Gesso GUARANY Ltda.



ARARUAMA — PONTE DOS LEITES — E. F. MARICÁ

Pedidos no Rio de Janeiro :

RUA DA QUITANDA, 185-4.º ANDAR-SALA 401-TEL. 23-4421

GEDSO GUARANY aplicado em obras de arte e revestimento pela CASA PEDRALIT REVESTIMENTOS LTDA. no Hotel Quitandinha em Petropolis.



*Cê 10 horas,
já sentia
fome...*

...isso é sinal de alimentação inadequada. Tome, pela manhã, um mingau de Quaker Oats para fortalecer o organismo, tonificar os nervos e enriquecer o sangue. Quaker Oats assegura uma reserva alimentar para a manhã toda. Quaker Oats é de gosto agradável, econômica e de fácil preparo. Compre Quaker Oats e receberá o peso integral — 567 gramas em cada lata.

Insista em comprar a lata com a figura do Quaker — a aveia sem impurezas.

QUAKER OATS

Mais peso e melhor qualidade asseguram maior rendimento por lata.



Sã MATERNIDADE

CONSELHOS E SUGESTÕES PARA FUTURAS MÃES
Prof. ARNALDO DE MORAES

3.ª EDIÇÃO

PREÇO: Cr\$ 15,00

Pedidos à LIVRARIA F. ALVES — Rua OUVIDOR, 166

Dr. SPINOSA ROTHIER

Membro do Círculo Médico de Buenos Aires

DOENÇAS SEXUAIS E URINÁRIAS

(Endoscopia, Operações, Eletricidade, Hormônios Sexuais)

Rua Senador Dantas, 45-B — 9.º andar — Apartamento 902 — Telefone 22-3367

Livros

ULLYSSES

William Saroyan é sem dúvida um caso original na literatura norte-americana. Tendo se proclamado o maior escritor da América, depois de escrever algumas das mais belas páginas de toda a literatura dos Estados Unidos, foi posto em ridículo pela crítica. Rejeitou e, apenas dez anos foram suficientes para transformá-lo num dos maiores escritores da sua terra. Durante esse tempo, de 1930 a 1941, escreveu THE TIME OF YOUR LIFE e A COMEDIA HUMANA, que ha pouco vimos na tela, um belo filme. Escreveu ainda alguns contos em que confirmou seu talento.

Não se saltou na vida a experiência, essa grande mestra de qualquer pessoa que pretenda se dedicar às letras. Filho de um pastor presbiteriano armênio, nascido em Fresno, Califórnia, exerceu uma infinidade de ofícios humildes, tendo sido jornalista e estafeta de uma agência telegráfica.

Balzac teve uma perfeita antevisão da sua genialidade e da repercussão que teria a sua obra monumental. Sabendo avaliar a sua grandiosidade, não fazia disso segredo.

Saroyan, aos dezito anos de idade, descobriu que era um grande escritor.

Iniciou então uma luta sem tréguas contra o indiferentismo das revistas e das casas editoras que tentavam em recusar o seu talento. Finalmente, em 1934, "Slury", um grande magazine americano aceitou um conto seu intitulado THE DANING YOUNG MAN ON THE FLYING TRAPEZE, com o qual se tornou famoso do dia para a noite.

O seu jeito de encarar o mundo, que poderíamos chamar primitivo, pela ingenuidade dos seus personagens, pela pureza e bondade que se respira em cada página, tornam Saroyan um escritor original.

É sempre um dos umbrado diante das coisas puras da natureza, descobrindo em todas um motivo de agridoce e encantamento.

O espelxo dos seus personagens e sempre novo, porque em última análise são a própria vida, na sua essência, despoletada na alma de Saroyan prazeres que só os simples e bons podem vislumbrar.

É a atração irresistível que todo homem ha de sentir eternamente pelo marulhar de um regato e pela perfeição de uma rosa.

São todas essas coisas pequenas, insignificantes que nos tornam melhores e cuja existência justifica a vida e o mundo.

A natureza, ao contrário das coisas artificiais, mesmo se repetindo interminavelmente, não consegue cansar. Podemos ouvir durante toda a vida o barulho rítmico e misterioso das ondas que se quebram na praia, o gorgio de um passarinho, a queda contínua e estrondosa, igual, de água de uma cascata, sem que isso nos exaspere.

Todos esses encantos, profundamente sentidos por Saroyan, são transpostos para os seus livros.

Este mundo exterior, cheio de encantamentos para todos os que não se obstinam em permanecer cegos aos milagres quotidianos, vão impregnar os seus personagens.

É assim que Saroyan parece nos mostrar a vida: uma sucessão de milagres.

Talvez sintamos por isso mesmo uma certa irrealdade na atmosfera dos seus livros. É que toda aquela bondade ha de nos deixar incredulos, a nós estragados pela civilização e pela maldade.

As pessoas que se mexem no mundo fictício de Saroyan são todas escandalosamente boas, apresentando aquela pureza do primitivo ou das crianças.

• • •

Para o escritor americano, as crianças constituem um belo campo de pesquisas, e é admirável o que consegue realizar apresentando-nos a psicologia de um menino como por exemplo o pequeno Ulysses de A COMEDIA HUMANA.

Aprofundando-se nesse estudo, Saroyan dá-nos algo de muito impressionante, quando mostra as primeiras reações do espírito infantil diante do mundo real. É o entrecchoque do que a sua inteligência havia concebido A PRIORI sobre os homens e os seus sentimentos, e o que vai aos poucos descobrindo.

Naturalmente que essas descobertas constituem na sua grande maioria decepções, mas muitas delas trazem a alegria de uma conquista. E realmente são conquistas do conhecimento, armas que adquirimos para enfrentar as lutas da vida.

O processo adotado para demonstrar o ajustamento que se faz na mente infantil entre as palavras, a noção abstrata que Ulysses tinha das coisas e a sua concretização, conhecendo tal ato até então ignorado como o correspondente a tal palavra, é impressionante.

Que seria o medo? Ulysses sempre ouvira falar nele. Era uma palavra apenas, sem outra importância, como tantas palavras suas conhecidas. No dia em que conseguiu ajustar o seu conhecimento verbal com a experiência, concretizando seu conhecimento, havia conquistado algo.

O modo de nos apresentar o mundo interior, o ego da criança faz de Saroyan um escritor frio e digno da atenção.

Muitas são as figuras interessantes de seus livros: o irmão mais velho de Ulysses, com aquela sua filosofia da vida, descobrindo nas coisas mais corriqueiras um motivo de alegria ou de divertimento o velho da agência homem rude e bom. Entretanto, Ulysses justificaria sozinho um livro como A COMEDIA HUMANA.

• • •

A LEI DO DESTINO — São Paulo.



Lançado por um grupo de entusiastas do intercambio cultural luso-brasileiro que se reuniu na Comissão Editora de A Lei do Destino, acaba de sair a publico este notavel trabalho, assinado por Compilador X.

Neste volume, alem de traçado o historico das relações entre o Brasil e Portugal, são delineadas ideias sobre novos rumos de intercambio, em todos os terrenos, e estudadas as identidades dos dois povos, sob os pontos de vista diplomatico, politico, religioso, cultural, geografico, étnico, etc. chegando o autor, após a apresentação de uma coletanea interessante e bem compilada do que se tem dito a respeito, á conclusão de que uma necessidade premente se torna o conagração cada vés mais intimo das duas nações irmãs.

Os argumentos do autor são apoiados pela opinião de grandes expoentes do pensamento luso e da intelligencia brasileira, cujas palavras em apoio da grande causa são oportunamente transcritas.

No frontispicio do volume, aparecem em medalhões os retratos do Dr. Getulio Vargas e do General Carmona, símbolo da amizade politica do Brasil e Portugal.

Em apêndice caprichosamente impresso em papel couché, o livro apresenta um mapa-mundi, com o Brasil Portugal e Colonias assinalados com as cores nacionais.

Assim, a Comissão Editora da Lei do Destino elaborou um magnifico trabalho em prol da amizade luso-brasileira e, estamos certos, esta obra será recompensada pelos aplausos gerais de todos os brasileiros e portugueses residentes no Brasil.

Nova

AS OBRAS PRIMAS DO CONTO MODERNO. — Seleção, introdução e notas de Almiro Holmes Barbosa e Edgard Cavalheiro. — Retratos de Armando Pacheco. — Livraria Martins Editora. — São Paulo. — 1944.

Fazer um livro em que sejam apresentados os melhores contos dos melhores escritores é uma tarefa árdua. A primeira vista parece que havendo tantos escritores de renome que se dedicaram a este difícil gênero da literatura que é o conto, o trabalho devia ser bastante simples. Entretanto, a maior dificuldade é realizar eficientemente a escolha entre tantos bons.

Acresce ainda a dificuldade de que os melhores contos dos grandes escritores são frequentemente publicados, tendo-se tornado conhecidos da maior parte dos leitores. Seria preciso escolher os contistas menos conhecidos, menos traduzidos para o português ou mesmo para o francês.

Almiro Holmes Barbosa e Edgard Cavalheiro conseguiram apresentar uma boa antologia do conto moderno.

Como nos mostram no prefácio, o critério adotado foi fazer um livro apresentando um conto muito bom de cada autor e o maior número de autores do maior número de países. Aliás, na escolha dos contos não houve unicamente a preocupação da história apresentada no seu enredo, mas também e principalmente o que essa história pode representar para o seu autor, como um espelho da sua personalidade e das características da sua obra e do seu estilo.

Procuraram assim os autores dessa antologia apresentar, na medida do possível, uma obra prima de cada escritor. Assim, na maioria dos contos que vamos encontrar, há pelo menos uma centelha da genialidade que consagrou o nome e a obra do seu autor.

Entre os escritores escolhidos encontram-se alguns dos melhores da atualidade, em todos os países. Nomes como os de Bunin, Conrad, Duhamel, Hemingway, Huxley, Joyce, Kipling, Lagerloff, Mann, Maughan, Maurois, Monteiro Lobato, Papini, Pearl Buck, Remarque, Saroyan, Warpole e Zweig são mais do que suficientes para dar uma ideia do critério de escolha.

Muitos deles são largamente conhecidos do nosso público, embora nem sempre os contos o sejam.

Outros, porém, começam apenas a ser agora divulgados, com o grande número de traduções que tem aparecido.

Entre estes poderíamos citar Joseph Conrad, como é geralmente conhecido, ou Teodoro Conrad Korzienowski.

Muito embora tenha nascido na Polônia tornou-se conhecido como escritor inglês, um dos maiores dos últimos

tempos. Amy Foster foi o conto deste grande apaixonado pelo mar. É um conto verdadeiramente impressionante, pela sua perfeição, pela figura estranha da sua personagem principal e onde podemos sentir ainda aquela atração irresistível pelo mar, que Conrad sabe pintar como ninguém.

Este conto está incluído na obra *Tufão*, sendo um dos melhores, senão o melhor.

O mesmo se poderia dizer de *Chuva* um conto admirável de Maughan, incluído no livro *Histórias dos Mares do Sul*.

Nele encontramos revelada toda a perfeição da técnica de Somerset Maughan, este grande contista moderno.

Selma Lagerloff está representada num conto maravilhoso, como são todos os seus. Ela está na vanguarda dos escritores nórdicos mais conhecidos no Brasil, com um modo de escrever inteiramente novo para nós latinos, com a nossa literatura morbida, violenta.

De cada página desta fada escritora, desprende-se um mundo de suavidade, de pureza e de fantasia.

É um mundo novo e maravilhoso, cheio de formas fantásticas e ingenuas, de gnomos, de anões, de elfos na paisagem branca do norte da Europa. Selma Lagerloff, como em geral os autores nórdicos, tenta a revivência do mito.

Não poderíamos porém comentar todos os contos e todos os autores que são apresentados no livro.

Os outros nomes estão colocados no mesmo plano. A edição é valorizada pelos retratos de Armando Pacheco.

UROLOGIA CLINICA, por Oswald Swirney Lowsley e Thomas Joseph Kirwicz. — Edição brasileira traduzida pelo professor Estelita Lins. — Desenhos e estampas de William P. Didusch. — 1944.

Este tratado de urologia clínica, magnificamente apresentado e impresso, destina-se a proporcionar conhecimentos práticos acerca da natureza, diagnose e tratamento das doenças dos órgãos genito-urinários, de acordo com os conhecimentos atuais. Sendo um manual de técnica operatória apresenta também, embora resumidamente uma exposição de embriologia, anatomia, histologia e patologia das vias urogenitais. Baseado nos mais recentes e completos tratados de urologia, este volume apresenta o que mais perfeito e completo há sobre o assunto. A clareza do texto, no modo de expor, é naturalmente numa obra deste gênero e com estas finalidades de suma importância. E isto é perfeitamente conseguido pelo tradutor. Não poderíamos deixar sem registro as ilustrações e desenhos de P. Didusch, magnificamente gravados.

MANUAL DE DISSECAÇÃO, por Batista Netto. — Editora Científica. — 1944.

Visando facilitar aos estudantes de anatomia humana um meio simples e seguro de acompanhar seus trabalhos práticos em cadáver com um compêndio de manuseio fácil, essa obra, de primorosa apresentação, mostra a dissecação de todo o corpo, com exceção apenas da cabeça, cujo estudo exige uma técnica mais especializada. Divide-se assim em quatro capítulos: I — Membro torácico; II — Membro pélvico; III — Pescoço; IV — Tronco.

REGISTRO

GEOGRAFIA DO BRASIL. — Ariosto Espinheira. — Editora do Brasil S.A. São Paulo. — 1944. — Livro didático destinado ao ensino da geografia na terceira série do curso ginasial.

O SENTIDO BRASILEIRO E REPUBLICANO DAS REVOLUÇÕES PERNAMBUCANAS (1817-1824). — Américo Palha. — Ofs. Gráfs. O Globo. — Rio. 1944. Conferência realizada pelo autor no Instituto Brasileiro de Cultura em 11/6/1941.

ESTE É O CHARUTO VITORIOSO



É ASSIM QUE VOCÊ ESCOLHE?

por Augusto Rodrigues

CONTENTO-ME COM UM GOSTOSO!



Não! Dentifício não é "spaghetti al sugo"! Não dispense gosto, mas exija que este venha acompanhado do poder de proteger os dentes. Tenha ambos, pedindo Lever S.R.

CONTENTO-ME COM QUALQUER UM!



Não! Pedir na bamba, é o mesmo que enfiar a mão em combuca! Afinal, não é um sorriso lindo e sadio que você quer? Então basta pedir Lever S.R.

CONTENTO-ME COM UM BARATINHO!



Não! Ninguém anda de pé no chão, só para poupar calçado! Suas gengivas, que valem milhões, podem ser mantidas rosadas e saudáveis, de maneira econômica, com Lever S.R.

- EU USO Lever S.R.

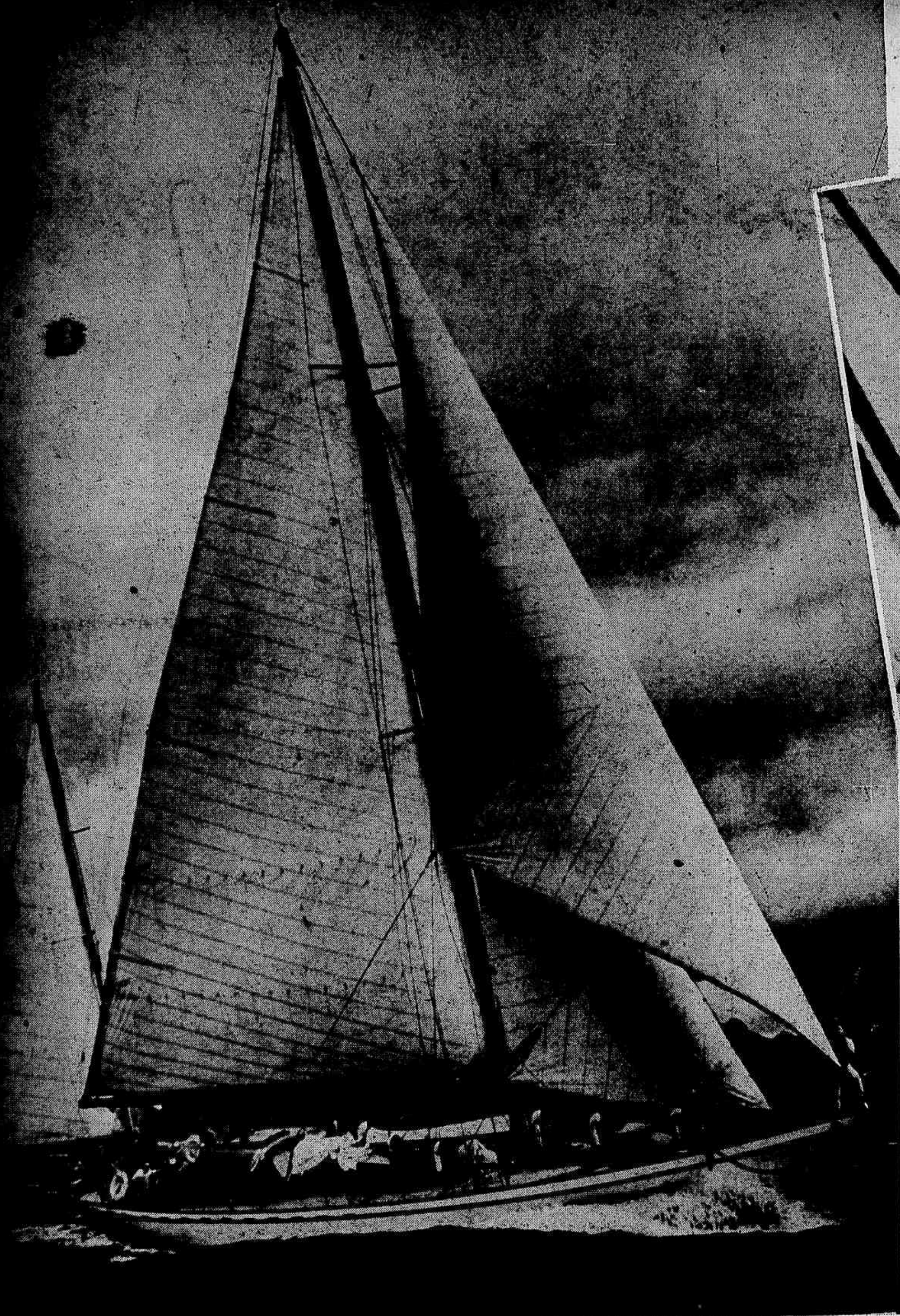
O TIPO DA ESCOLHA CERTA!

Que dentifício completo é Lever S.R.! É econômico, gostoso e refrescante. E ainda proporciona a proteção de Sódio-Ricínoleato, o poderoso elemento que assegura a saúde das gengivas, mantendo seus dentes fortes e bonitos. É assim que Lever S.R. mantém dentes brancos... mantém os dentes!

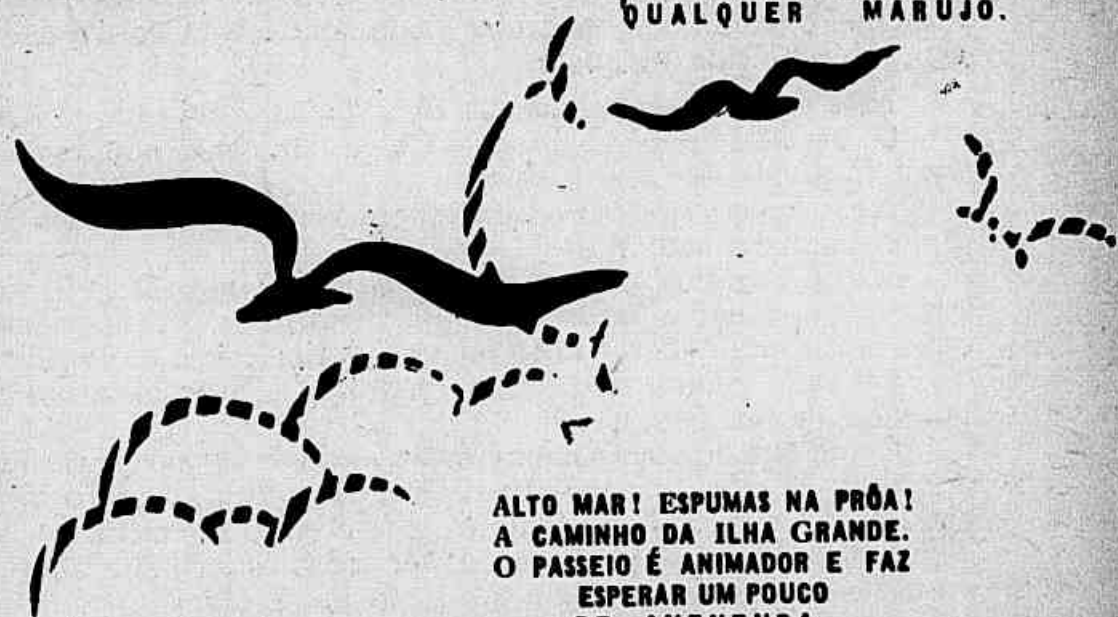
MANTÉM DENTES BRANCOS... MANTÉM OS DENTES!



LINTAS SR 109-0100



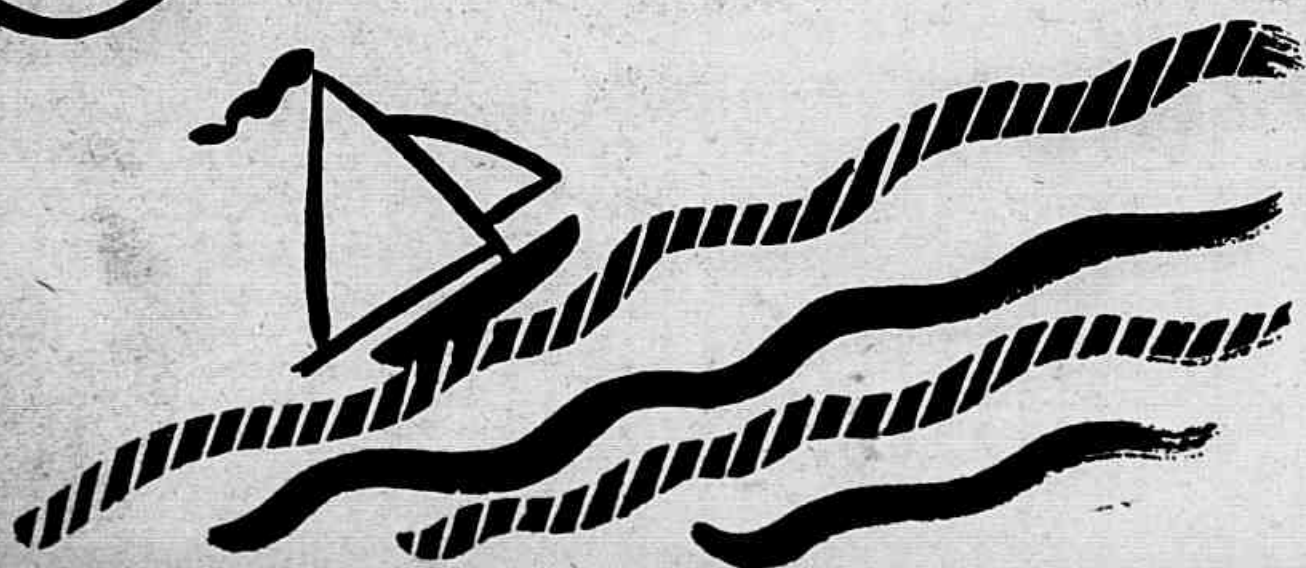
ATENTA AO RUMO, A SENHORITA MALCOLM REVELA-SE UMA EXCELENTE TIMONEIRA, RIVALISANDO COM QUALQUER MARUJO.



ALTO MAR! ESPUMAS NA PRÔA! A CAMINHO DA ILHA GRANDE. O PASSEIO É ANIMADOR E FAZ ESPERAR UM POUCO DE AVENTURA.

VENDAVAL EM PERSPECTIVA. FORTE SUDOESTE NA BAÍA DA GUANABARA. TODOS A POSTOS EMBORA A SITUAÇÃO NÃO APRESENTE A MAIOR GRAVIDADE.

Sailing





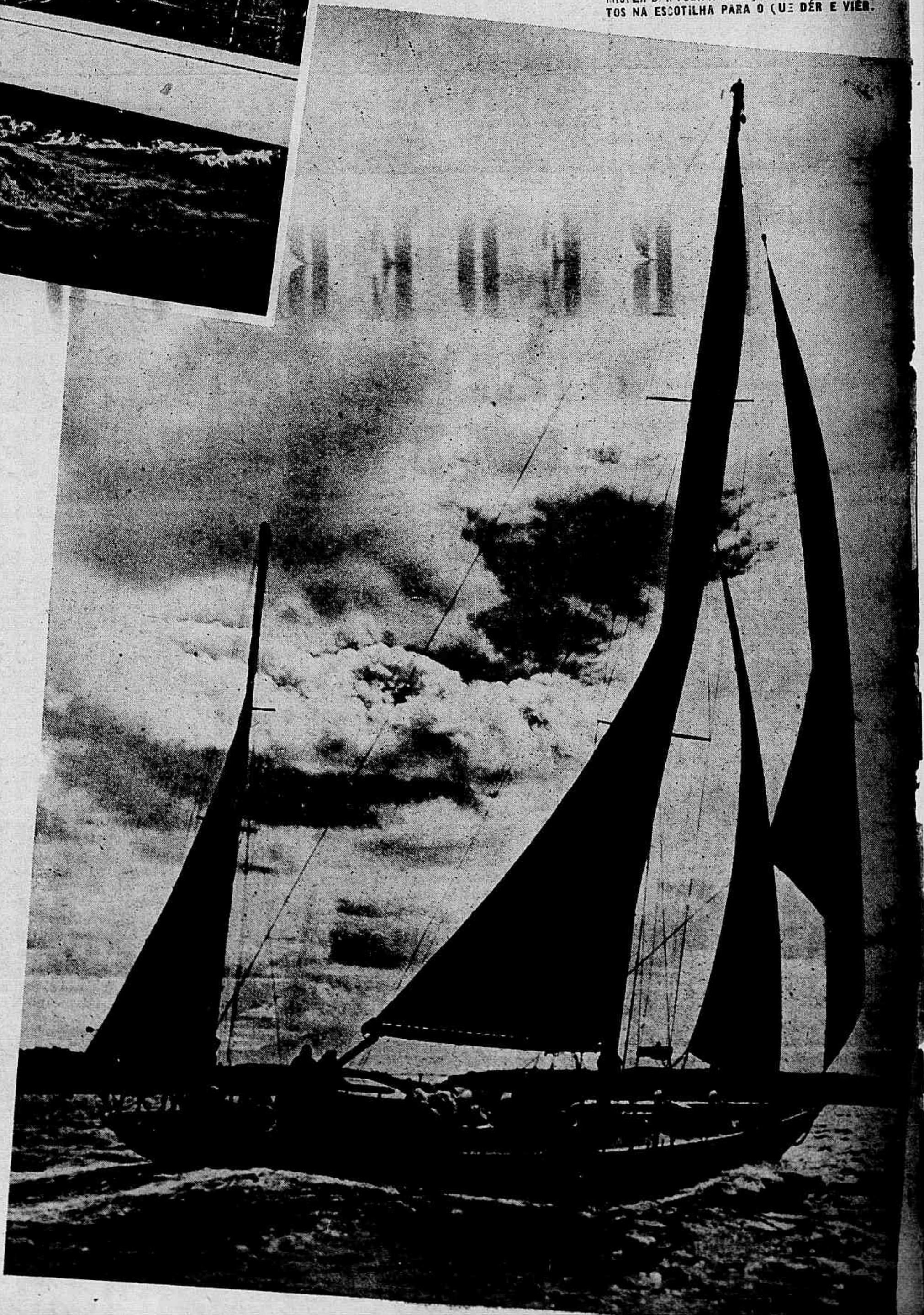
A BORDO DO "YONDA", PREBEN SCHMIDT, OS IRMÃOS HINDEN E A SENHORITA MARGARET PREPARAM-SE PARA UMA TARDE ALEGRE, CHEIA DE SOL E DE AÇÃO.

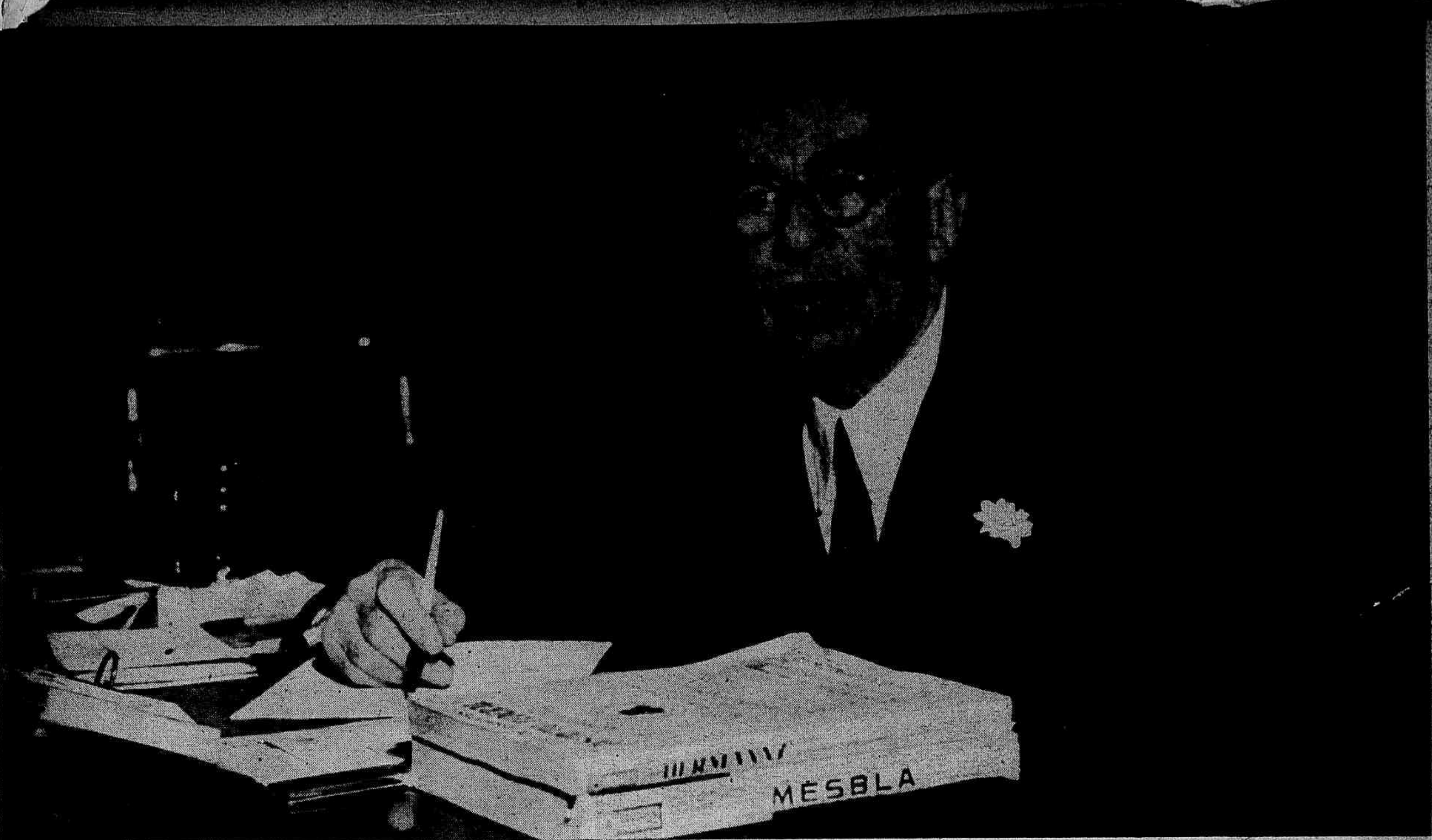


"FLYING CLOUD". A BONITA ESCUNA DA FAMÍLIA M/RVIN, DE VELAS ABERTAS, SINGRANDO À FLOR DA ÁGUA... QUE MELHOR REPOUSO PARA UM DOMINGO DE SOL?

VENDAVAL. NUENS QUE SE VÃO FORMANDO. AS ÁGUAS COMEÇAM A FICAR REVOLTAS. É MISTÉR DAR TODA A ATENÇÃO AO LEME. PRONTOS NA ESCOTILHA PARA O QUE DÉR E VIÉR.

O esporte da aristocracia por excelência vai conquistando seus "fans" e ganhando relevo no Brasil. E' ainda uma simples minoria os que o praticam, mas o numero tende a aumentar e, sem duvida, no após guerra, esse após guerra pelo qual toda a Humanidade anseia, o "yachting" ha de intensificar-se muito mais. As aguas da Guanabara são as mais convidativas e sedutoras para praticá-lo. As manhãs ensolaradas do verão e mesmo as do outono, porque em qualquer estação a Guanabara vive deslumbrantes dias de sol e de calor, desse tépido calor de veranilho, são um convite amável aos passeios marítimos. Um giro pelas aguas quietas ou ligeiramente encrespadas da baía, um itinerario traçado e nem sempre observado com precisão, um saboroso "lunch" que se preparou para o correr do dia... E depois, mão forte no leme, velas abertas, paz, muita paz de espirito... E' assim que se pratica o "yachting". Na enseada de Botafogo já o panorama ganha um colorido especial, principalmente nas manhãs de domingo. São as velas brancas, azuis e vermelhas, panejando ao sol e provocando inveja aos que não teem a dita de conhecer por experiencia propria as emoções do esporte.





Frederico Figner em sua mesa de trabalho. Esse é o homem que, ainda nos últimos dias do Império, apresentava o fonógrafo não só no Rio mas pelas localidades do Interior. Seu nome está vinculado aos dois setores — o comercial e o espirita — conseguindo dividir-se proporcionalmente entre ambos.

FREDERICO FIGNER

E A LITERATURA DE ALEM-TUMULO DE HUMBERTO DE CAMPOS

FRED. FIGNER já foi chamado santo. É verdade que aquele que o mimoseou com o título acrescentava maliciosamente, santo... das máquinas de escrever. Entretanto, se a sinceridade e a convicção podem fazer de um homem um santo, se estar disposto a qualquer sacrifício pelo espiritismo, sua religião, pôde canonizar, em vida, um homem, nesse caso não resta mais dúvida: Fred. Figner é santo, e santo *tout court*.

Dizia-me ele:

— Não temo as perseguições. Se me prenderem, melhor. Considerarei isso um título de glória!

Depois disso é impossível duvidar da sinceridade desse verdadeiro espírito que todos os dias recebe dezenas de cartas de todos os recantos do Brasil, e mesmo do estrangeiro, pedindo socorro espiritual.

A primeira pergunta que lhe fizemos foi sobre a sua religião.

— Afinal, Sr. Figner, que é o espiritismo?

— Meu filho, espiritismo agora é Filosofia, Ciência e Religião. A manifestação é coisa velha. O velho testamento alude a manifestações de espíritos. Swedenborg, no princípio do século dezoito, desprendia-se do seu envólucro carnal e ia, espaço a fóra, a colher informações no mundo espiritual, e, voltando, descrevia o que tinha visto e ouvido. Era um bom medium. Em 1848, as meninas Fox, em Hydesville, E. E. U. U., perceberam manifestações, sendo que uma delas descobriu que a entidade que se manifestava,

fazendo barulho e batendo nos móveis, em sua residência, não só escutava mas que também via quando com os dedos lhe indicava as pancadas que devia dar no móvel. Chamando a atenção de sua mãe para o fato, combinou esta com o espírito o alfabeto: uma pancada por A, duas por B, etc. E assim surgiu o moderno espiritismo, aparecendo os médiuns por todos os cantos do globo, e dando os espíritos demonstrações de identidade e consequente sobrevivência da personalidade humana.

— É verdade que o espiritismo tem meios de curar doentes desenganados?

— Cura, é lógico. Curamos não só obsessões, como moléstias. A cura das obsessões tem sido amplamente praticada em todos os Centros. Eu mesmo tenho me dedicado a isso com todo o coração e, graças a Deus, muitas criaturas, por este Brasil a fóra, andam libertas de seus obsessores sem saber como. Tem sido curados tanto os que estiveram em casas de saúde, no Hospício daqui, como de Juquiri, em S. Paulo.

E continuando:

— Um dia chegou ao Rio uma senhora

idosa que me procurou no escritório, dizendo: — “O senhor tem fama, em S. Paulo, de curar, e eu venho lhe pedir a cura de meu filho que há três anos e meio se embriaga todos os dias. É secretário de legação e está com 6 meses de licença em minha casa. A licença vai acabar e ele, assim voltando, é um desgraçado. Cure meu filho.”

— Minha senhora, disse-lhe eu, quem cura é Deus. Se Deus quiser, seu filho ficará bom. Naquela mesma noite fiz uma sessão para o caso e, consultando o guia, disse: ele que iam trabalhar pelo rapaz, que era um caso de subjugação. Manifestou-se um espírito que o perseguiu por vingança, por ter o môço, em vida anterior, desgraçado uma sua filha. Andou á sua procura, encontrando-o finalmente em Haia e lá mesmo o subjugou para o inutilizar. Procurei convencer o espírito de que não tinha direito á vingança, que esta pertencia a Deus, pois a própria lei divina se incumba de fazer justiça.

O espírito renitente não quiz perdoar, mas foi afastado e, naquela noite mesmo, cessou a obsessão. Três dias depois, voltou e, com muita persuasão, vendo

as maldades por ele praticadas em passadas vidas, perdoou; e a vítima, que nunca fôra um viciado, até esta data não bebeu mais uma gota de bebida que contivesse alcool. Isso vai fazer em julho 3 anos.

— Podia dizer o nome desse diplomata?

— Foi...

Infelizmente, amáveis leitores, a discreção nos impede de revelar a identidade do diplomata, que, diga-se, é nome conhecido e respeitado.

— Bem, prosseguiu Figner, como ia dizendo, centenas foram curados dessa maneira. Ainda no princípio do mês passado um rapaz filho de um advogado, que há dez anos não saía do quarto, foi liberto no mesmo dia em que me pediram socorro.

— Porém, no que diz respeito às curas...

— Compreendo aonde quer chegar. Até 1942 era livre o exercício da mediumidade para fins de cura. Podíamos, portanto, dar passes magnéticos e fornecer receitas, gratuitamente. Na Federação era dada mensalmente uma média de 20.000 receitas, encarregando-se ela de aviar todas as que os pacientes solicitavam.

— Como eram recebidas essas receitas?

— Muito simplesmente. Concentrava-se o medium e o espírito-médico lhe dava intuição dos remédios que devia prescrever. Era só o trabalho de escrever. Eu mesmo já escrevia, ditadas pelo medium Nilo Fortes, duzentas receitas por hora durante

Esta é a assinatura autêntica de Humberto de Campos. Clara, precisa.



Não é fácil obter uma entrevista do velho Figner. Ele, porém, mostrou-se de uma cativante gentileza para conosco interrompendo seus afazeres por tempo indeterminado para satisfazer a curiosidade do reporter. Só o fez, certo, porque está em jogo um dos seus grandes centros de atividade.

“NÃO TEMO PERSEGUIÇÕES. SI ME PRENDEREM, MELHOR. CONSIDERAREI ISSO UM TÍTULO DE GLÓRIA” — A INTENSA REPERCUSSÃO DE UMA REPORTAGEM DA “REVISTA” — OS QUE SABEM NÃO PODEM E OS QUE PODEM NÃO SABEM — “NÃO HÁ DÚVIDA QUE PASTICHE SE PODE FAZER, PORÉM CHICO XAVIER ESCREVE AS MENSAGENS COM VELOCIDADE VERTIGINOSA” — VIRIATO CORRÊA JÁ REALIZOU UMA CONFERÊNCIA NA FEDERAÇÃO — UM CONSELHO AOS IMORTAIS COM VIAGEM MARCADA... — NILO PEÇANHA JÁ DEU CONSELHOS POLÍTICOS DO ALÉM — FINALMENTE, UM APÊLO AO CHEFE DA NAÇÃO

Reportagem de ROBERTO LYRA FILHO

muitos anos, todos os dias das 7 às 8 horas da manhã.

— Há muitos espíritas que fazem esse trabalho?

— No ano passado morreu um apóstolo da caridade. Um barbeiro de Botafogo, de nome Inácio Bittencourt, que tratou inúmeras pessoas durante 50 anos, tendo dado nesse lapso de tempo mais de três milhões de receitas. Desencarnado, não deixou um vintem á viúva. Foi um apóstolo da caridade. São esses os homens que o Dr. Leonídio Ribeiro chama charlatães e exploradores espíritas.

— Hoje, porém, os senhores não podem mais expedir receitas, não é verdade?

— Sim, nem dar passes. O Código Penal no-lo proibiu. Foi feito justamente para impedir a prática cristã da caridade espírita recomendada por Jesus aos seus discípulos quando disse: — “Ide, curai os enfermos, ressuscitai os mortos, limpai os leprosos, dai de graça o que de graça recebestes”. E os discípulos, que não cursaram academias, curaram, de fato, e assombrados voltaram a contar ao Senhor. “Até os demônios nos obedeceram.” Agora é crime perante a lei dar passes e receitas.

A medida que fala, a voz de Figner se eleva e o entusiasmo aumenta. Por fim, chega ao auge. Seus olhos brilham de fervor quando diz energico:

— Havia quem se julgasse prejudicado em seus interesses materiais e esses, mancomunados com os feitores do Código, prepararam os ar-

tigos 282 e 284, de tal forma que ninguém pode ter um gesto de caridade sem se sujeitar a ir por seis meses para a cadeia. Estou certo, conclue Figner, que o Presidente Getúlio Vargas quando promulgou o Código estava longe de pensar que este seu ato viria impedir a prática da caridade e impedir aos necessitados de encontrar um refugio com as curas dos espíritos.

OS QUE SABEM NÃO PODEM E OS QUE PODEM NÃO SABEM

— Mas, Sr. Figner...

— E' isso, meu filho. Ainda há poucos dias tivemos a história trágica de um senhora que me trouxe uma carta de um seu sobrinho que eu havia curado há muitos anos. E contou-me o caso de sua filha, de 16 anos, que, em todo esse tempo, não conseguira ainda aprender a ler, pela perturbação em que estava desde criança. Pedi-me ela que desse passes á sua filha. Respondi-lhe que não podia, pois que era crime, e ela, em resposta, soltou essa frase significativa:

— Os que sabem não podem e os que podem não sabem!

Com os passes, curei milhares de creaturas de todas as qualidades de molestias, mas, agora, é crime perante a lei.

No entanto, quando uma questão entre a Saúde Pública e Inácio Bittencourt chegou ao Supremo Tribunal onde o Inácio foi absolvido por 11 votos contra 1, o brioso ministro Viveiros de Castro disse:

— Os espíritas tem o mesmo direito de procurar a cura com os espíritos, como nós os católicos, o temos, de a procurar com a Virgem de Lourdes.

Um caso despertou interesse de milhares de leitores: a autoria dos livros póstumos de Humberto de Campos, questão essa que, diga-se de passagem, foi provocada por uma reportagem da REVISTA DA SEMANA: “Humberto de Campos, escritor de Além Tumulo”, onde trascreviamos as opiniões de várias autoridades, com o maior grau possível de imparcialidade. E' natural que, numa entrevista com Frederico Figner, perguntássemos sua opinião sobre o assunto. Ele, em resposta, mostrando

que lera com atenção a reportagem aludida, respondeu áqueles que nela falaram contra a hipótese de autenticidade de tais livros.

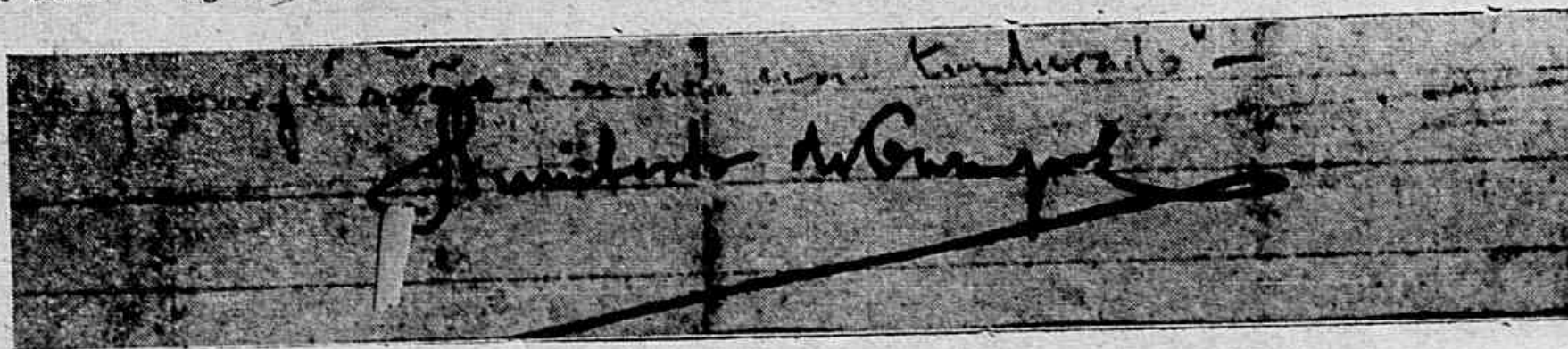
— Não há duvida que pastiche se pode fazer desde que o individuo possua habilidade para isso; porém fazê-lo com a velocidade vertiginosa como o Chico Xavier escreve as mensagens dos espíritos, sem faltar um ponto ou uma vírgula, como tem sido presenciado por grande número de intelectuais, que o têm visitado na sua casinha em Pedro Leopoldo, é absolutamente impossível.

Admiração me causou ter Viriato Corrêa dito que não leu as mensagens de Humberto, pois há bem pouco tempo disse-me que fazia sessões em casa, sendo sua filha a medium.

Creio que sendo da Academia, ele se envergonha de nivelar-se com os pobres de espírito de quem Jesus disse que entrariam no reino dos céus.

Na sua conferencia, na Federação Espírita Brasileira, depois de dizer, “eu me julgava um ser de exceção, estava no dever de reduzir Deus a zero,” confessou: “Um dia, porém, a gentileza piedosa de um amigo pôs-me na mão um livro de Allan Kardec. (Livro dos Espíritos). Li-o de um fôlego, de um trago. Tinha chegado o meu dia, como chegara ao coelho o de pôr a cabeça fóra do buraco. E o meu deslumbramento não foi menor que o do animal da fábula. Ao correr os olhos pelo livro espírita, eu tinha a sen-

(Continúa na pág. 58)



E esta a reproduzida pelo “medium” á qual se refere Frederico Figner em nossa reportagem.

UMA JUSTA HOMENAGEM

SR. ARTHUR ANTUNES
DE MORAIS E CASTRO SAU-
DANDO O HOMENAGEADO.



O DR. JUVENAL DE
QUEIROZ VIEIRA
CERCADO PELOS AMI-
GOS QUE O HOME-
NAGEARAM.



UM ASPECTO DO ALMOÇO.

OUTRO GRUPO DE PES-
SOAS PRESENTES AO
ALMOÇO, VENDO-SE O
DR. JUVENAL DE
QUEIROZ VIEIRA TEN-
DO AO LADO O SR.
ERNESTO STAMPA,
PRESIDENTE DO SIN-
DICATO DOS CORRE-
TORES DE FUN-
DOS PUBLICOS E
CAMBIO DO RIO DE
JANEIRO.

Tendo transcorrido recentemente o aniversário natalício do Dr. Juvenal de Queiroz Vieira, presidente da Câmara Sindical da Bolsa de Valores, os seus amigos, representados por uma comissão constituída dos srs. Ernesto Stampa, José Wellemssens Junior, Gustavo de Carvalho, Artur Antunes de Moraes e Castro, José Nascimento Araújo e Luiz José Cabral de Menezes, ofereceram-lhe um almoço no salão de banquetes do Clube Ginástico Português, ao qual compareceu crescido numero de elementos representativos de nossa alta sociedade.

Ao champagne usou da palavra o corretor Ernesto Stampa, presidente do Sindicato dos Corretores de Fundos Públicos e Câmbio do Rio de Janeiro, que levantou o brinde de honra ao homenageado enaltecendo as suas raras qualidades morais e intelectuais.

Como complemento desta homenagem, foi ofertada ao Dr. Juvenal de Queiroz Vieira um lindo jarro de prata portuguesa, tendo então usado da palavra para interpretar os sentimentos dos ofertantes o corretor Artur Antunes de Moraes e Castro.

Seguiu-se com a palavra o corretor Stampa para aludir a mais uma lembrança ofertada, representada por uma aprimorada pasta em couro, destinada a reunir as listas de adesão e discursos referentes á homenagem prestada. A todas as demonstrações de elevado apreço, o homenageado agradeceu, visivelmente comovido.



A GUERRA EM MARCHA

ORGANICISMO NA GUERRA

De tal modo se tornou complexa a guerra atual, tendo mesmo adquirido novas dimensões, desenvolvendo-se vertical e horizontalmente, no fundo dos mares e nos ares, na superfície da terra e dos oceanos que, parodiando Spencer, poderíamos criar uma teoria organicista da guerra, atribuindo a cada arma uma determinada função dentro do monstruoso organismo.

Assim é que a aviação de reconhecimento, que teve nesta guerra uma importância extraordinária, poderia ser comparada aos olhos sempre atentos, do exército, olhos dotados de uma capacidade quase ilimitada de penetração, capazes de desvendar todos os movimentos preparatórios do inimigo.

A arma submarina tão carinhosamente criada e desenvolvida pelos nazistas, sob os cuidados do Almirante Doenitz, e com a qual o truculento Sr. Goebels ameaçava estrangular, não apenas a Inglaterra mas o mundo inteiro até que este sucumbisse os joelhos ante o poderio invencível do III Reich, mereceram toda a atenção de Hitler.

Esses imensos tentáculos do polvo nazista estenderam-se através do Atlântico, vindo assassinar as suas vítimas aqui na América.

A aviação e a arma submarina constituíram as preocupações máximas de Hitler e seus asséclãs antes de ser desencadeado o assalto à civilização.

As fábricas de submarinos e aviões estendiam-se por toda a superfície da Alemanha e posteriormente pelos territórios dos países ocupados, tornando difícil a tarefa dos bombardeiros aliados encarregados da destruição da indústria bélica do Reich. Depois de resistir heroicamente aos primeiros e terríveis golpes do monstro, a Inglaterra e os Estados Unidos começaram a revidá-los com uma energia e segurança, que nunca poderiam ser imaginadas pelo Reich. Os bombardeiros aliados sobre a Alemanha e países ocupados, vem assumindo proporções verdadeiramente aterrorizantes. No mês de Março foram lançadas sobre a Europa — excluindo a Itália — 55.000 toneladas de bombas; no mês de Abril 81.000 e mais de 120.000 em Maio. Como vemos, o crescendo é assustador e o cérebro da indústria bélica nazista, os centros em que são produzidos tanks, aviões e submarinos, bem como as artérias e veias, constituídas pelas estradas de ferro,

e de rodagem, ha muito se ressentem desse tratamento. Os sinais de fraqueza do monstro nazista já se vêm fazendo notar de uns tempos para cá — Ele está seriamente ferido e limita-se a uma defesa desesperada de fêra encurralada.

Os tentáculos assassinos foram cortados, e atualmente os comboios aliados atravessam o Atlântico quasi em segurança, sem que a frota submarina nazista os incomode.

Os vôos daquela arrogante Luftwafe que ainda ha dois anos podia arrasar cidades indefesas como Coventry, aqueles vôos ousados de ave de rapina transformaram-se em vôos galináceos.

As operações de invasão na costa norte da França, justamente no local onde deviam ser mais esperadas, vêm demonstrar a que ponto está enfraquecido o poderio germânico. Doenitz afirmou que os seus submarinos impossibilitariam, mediante ataques decisivos, qualquer tentativa de invasão aliada, destruindo os navios que tentassem conduzir as tropas às praias do continente.

Naturalmente não seria muito proprio falar na aviação alemã, que de ha tempos mal aparecia para enfrentar as esquadras compactas que bombardeiam o Reich.

Tendo repetido o erro fatal de relegar a segundo plano a construção de uma frota de superfície ou, talvez contando com o auxilio da esquadra fascista e a apreensão da francesa, poucos eram os elementos com que contavam os nazistas para enfrentar a maior frota de guerra jamais reunida por qualquer potencia ou grupo de potencias, em toda a história.

Realisaram-se assim, não inteiramente sem dificuldades, os desembarques aliados na França e as cabeças de praia inicialmente estabelecidas foram definitivamente consolidadas, tendo sido encerrada com absoluto exito a primeira fase da mais ousada operação desta guerra.

Os aviões nazistas que tentavam interferir foram rapidamente postos fóra de combate. Os raros submarinos da formidável esquadra que impediria o desembarque foram liquidados pela aviação aliada.

A segunda fase da invasão está em pleno curso e os resultados são os melhores possíveis. Algumas cidades de importancia estratégica já estão em poder dos soldados anglo-

(Continua na página 56)



Esta foto foi feita pouco antes do inicio da invasão vendo-se o general Dwight Eisenhower, à esquerda, comandante supremo das forças aliadas, em palestra com o general Spaatz, ao centro, e com o general Doolittle, assistindo à decolagem de centenas de Mauders B-26 que empreendiam um violento "raide" contra o continente. Era, então, a ofensiva denominada "pre-invasão", para "suavizar" o terreno e destruir a resistencia inimiga. Os resultados foram ótimos. No dia 6 de junho, isso ficou demonstrado.



16

NO PRINCÍPIO FORAM TUDO VITÓRIAS E ÊXITOS. MAS A INVENCIBILIDADE DOS SOLDADOS DE HITLER FOI DESMENTIDA COM O TEMPO E PELO CONGRACAMENTO DOS POVOS LIVRES. ESSES HOMENS TALVEZ TENHAM SONHADO COM O DOMÍNIO GERMANICO SOBRE O MUNDO. MAS AGORA, APRISIONADOS POR TROPAS FRANCEZAS, DEVEM COMPREENDER MELHOR A LOUCURA EM QUE SE EMPENHARAM. (FOTO S. F. I.).

NOS SUBTERRANEOS DA "FORTALEZA"

Uma das maiores tragédias da guerra — principalmente da atual — é a dos prisioneiros de guerra. Pouco ou quase nada se tem dito a êsse respeito, apesar de ser, êsse, um dos aspectos de maior importância dentro dos atuais acontecimentos do mundo.

O drama desses prisioneiros exige maior cuidado, maior atenção por parte de quem devia disso tomar conta: os governos. Entretanto, não fôsse a obra espontânea de uma legião de abnegados, em todo o mundo, êsses infelizes, vítimas das contingências naturais da guerra, estariam entregues ao mais completo abandono, quer físico, quer moral e espiritual.

Essa legião de abnegados forma a Comissão Mundial de Assistência aos Prisioneiros de Guerra, com sede em Genebra, organizada e dirigida em todo o mundo pelas Associações Cristãs de Moços (Y. N. C. A.) com a colaboração da Cruz Vermelha Internacional, com sede também em Genebra, na Suíça.

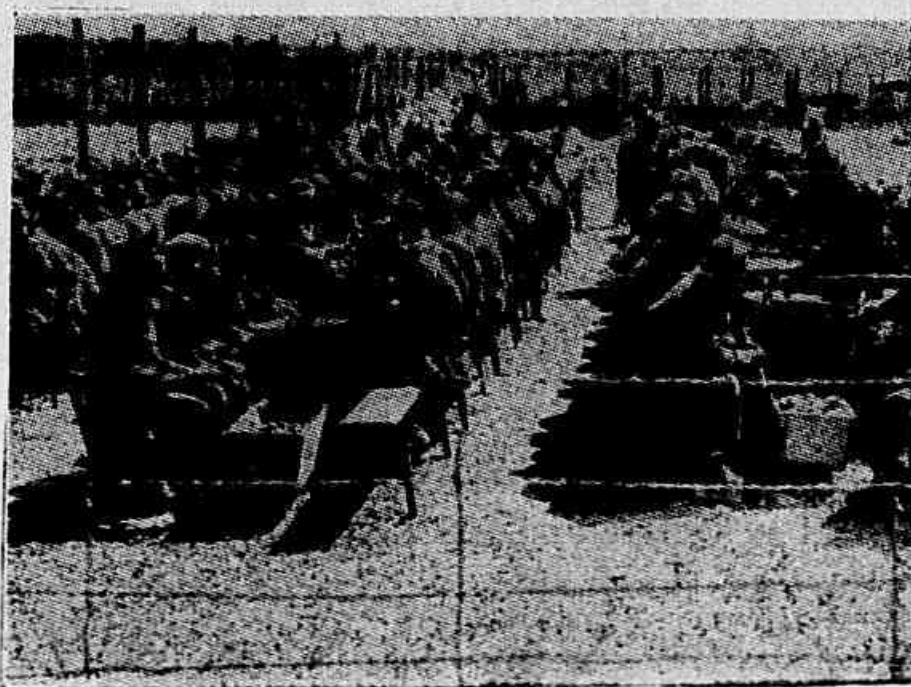
No Brasil, a Comissão de Genebra trabalhou e não foi improfícuo o seu labor. A estas horas, talvez, alguns de nossos irmãos brasileiros, prisioneiros de guerra, na França e mesmo na própria Alemanha, já estejam recebendo os frutos do esforço desenvolvido, aqui, pelos representantes daquela benemérita instituição.

Mas não somente os poucos brasileiros que se encontram nos campos de concentração na Europa necessitam de nosso socorro. Sob a trá-

MAIS DE SEIS MILHÕES DE PRISIONEIROS DE GUERRA AGUARDAM, NOS CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO, EM TODO O MUNDO, A NOSSA GRANDE PROMESSA: — A PAZ E A LIBERDADE.

por *N. PITHAN E SILVA*

PRISIONEIROS NUM CAMPO DE CONCENTRAÇÃO, ISOLADOS PELAS CERCAS DE ARAME FARPADO, MUITAS VEZES LIGADAS À FORÇA ELÉTRICA. ALI VIVEM OU, MELHOR, YEGETAM, AGUARDANDO O DESENVOLVER DOS ACONTECIMENTOS. SE O FIM DA GUERRA LHEZ DEVOLVERÁ A LIBERDADE... SE COISA PIOR NÃO ACONTECER.



gica visão dos arames farpados, nos cinco continentes, existe mais de seis milhões de prisioneiros de guerra que esperam confiantes no grande dia da Paz e da Liberdade pelas quais o mundo se debate heroicamente.

Seis milhões de homens, mais ou menos moços, vivem em silêncio — e esquecidos — a inigualável tragédia de sua vida.

Passam-se os dias e passam-se os meses, sem que eles tenham uma esperança de liberdade, isolados do resto do mundo, tendo como único e inflexível horizonte a mangueira infamante de arame farpado onde foram encurralados como animais e de onde não podem sair.

Tombam os sóes no poente, mancham-se de luz sanguínea as alvoradas — e eles sempre ali, no desespero trágico e na monotonia lúgubre de um destino de guerra, sem outro direito e outro consolo que o de contemplar o céu de onde as almas parece haverem para sempre tombado, na queda do homem que esqueceu a Deus e violou os mandamentos da Lei, cubiçando, odiando e matando ao seu semelhante.

Isolados do mundo, na solidão imensa de si mesmos, sofrem a nostalgia dos lares destruídos, das criaturas queridas que nunca mais abraçarão.

— E uns são artistas cujo ideal de beleza foi transformado em flama de assassinio e guerra;

Diante de tanta dor e de tantas necessidades de alívio e reconforto, a Cruz Vermelha Internacional e a Comissão Mundial de Assistência aos Prisioneiros de Guerra, ambas com sede em Genebra, e na mais estreita colaboração, postaram-se ao serviço dos prisioneiros de guerra.

A Cruz Vermelha tomou a seu cargo a proteção sanitária e médica dos prisioneiros, facilitando-lhes o intercâmbio de notícias e correspondência com as suas famílias, ao mesmo tempo que lhes serve de intermediária de encomendas com roupas, tabaco, etc.

— Quem pode avaliar o benefício de uma notícia esperada e amada ou o alívio de um cigarro para o desespero da alma do prisioneiro de guerra?

com as autoridades eclesiásticas dos diversos cultos religiosos para as suas celebrações campais — e procuram, na medida do possível, melhorar as condições de vida nos acampamentos, esforçando-se, sobretudo, em manter elevados o moral, a moralidade e o espírito dessas enormes populações de prisioneiros.

— Uma pelota de futebol, um acordeon, uma notícia ou uma fotografia dos pais, da noiva, da irmã, da esposa, da filha; um crucifixo, uma Bíblia ou uma palavra de consolo em momentos de tristeza, teem já proporcionado grandes consolações e alegrias e, em muitos casos, teem sido pretexto de benção e salvação de uma vida.

E QUANTO CUSTA ESTE AUXÍLIO?

Durante o primeiro ano de guerra, para atender a 3.000.000 de prisioneiros, gastaram-se 200 mil dólares; para o ano que termina em 30 de Setembro de 1944 se necessita de 502 mil dólares para poder atender a mais de 6 milhões de prisioneiros distribuídos pelos cinco continentes.

— Si desejamos salvar a essas vidas, devemos ir quanto antes em seu socorro e sem medir sacrifícios.

SNR. HENRI FRENAY, COMISSÁRIO DOS PRISIONEIRAS E DEPORTADOS, INTEGRANDO O GOVERNO PROVISÓRIO DA REPÚBLICA FRANCÊSA, UM DOS CHEFES DA RESISTÊNCIA NA METROPOLÉ.

GENERAL CHARLES DE GAULLE, PRESIDENTE DO GOVERNO PROVISÓRIO DA REPÚBLICA FRANCÊSA.

— E outros são cientistas, pesquisadores, estudiosos, que tiveram de abandonar os seus laboratórios, os seus gabinetes de reflexão, pela trincheira — seus instrumentos de vida pelas armas da morte.

— Quem são esses pobres, miseráveis homens do curral de arame farpado?

— São chefes, oficiais e soldados, marinheiros e aviadores, sábios e artistas; são homens de todas as raças, nacionalidades e religiões, os quais defendiam a sua pátria e os seus lares — e caíram prisioneiros; são civis que foram internados; porém, são, também, Filhos, Esposos, Pais amargurados.

São Filhos, que amam o lar paterno e anseiam receber notícias que nunca chegam!

São Pais, que pensam constantemente nos filhos que deixaram e não sabem si eles ainda existirão. Que será feito deles? Que restará da casa tranquila de outrora?

São Esposos, que não podem esquecer o amor da esposa e dos filhos, nem a felicidade para todo o sempre perdida!

São Milhões de Homens arrancados brutalmente de sua vida ativa e feliz e que passam agora seus dias no desespero silencioso daquele isolamento de morte, naquela concentração sombria e trágica do acampamento feroz, todos amargurados e inativos, vergando a alma alcançada ao peso das recordações e nostalgias, imersos profundamente em abismos de dor e de agonia!

AVIS

- 1) Louis-Jean ELIE
- 2) Roger GROIZELEAU
- 3) Joseph THORAVAL
- 4) Joseph PRIGENT
- 5) Roger OGOR
- 6) René GOURVENEC
- 7) Albert MULLER
- 8) François QUEMENER
- 9) Louis STEPHAN
- 10) Georges BERNARD
- 11) Robert BUSILLET

tous domiciliés à Brest
ont été condamnés à mort pour détention d'armes, de munitions et d'explosifs, pour violences préméditées (actes de francs-tireurs) contre des membres de l'armée allemande, pour agissements en faveur de l'ennemi par des menées gaullistes, et pour espionnage. Ils ont été fusillés aujourd'hui.

Paris, le 10 décembre 1941.
Der Militärbefehlshaber in Frankreich.

"FORAM FUZILADOS HOJE"... ESSE FOI O FAZ-SIMILE DO COMUNICADO DAS AUTORIDADES ALEMÃES DE PARIS SOBRE O FUZILAMENTO DE ONZE PATRIOTAS DE BREST, CONDENADOS POR PORTE DE ARMAS, MUNIÇÕES E EXPLOSIVOS, VIOLÊNCIAS PREMEDITADAS (ACTOS DE FRANCO-ATIRADORES CONTRA MEMBROS DO EXERCITO ALEMÃO, ATUAÇÃO EM FAVOR DO INIMIGO, ATIVIDADES GAULLISTAS E ESPIONAGEM. SOMENTE NA REGIÃO PARISIENSE OS NAZISTAS FUZILARAM SETENTA E SEIS MIL CIDADÃOS.

A Comissão de Assistência aos Prisioneiros de Guerra, por sua parte, atende ao problema do bem-estar físico, mental, social e espiritual do prisioneiro, facilitando-lhe todos os elementos necessários e possíveis, tendentes a esse fim.

O Comité de Prisioneiros de Guerra, filiado ao Comité Mundial da Y. M. A. C. (Associação Cristã de Moços), de Genebra (Suíça), destacou para esse serviço grande número de Secretários e de pessoal necessário nos seguintes lugares:

Alemanha, França, Suíça, Grã-Bretanha, Norte-América, Jamaica, Índia, Egito, Austrália, Itália Japão, África, etc., etc.

Esses Secretários visitam constantemente os diferentes acampamentos, distribuem livros, organizam bibliotecas ambulantes, proporcionam elementos de distração, equipamentos desportivos, instrumentos de música, cooperam





COISAS DO BRASIL

CHAMA-SE "seu" Olímpio. Mas Olímpio — de quê? Pouca gente sabe. Também, não precisa saber. E' "seu" Olímpio, acabou-se. E soube tornar-se a mais popular e querida figura da cidade de São José dos Campos, em São Paulo. Já completou setenta janeiros, "bem vividos, muito trabalhados", mas continua "pegando no pesado".

E' um habil rachador de lenha, trabalha avulsamente, tem a freguezia de grande parte da população local. Traz sempre ao hombro o seu bom amigo, o machado, muito afiado para dar conta do recado a qualquer hora do dia ou da noite. Tem entrada franca

em todos os lares, é o velho bom e amigo das crianças, conta historias do tempo antigo, de quando não havia automoveis, nem trem elettrico, nem rádio, nem outras coisas hoje imprescindíveis mas sem as quais se passava muito bem, muito obrigado. Talvez muito melhor...

"Seu" Olímpio é um pequeno símbolo da simplicidade, do labôr e da vontade de trabalhar da nossa gente do campo. Ele existe em toda parte, não apenas em São José dos Campos. Pertence, de direito, á galeria das coisas típicas, simplórias e por isso mesmo bonitas do Brasil...



Suicidou-se anteontem o meu triste amigo Boaventura da Costa.

Pobre Boaventura! Jamais o caiporismo encontrou asilo tão cômodo para as suas traçoeiras manobras como naquele corpinho dêle, arqueado e sêco, cuja exiguidade física, em contraste com a rara grandeza de sua alma, muita vez me levou a pensar seriamente na injustiça dos céus e na desequilibrada desigualdade das cousas cá da terra.

Não conheci ainda criatura de melhor coração, nem de pior estrela. Possuía o desgraçado os mais formosos dotes morais de que é suscetível um animal da nossa espécie, escondidos, porém, na mais ingrata e comprometedor figura que até hoje viram meus olhos por entre a interminável cadeia dos tipos ridículos.

O livro era excelente, mas a encadernação detestável.

Imagine-se um homenzinho de cinco pés de altura sobre um de largo, com uma grande cabeça feia, quase sem testa, olhos fundos, pequenos e descabela-

POLÍTIPO

CONTO DE

ALUIZIO AZEVEDO

ILUSTRAÇÃO DE

ORLANDO MATTOS

do; nariz de feitio duvidoso, boca sem expressão, gestos vulgares, nenhum sinal de barba, braços curtos, peito apertado e pernas arqueadas; e ter-se-á uma idéia do tipo do meu malogrado amigo.

Tipo destinado a perder-se na multidão, mas que a cada instante se destacava justamente pela sua extraordinária vulgaridade; tipo sem nenhum traço individual, sem uma nota própria, mas que porisso mesmo se fazia singular e apontado; tipo, cuja fisionomia ninguém conseguia reter na memória, mas que todos supunham conhecer ou já ter visto em alguma parte; tipo a que homem algum, nem mesmo aqueles a quem o infeliz, levado pelos impulsos generosos de sua alma, prestava com sacrifício os mais galantes obséquios, jamais encarou sem uma instintiva e secreta ponta de desconfiança.

Se em qualquer conflito, na rua, num teatro, no café ou no bonde, era uma senhora desacatada, ou um

(Continua na página 54)



A NOVA

Carmen



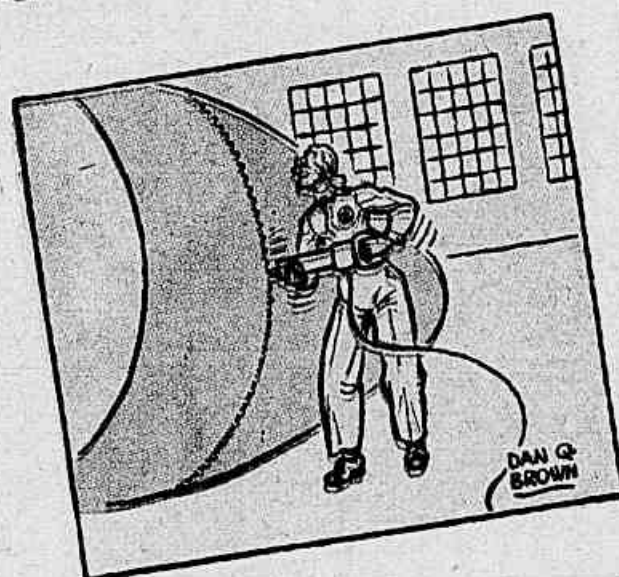
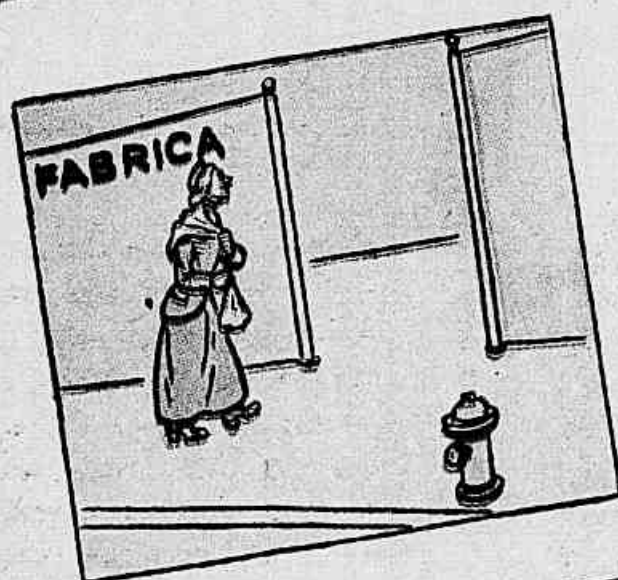
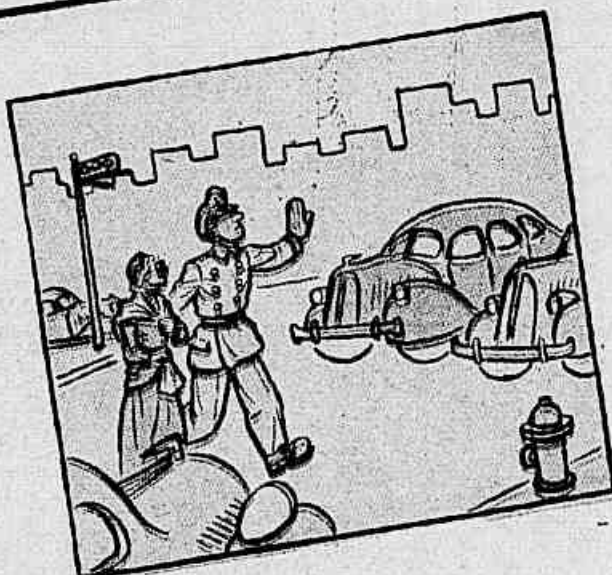
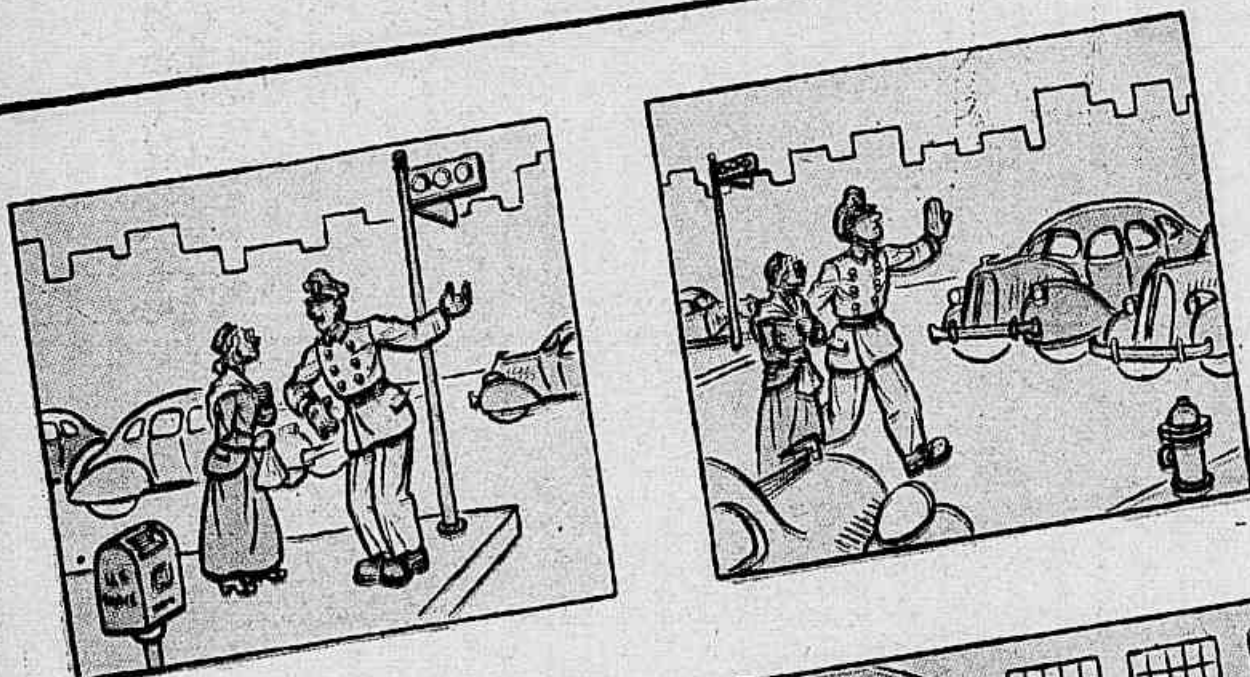
CARMEN MIRANDA ainda constitue um agradável prefêto para ilustrar, com graça, algumas páginas de revista. Seus filmes não foram, no Brasil, tão bem sucedidos quanto se poderia esperar, mas subsistem razões para crer que uma nova fase, mais auspiciosa talvez, na carreira da antiga Pequena Notável, esteja sendo agora inaugurada, depois das delicadas intervenções cirúrgicas a que teve de submeter-se. Carmen andou gravemente enferma em consequência dessas imposições, ditadas pelo tributo que toda a "estrêla" de sua projeção tem de pagar à popularidade. Mais magra, certamente mais elegante, quem sabe si favorecida com papéis mais apropriados, em filmes de melhor classe, ela nos virá, agora, uma "nova" Carmen e todos nós, seus *fans*, esperamos que tal coisa aconteça. Damos, nestas páginas, algumas recentes poses da artista. Ao alto à esquerda, em "Greenwich Village", e em baixo, à direita, em "The Girls He Left Behind", que aqui no Rio talvez ainda sejam assistidos este ano, pelo menos um deles.

A proposito: O Bando da Lua foi substituído pela "Carmen Miranda Band", constituída de alguns remanescentes daquele veterano conjunto brasileiro e outros elementos que no mesmo ingressaram já na América. Aloísio de Oliveira retirou-se, promovido à condição de locutor e colaborador mais direto nos estúdios de Walt Disney. Os demais *cliques* mostram-nos dois instantâneos batidos no próprio camarim de Carmen, quando ensaiava algum número com a sua "banda" para "The Girls He Left Behind". De fato, Carmen parece disposta a libertar-se do tipo estandardizado que por tantos filmes, e nem sempre com êxito, conservou ou a fizeram conservar. Ela precisa sempre mostrar maior estatura que a que realmente possui, mas sabe fazê-lo. Nos filmes, aparecendo ao lado de homens realmente altos, não forma um contraste por demais acentuado, e as "estrelas" americanas que a acompanham não sobressaem mais que a garota do "oomph". Senhora de uma poderosa força de vontade, sabendo manter-se em perfeita forma mesmo a trôco de exaustivos labôres e penosos sacrifícios físicos, Carmen tem atuado por mais tempo, no cinema, que se poderia esperar. E agora, ante a perspectiva dessa nova fase em sua carreira, ela saberá ainda, com a sua nunca desmentida inteligência, traçar uma diretriz mais ampla e suplantá-la a si própria, continuando a ser a "south american star" por excelência; de resto a única que tão alto pode ainda elevar o seu "cartaz" e nessa altura o sustentar por quase um lustro.





— Estou lhe dizendo que já está inteiramente curado. Agora, e a respeito da conta?



De BOM HUMOR



— Diz ele que tem suas razões para acreditar que o sr. Baxter ainda não saiu.

— Eis aqui o mais confortável "buraco de raposa" que já vi em toda esta guerra.

COMO BRINCAM OS HOMENS DE AMANHÃ

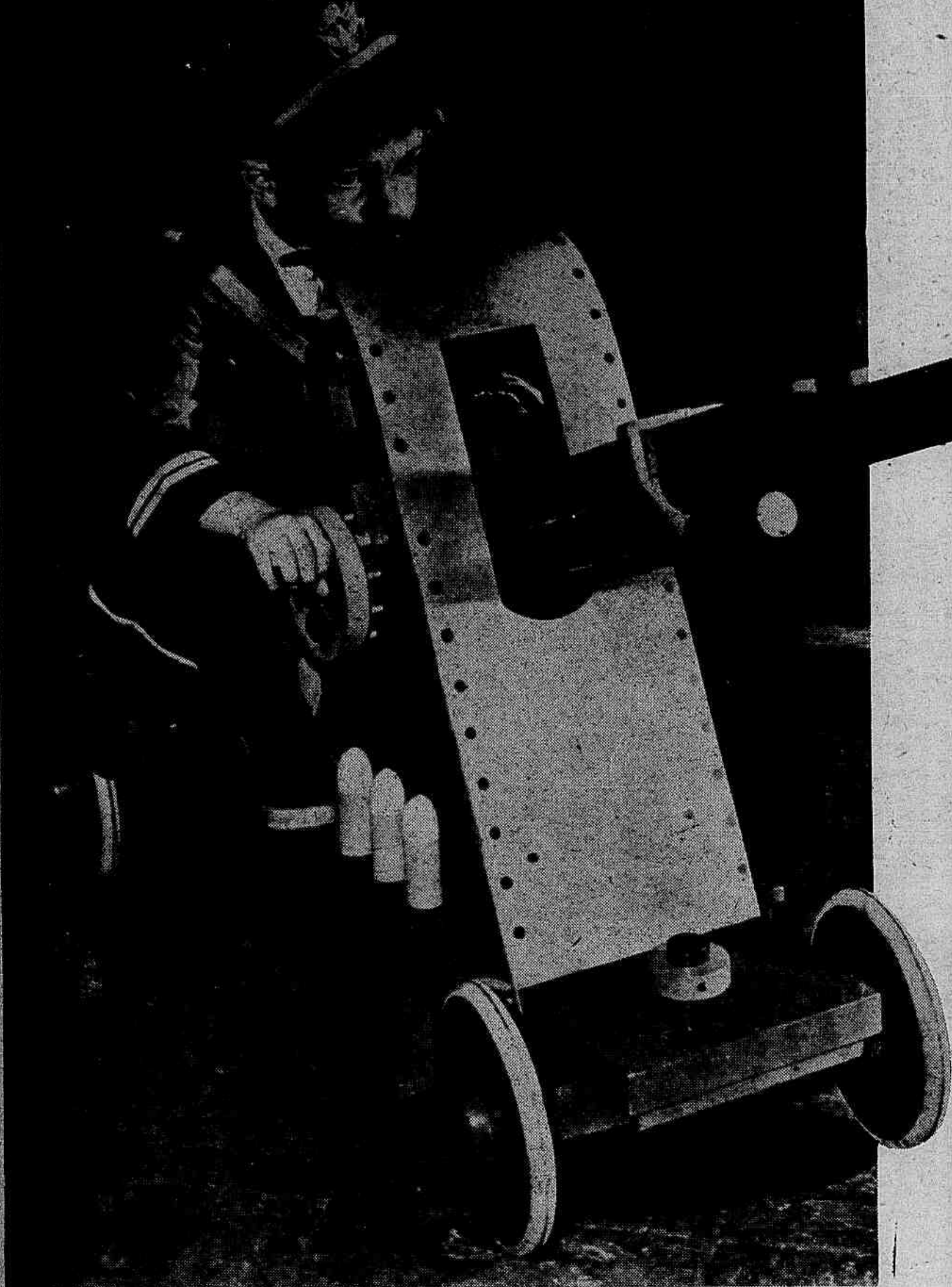


NADA DE BONECOS MECANISADOS NEM JOGOS DE ARMAR FIGURINHAS! ESTE GAROTO PREFERE UM "ANTI-AIRCRAFT" QUASI LEGITIMO, COPIA EM MINIATURA DOS QUE ESTÃO EM PLENA ATIVIDADE NA INVASÃO DA EUROPA. SERÁ UM FUTURO DEFENSOR DA AMERICA, SEM DUVIDA, MAS ACONTECE QUE NÃO ESTÁ CONHECENDO OS PRAZERES INFANTIS DAS OUTRAS GERAÇÕES!

O problema é por demais complexo. Não foi criado pelas crianças, mas pelos maiores e são elas as menos culpadas de terem, agora, desviado o pensamento das distrações mais próprias para a petizada. Quando vieram ao mundo, a este mundo louco que meia-duzia de fanaticos quiz dominar, já o encontraram envolto em chamas e nas chamas tem mergulhado até agora. Os jornais, o rádio, as telefotos, lembram-lhe a cada instante que a guerra é um perigo. Si vão ao cinema lá está o jornal de atualidades focando invasões, ataques, defesas, incêndios, mortes, destruições, heroísmos, catastrofes, misérias, gestos abnegados... Eles teem de ser, por força, o produto do meio. Talvez seja um bem distrairem-se com brinquedos da industria bélica, mas não deixa de ser melancolico olhar essas fotografias. Os pais divertiram-se de outro modo, tiveram uma infancia mais calma. Talvez porque a tiveram assim, hoje sofrem tanto. Mas as crianças abandonaram os carrinhos, as bonecas, os solda-

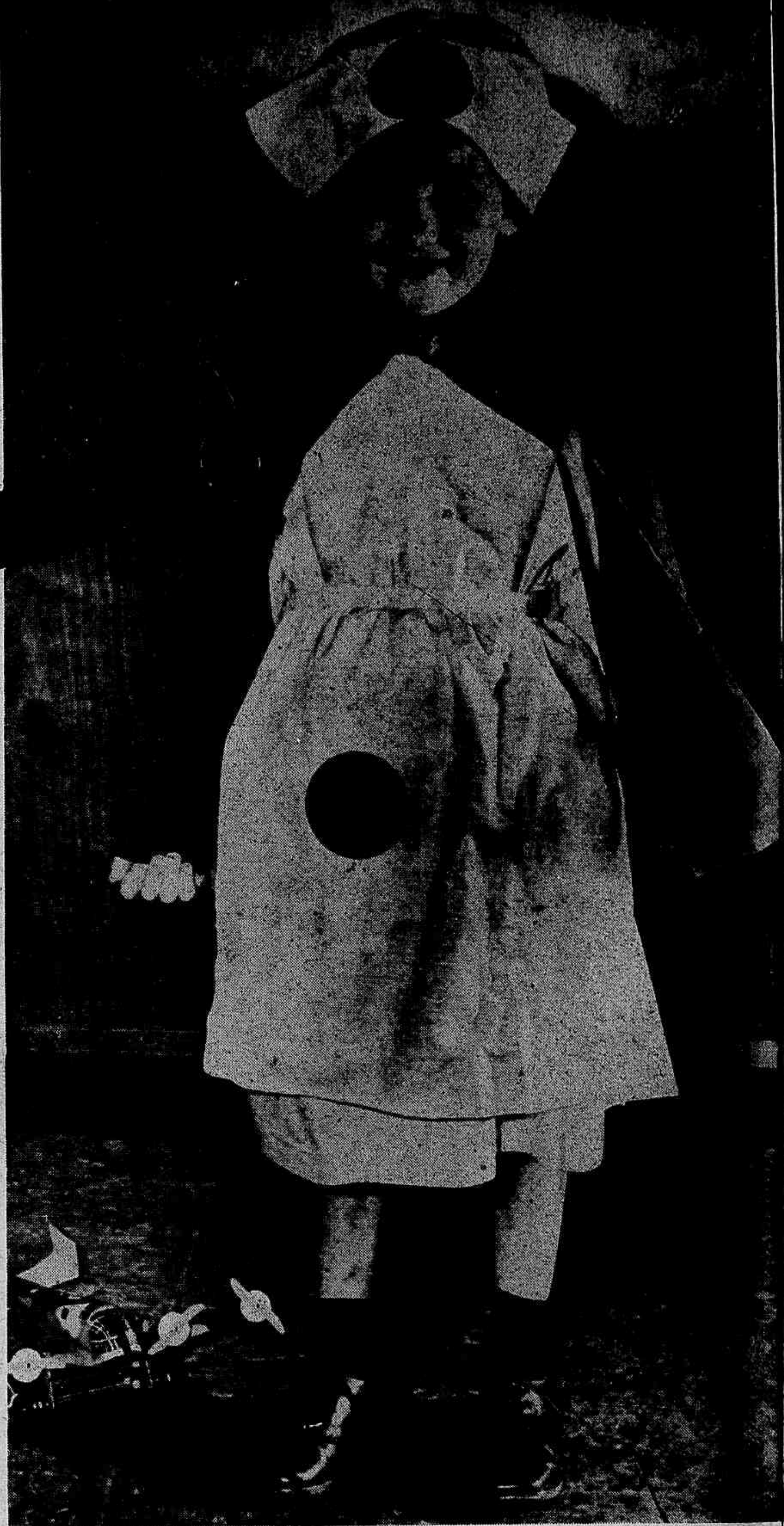
ESTA MENINA É BEM A CRIANÇA DO NOSSO TEMPO. REPAREM QUE ELA DISPENSOU A BONECA, O "TREMZINHO" DE COZINHA E OS LIVROS DE FIGURAS PREFERINDO, EM VÊZ DISSO, UM "TANK" JUGGERNAUT COM MOVIMENTOS AUTONOMOS NA TORRE DE COMANDO. TALVÊZ ELA ESTEJA PRECISANDO ADQUIRIR ESSES ENSINAMENTOS. MAS SERÁ, POR ISSO MESMO, MAIS FELIZ?





ELE FÉZ QUESTÃO DE VESTIR UM UNIFORME RIGIDAMENTE MILITAR E EXIGIU DE PAPAI QUE LHE COMPRASSE ESSE CANHÃO ANTI-AÉREO, COM DISPAROS "LEGÍTIMOS". É O ORGULHO DA FAMÍLIA E A INVEJA DA CRIANÇA NA VIZINHANÇA. QUER SER UM SOLDADO "DE VERDADE", "QUANDO FOR HOMEM". MUITO CERTO... MAS... E A INFÂNCIA? QUE É FEITO DELA?

OS "COMANDOS" ESTÃO EM MODA. ESTE PERALTA QUER APERFEIÇOAR-SE NESTA ESPECIALIDADE, EMBORA OS ADULTOS ESTEJAM EM LUTA PARA EVITAR QUE A GERAÇÃO DE TÔNICO SOFRA OS DESASTRES DE HOJE. ELE, PORÉM, QUER SER E HÁ DE SER AVIADOR. HOJE, A METRALHADORA É "DE BRINQUEDO". DENTRO DE DEZ OU QUINZE ANOS PODE SER DE VERDADE.



AQUI ESTÃO DOIS BONS IRMÃOSINHOS. FRUTOS DA ÉPOCA, PERFEITOS, TAMBÉM VOLTAM SUAS ATENÇÕES PARA O FENÔMENO DESSA MESMA ÉPOCA. ELA QUER SER OUTRA MISS NIGHTINGALE, VESTE-SE DE ENFERMEIRA DA CRUZ VERMELHA E TRÁS, DEBAIXO DO AVENTAL, A MÁSCARA CONTRA GAZES. ELE DE FUZIL AO HOMBRO, AS CALÇAS ENORMES E A TUNICA TAMBÉM (DEVEM SER DE PAPAI OU DO IRMÃO MAIS VELHO), ESTÁ CONVENCIDO DE PODER ELIMINAR MEIA DUZIA DE NAZISTAS EM DOIS TEMPOS. QUANDO NASCERAM, JÁ SE FALAVA EM GUERRA. E CONTINUA-SE FALANDO APENAS NESSE ASSUNTO... A CULPA NÃO É DAS CRIANÇAS, SEM DUVIDA.

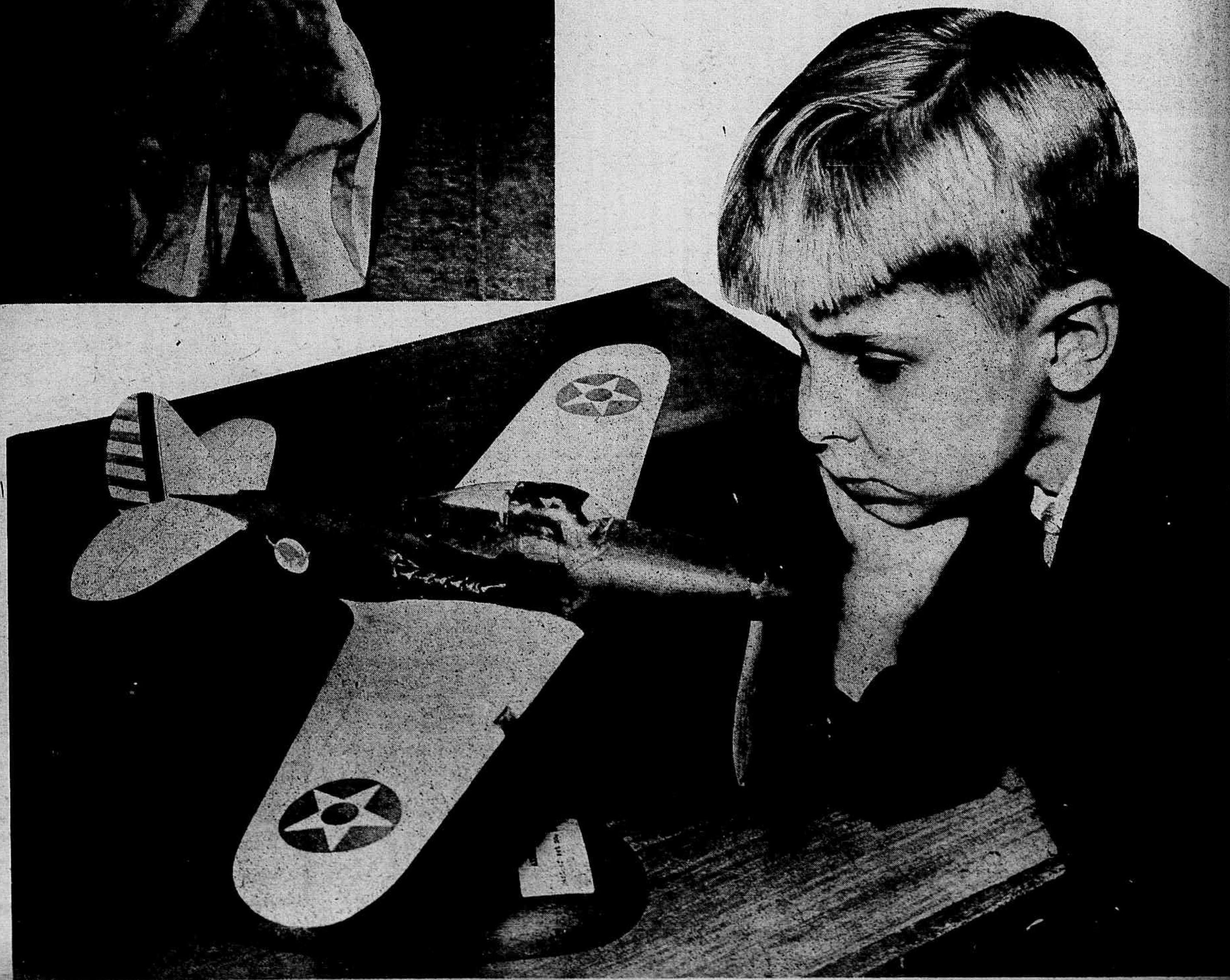
dinhos de chumbo, as bugigangas que eram tão poéticas — e trocaram tudo pelas miniaturas dos apetrechos de destruição. O futuro dirá si foi em benefício próprio ou não. Ainda bem que a guerra tomou um curso favorável à Humanidade. Os máus serão castigados e hão de desaparecer da face da terra. Os bons saberão reger o mundo, tirando-lhe o com-

plexo da guerra. E outras crianças hão de nascer, filhas das crianças de hoje, para brincarem como as antigas — com bonequinhas de pano, de "biscuit", de celuloide... Sempre é melhor esperar que assim venha a acontecer. Mesmo porque, do contrario, todo o sacrifício que aí está sendo feito, teria então acontecido em pura perda. E nenhum sacrifício deve ser inútil.

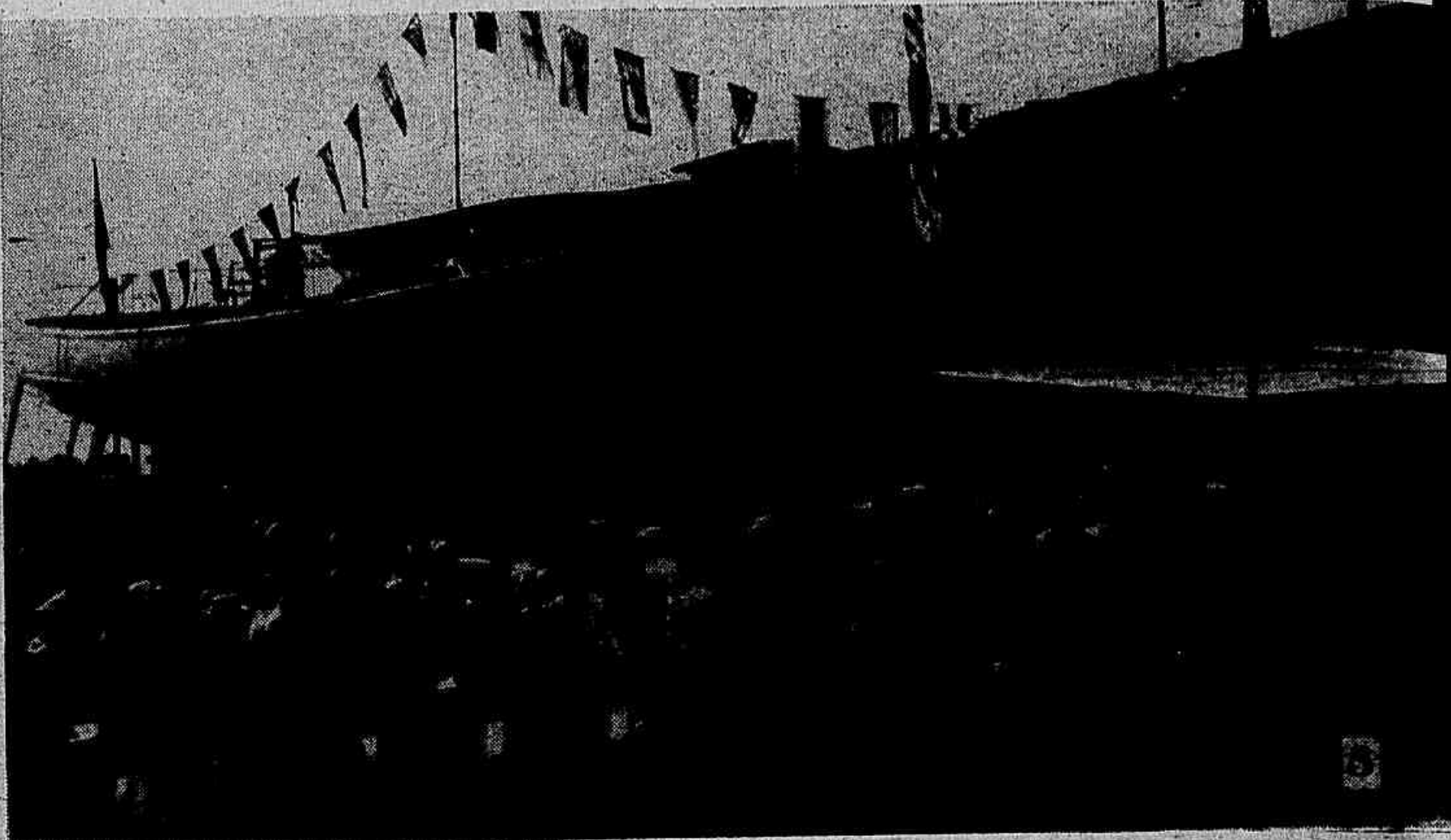


O "TANK" CAMUFLADO DE TONICO, DEVIDAMENTE PROTEGIDO PARA ESCONDER O ATIRADOR, É A ÚLTIMA PALAVRA EM BRINQUEDO DE GUERRA. E O GAROTO SENTE-SE FORTE, UM HEROI EM PERSPECTIVA, OLHAR ALERTADO, O ESPÍRITO PERFEITAMENTE EM FORMA. SEU PAPAI, NA MESMA IDADE, PENSAVA EM HISTÓRIAS DO "TICO-TICO". SEU HEROI ERA CHIQUINHO...

MEDITANDO SOBRE OS NOVOS MODELOS DE AVIÕES QUE A SEU TEMPO DEVEREM SOBREVOAR PELO ESPAÇO, LIVRE DOS TIRANOS, ELE ESTUDA O PROBLEMA. ESSE "AIRCORRA" SERÁ, ENTÃO, SUBSTITUÍDO POR MUITO MAIS POSSANTES APARELHOS. MAS O MENINO NÃO TEM TEMPO A PERDER COM OS BRINQUEDOS PRÓPRIOS PARA A SUA IDADE. A GUERRA ESTÁ SEMPRE ERA SUA MEMÓRIA...



O 11 de Junho na Organização Henrique Lage



A's comemorações do 11 de junho, data altamente simbólica para a marinha de guerra do Brasil, juntaram-se este ano atos de grande expressão patriótica, entre os quais a incorporação á nossa Armada de mais dois caça-submarinos, construídos na Ilha do Viana, nos estaleiros da Organização Henrique Lage, o que vem afirmar o renascimento da nossa industria de construções navais, posta a serviço da liberdade dos mares, sempre defendida com ardor pela esquadra de Tamandaré.

Estas duas novas unidades, sentinelas da grandeza e da soberania da Patria, foram entregues á nossa Armada, precedendo a mais dezoito belonaves de sua categoria, que os estados da União oferecerão aos valorosos marujos do Brasil, para a defeza dos nossos mares.

São elas os caça-submarinos "Rio Negro" e "Niteroi", construídos segundo as normas da mais moderna técnica, com pessoal e material exclusivamente brasileiros.

Ao ato de incorporação estiveram presentes o representante do Sr. Presidente da Republica, comandante Octavio Medeiros; Ministro da Marinha, Almirante Aristides Guilhem; Arcebispo do Rio de Janeiro, D. Jayme Camara; Interventor do Estado do Rio, comandante Ernani do Amaral Peixoto; altas autoridades brasileiras e de países amigos e numerosos convidados.

Iniciando as solenidades, falou o Sr. Pedro Brando, superintendente da Organização Henrique Lage, que em brilhante oração, retrocedeu aos tempos gloriosos de Riachuelo e Humaitá, enaltecendo o heroismo de nossos marinheiros e predizendo a missão historica de nossa Armada. Terminou em brilhante peroração, concitando os brasileiros a cerrarem fileiras pelo bem do Brasil, creando uma industria pesada capaz de manter nos mares uma esquadra á altura do nosso futuro e das nossas tradições.

Falou em seguida o Almirante Vieira de Melo, paraninfando o ato do lançamento do "Rio Negro", que também traçou eloquentemente o retrospecto da nossa gloriosa historia naval.

O ato da incorporação do caça-submarinos "Niteroi", cuja doação feita á Marinha de Guerra do Brasil pelo povo do Estado do Rio, se deve a uma iniciativa do Comandante Ernani do Amaral Peixoto, foi paraninfado por aquele ilustre homem publico.

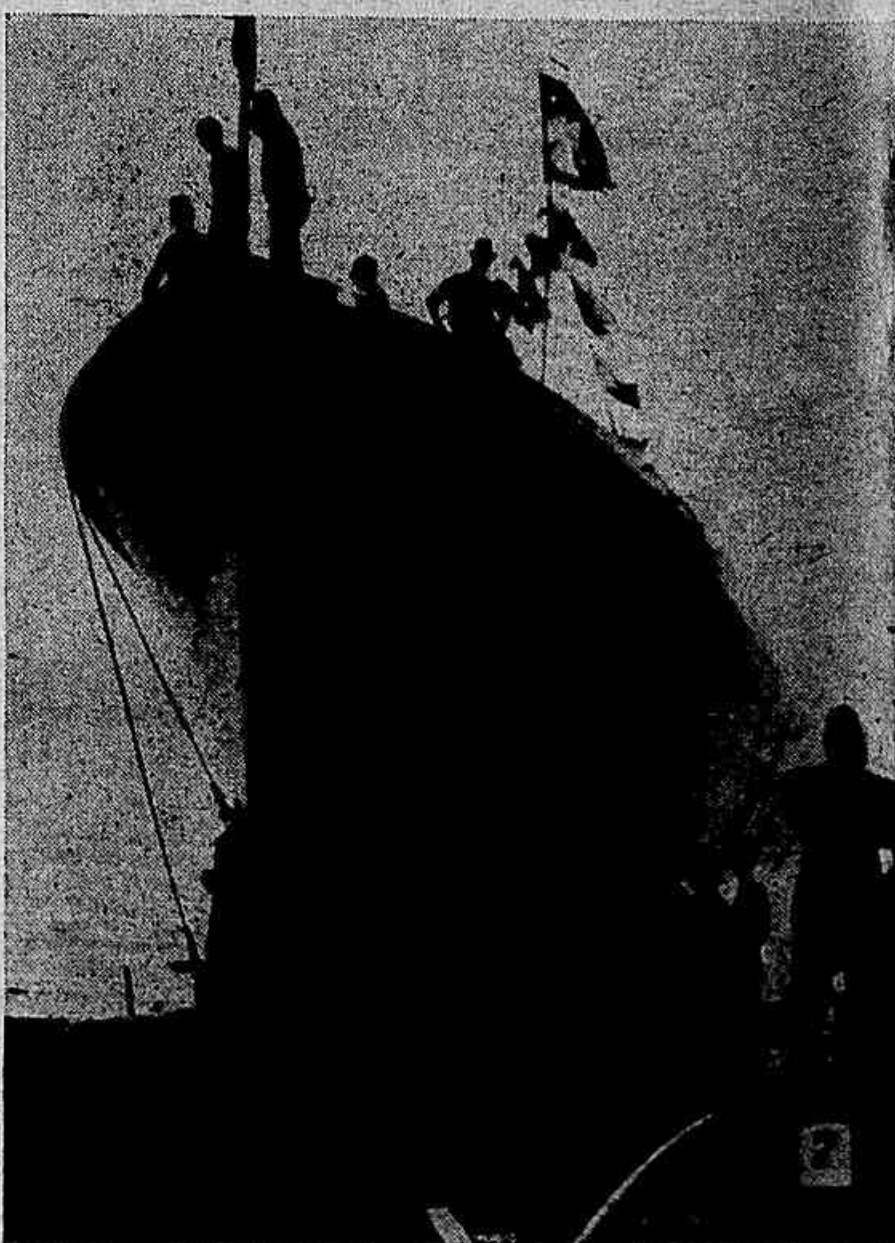
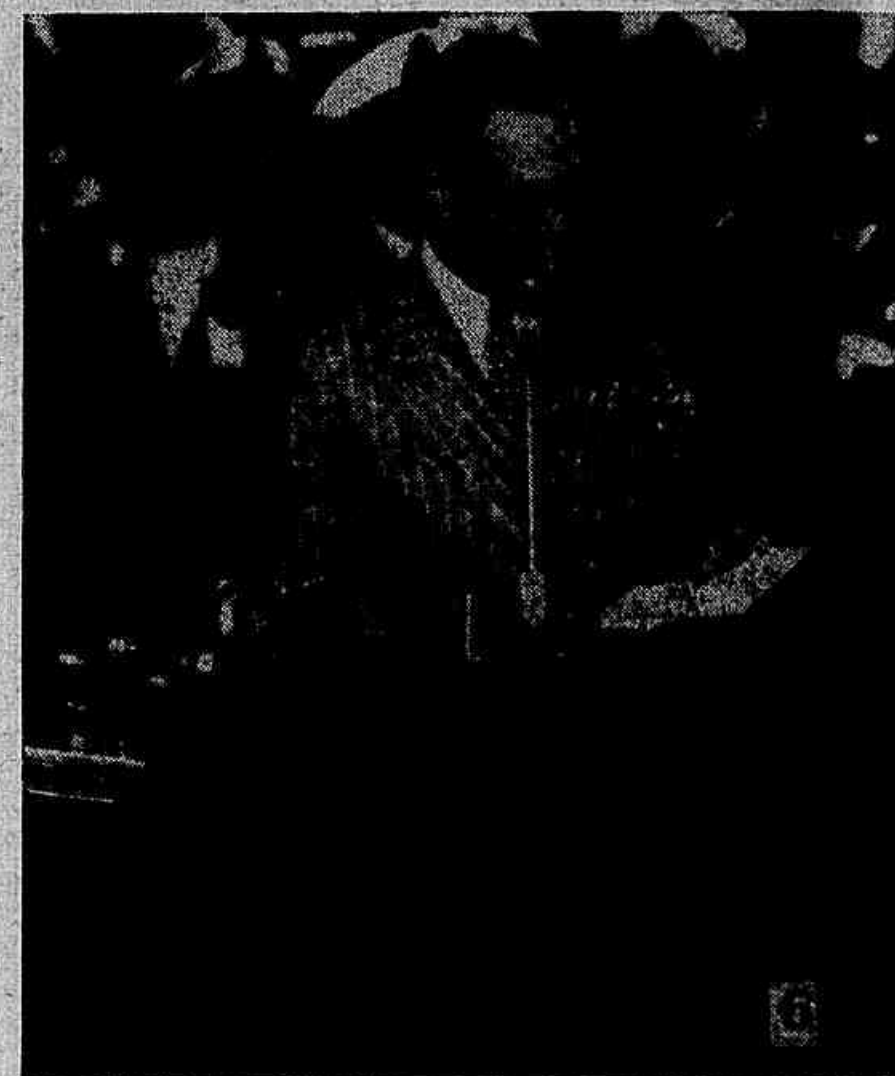
Usou da palavra nesta ocasião o Sr. Brândão Junior, prefeito de Niteroi, que proferiu vibrante e entusiastica oração.

Agradecendo ao povo fluminense tão expressiva e significativa oferta, falou por fim o Ministro Aristides Guilhem.

Após referir-se á eficiencia demonstrada por esta classe de navios, no combate aos submersiveis, S. Excia. agradeceu em belas palavras a dadiva do povo do Estado do Rio, e fez o elogio do trabalho que se vem desenvolvendo nos estaleiros da Ilha do Viana, em prol do reaparelhamento da nossa Esquadra.

E, entre os entusiasticos aplausos dos presentes, o ilustre marinheiro terminou com as seguintes palavras o seu belo discurso:

"Congratulando-me com os dirigentes e obreiros deste Centro de trabalho pelos resultados obtidos nos setores técnicos e industriais, apresento os agradecimentos da Marinha de Guerra ao Sr. Interventor Comandante Amaral Peixoto e ás autoridades municipais e ao povo do Estado do Rio, pela valiosa oferta do caça-submarinos "Niterói".



As fotografias desta pagina mostram-nos: 1) Assis-
tencia ás solenidades; ao fundo, a silhueta do
"Niteroi". 2) O Interventor Amaral Peixoto e o sr.
Pedro Brando assistindo aos lançamentos. 3) O
"Niteroi" inicia a sua gloriosa e ardua missão. 4)
O Almirante Aristides Guilhem pronuncia o seu
discurso. 5) O "Rio Negro", pouco antes de ser lan-
çado ao mar. 6) Fala o sr. Pedro Brando. 7) O "Rio
Negro" começa a flutuar.

Ele viajava frequentemente. Uma vez, tendo decidido partir para sempre...

A discussão começou, como sempre, na hora de fazer as malas. — Vê-se muito bem que você não me ama mais. Está alegre até. Que felicidade, hein? Partir, partir! Sair dessa casa, viajar, conhecer gente interessante, conhecer mulheres belas e homens inteligentes! Deixar esta babinha aqui a esperar por você!

— Mas, minha filha, seja razoável, eu não me casei para viver longe de você. Faço-o, porque é preciso.

— Eu sei, eu sei. Já vem você com aquela história: "Eu lhe preveni; você quando se casou comigo já sabia disso; sabia que a nossa vida seria assim". Sabia, mas não podia imaginar que, além de ter de partir, além de ter de fazer constantes viagens, você achasse prazer nisso!

— Quem foi que disse que eu tenho prazer?

— Então eu não estou vendo? Então você pensa que eu sou cega, que não percebo como você fica entusiasmado quando chega a hora de partir?

— Você está sendo injusta, Suzana.

— Ah, agora você me acusa, a mim? Eu é que sou injusta! Essa é bôa!

Era sempre assim. Toda a vez que ele tinha que partir havia uma cena. Era inevitável. A própria Suzana já tentara ficar calada, mas não conseguia conter-se.

— E, afinal de contas, Suzana, você não vem comigo porque não quer. Eu já ofereci uma porção de vezes.

— Eu sei que você ofereceu. Grande coisa! levar-me para cima e para baixo, no meio da gente mais imunda, em hotéis sem conforto!

— Mas, minha filha, que é que você quer que eu faça?

— Quero que você me trate como eu mereço!

— Ora Suzana, você está fazendo frases. Pensa que é assim que se vai resolver o nosso problema?

— Escute aqui, João. Se você quer ir embora de uma vez não faça cerimônias. Pode ir que ninguém lhe empata!

— Suzana, pelo amor de Deus!

Chegara a hora de partir. Ele se aproximava dela. Suzana estava carancuda, com um muchocho de despeito. O impulso que ele tivera de tomá-la nos braços e beijá-la, passava. Um beijo na testa, muito frio, muito convencional, e ele partia.

Era sempre assim. Se eles tivessem um filho, Suzana sempre dizia...

— Um filho! Um filho! Você não compreende que, com um ordenado como o meu, não podemos ter filhos?

— Madame Michele tem quatro.

— E o marido dela ganha exatamente quatro vezes mais do que eu.

— Você quer me tirar todas as distrações todos os prazeres! Se eu tivesse um filho!...

Esse era outro ponto que discutiam frequentemente.

Naquele dia, depois que ele se foi, ela ficou a pensar. Madame Michele vivia no andar de cima. Acabava de ter mais um filho. Ah, é verdade, pensou ela, tenho aquele sapatinho que comprei para o menino. E' preciso levá-lo.

Madame Michele ia justamente subindo a escada quando ela apareceu.

— Olá, Suzana, como vai, minha filha?

— Eu vou indo mais ou menos e a senhora?

— Vou muito bem, minha filha. Seu marido vai bem?

— Ele acaba de partir.

— Mais uma viagem?

— Exatamente.

— Ah!

— Dona Michele...

— Que há?

— Eu podia ver seu bebêsinho?

— E' claro, minha filha. Pode pegá-lo. Vamos lá para o meu quarto.

— Muito obrigada.

— De nada, ora!...

Suzana olhava para o menino com ternura. Era gorducho, tinha rosto

côr de rosa e umas mãosinhas tão pequeninas que nem parecia possível que fossem crescer, tornar-se grandes mãos fortes: as mãos de um homem.

Madame Michele disse:

— Experimente segurá-lo. Não quer?

— Oh, sim. Mas creio que não saberei.

— Olhe: é assim...

Ela tomou nos braços a criança. Mas esta principiou a chorar. Suzana esforçava-se para acalmá-la.

(Conclue na pág. 56).



Reconquistá-lo-ei!

CONTO DE
LIBBIE BLOCK
(Traduzido especialmente para a REVISTA DA SEMANA)

O crime parecia impossível, mas não era. Ficou, porém, impune o criminoso, porque o detective Paul Dawn resolveu abandonar o caso.



PAUL procurou uma mesa. Restava um único lugar vago, no carro restaurante do Expresso de Flórida. Com uma careta o rapaz resignou-se a almoçar perto de um japonês. Aproximou-se, e sentou-se, fingindo não ver o sorriso de exagerada polidez que o outro lhe dera. Vêlo o primeiro prato, e ambos comeram em silêncio, sendo porém evidente que o japonês estava disposto a conversar e o americano a isso se furtava.

Os esforços de Paul para esquecer a desagradável companhia foram baldados. Sempre o seu olhar voltava, como que irresistivelmente atraído, para a roupa branca irrepreensível do cidadão do sol levante. Assim como era impecável no trajar, o japonês comia com uma delicadeza de maneiras que demonstrava como fôra bem educado. Paul pôs-se a refletir no que estaria escondido sob aquela aparência inofensiva.

Os movimentos do japonês eram precisos, pareciam depender de um cálculo matemático. Olhava a comida e avançava com o garfo lenta mas implacavelmente. Isso, porém, com a maior delicadeza. Paul pensou na guerra, nos americanos que naquele instante mesmo estavam sendo miseravelmente assassinados por compatriotas daquele homem que estava sentado à sua frente. E sentiu ímpetos homicidas. Mas controlou-se. Controlou-se e começou a refletir sobre o caso. Ele era um homem moderado, calmo. Sempre conseguia, com sucesso, conter os seus impulsos. Entretanto estivera prestes a deixar-se levar pelo ódio que tinha aos japoneses. Poderia, num instante, esquecer de tudo menos do seu ódio. Isso fê-lo muito alegre. Não porque a ferocidade quase incontrolável nele existente lhe fosse agradável, mas via

confirmadas algumas de suas teorias; duas especialmente. Sustentava ele que o homem era ainda, no fundo, primitivo. A coisa é nova mas encontra-se quem conteste esse fato e nada mais grato aos que disso estão convictos do que descobrir que, realmente, a prova prática pode ser feita. A outra teoria era a seguinte: japonês é sinônimo de dissimulação. Tinha à sua frente um homem cuja pátria estava em luta contra a América. Era concebível que este homem, apesar de seus protestos, realmente amasse o país que o acolhera, do qual ele hoje era cidadão? Sim, porque não estaria passeando assim tão calmo se não fosse naturalizado americano.

Verificando que fôra longe nas suas conjecturas Paul voltou a sua atenção novamente à comida que esfriava no prato. Mas em breve seus pensamentos escaparam novamente. Pensou no seu trabalho. Feliz é o homem cujo passatempo coincide com o trabalho, disse Bernard Shaw. Paul era destes homens. Detetive por profissão, para ganhar dinheiro, e detetive nas horas vagas, para distrair-se. E' verdade que ele tinha um outro passatempo, mas este era quase que uma outra modalidade da mesma coisa. Quando não tinha casos para investigar nem novelas policiais para ler, seu maior prazer era decifrar charadas. E assim vivia Paul Dawn.

O japonês comia placidamente, e, de vez em quando, lançava um olhar disfarçado na direção de Paul.

Quando o garçon veio servir a sobremesa Paul notou que, perto do seu companheiro de mesa, havia uma urna. Estranho: que significaria aquele cuidado extraordinário de carregar a urna para o carro restaurante? Que haveria ali de tão precioso que forçasse o dono a

andar com ela debaixo do braço, carregando-a para onde quer que fôsse? Paul não pôde deixar de ficar muito intrigado. O japonês imediatamente percebeu o interesse que despertara a sua urna e, por isso, animou-se a falar:

— Incomoda-o essa urna?

— Não, absolutamente, meu caro senhor.

! Notei, senhor, que lança olhares... Será que o interessa a minha urna?

Paul respondeu vagamente.

— Tem uma forma estranha.

— E' verdade.

— Coisa incomum.

— E que serve para fim também pouco comum.

— Devêras?

— Sim. Conheça-me?

— Não tenho esse prazer.

— Pensei que me conhecesse de fotografia. Meu retrato está frequentemente nos jornais. Chamo-me Kiroshibu. Howard Kiroshibu, da firma Kiroshibu, Irmãos & Cia.

— Já ouvi falar na firma.

— O nome é muito conhecido.

— Meu nome é que é pouco conhecido, disse Paul.

— Não diga isso. Quem ainda não ouviu falar de Paul Dawn?

— O senhor conhece-me?

— Muito, de nome. Seu retrato está nos jornais muito frequentemente.

— Mais frequentemente do que eu desejaria.

— O mesmo acontece comigo.

— Somos, pois, companheiros no que diz respeito a uma publicidade indesejada.

— E' verdade. Sou um seu admirador.

— Devêras?

Paul já estava ficando impaciente. Sabia que o japonês tinha qualquer coisa para lhe dizer, mas, seguindo os tortuosos costumes de sua raça, ia com uma calma exasperante. Chegaria ao assunto que interessava, certamente, depois de umas horas de conversa. E, decididamente, Paul não estava disposto a conversar durante horas com um japonês. Por outro lado, a curiosidade era mais forte do que a impaciência e ele tinha vontade de saber qual era o segredo do japonês.

— Pois é isso, Sr. Dawn. Admiro muito o senhor. Sempre gostei de estudar a criminologia. Desvendar crimes é, não me engano, sua profissão e seu passatempo. Eu, menos feliz, tenho esse prazer somente na qualidade de passatempo.

Paul agradeceu a homenagem e novamente voltou os olhos para uma urna que o japonês afastara para um canto da mesa.

— Sr. Dawn, já que eu tive a sorte de encontrá-lo neste trem, talvez o senhor quisesse examinar um problema meu.

Paul murmurou qualquer coisa sobre férias e descanso absoluto recomendado pelo médico, e, apesar de ter falado sem muita convicção viu, com surpresa que o japonês se resignava.

— Sinto muito. Teria muita honra em expor-lhe o caso.

— Agradeço, de qualquer maneira, a amabilidade.

— Não há de que. Lembrei-me de lhe contar o que me preocupa porque me pareceu vê-lo interessado na minha urna. E' exatamente sobre ela que queria falar-lhe. Mas não o importunarei.

Paul deu o braço a torcer.

— Conte-me o seu caso.

O japonês sorriu, vitorioso.

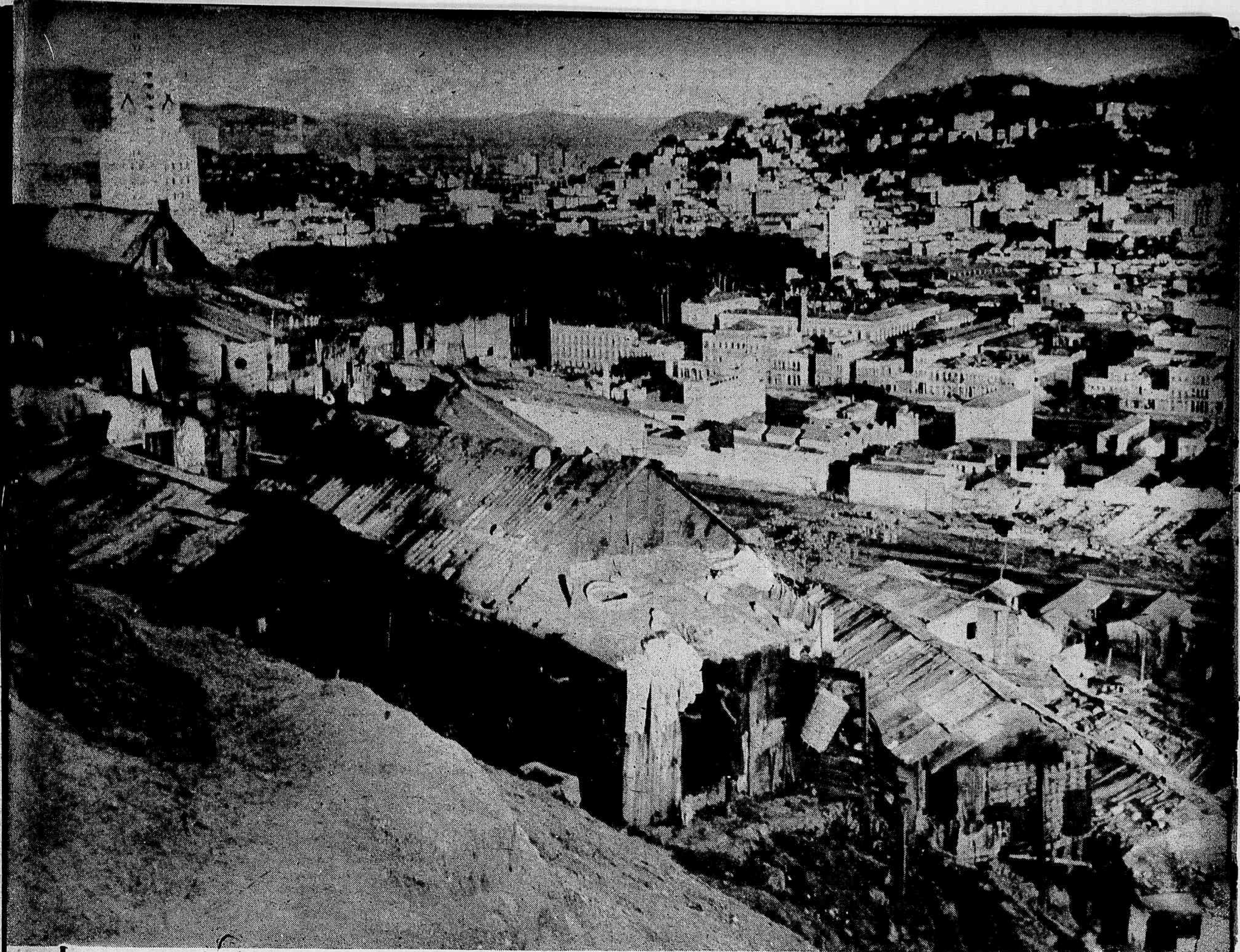
— Constato o seu interesse com grande prazer. Sr. Dawn, estou muito apreensivo. Imagine o senhor que tenho a certeza de que, durante esta viagem, roubar-me-ão a urna que aqui vê.

— Por que?

(CONTINUA NA PÁGINA 35)

AS CINZAS DE KIROSHIBU

Novela de JOY SMITH



FAVELAS DE ONTEM E DE HOJE

A FAVELA NÃO TEM MAIS ALMA — E O SAMBA NÃO DESCE MAIS DO MORRO... — O DESAPARECIMENTO INTEGRAL DA MACUMBA — À BUSCA DO HABITANTE MAIS ANTIGO — UM MUNDO IGUAL AOS OUTROS... — DA FAVELA ANTIGA AO PARQUE PROLETÁRIO, NA GÁVEA — VIDA NOVA, ESTUDO E TRABALHO — OS RESULTADOS DA EDUCAÇÃO — ONDE SE VÊ QUE ROUSSEAU TEM ALGUMA RAZÃO: AQUI SE FORMAM HOMENS ÚTEIS À SOCIEDADE — ENFIM, UMA SOLUÇÃO PARA O PROBLEMA DA INFÂNCIA ABANDONADA

FAVELA! Favela do samba-de-amor e do samba-canção... Sim, senhores, tudo isto é muito bonito, mas é preciso lembrar a Favela do malandro, do capoeira, da macumba, do jogo desenfreado. E era principalmente nessas coisas que pensávamos quando resolvemos fazer a nossa visita ao morro famoso.

Medo? Sim, senhores. Medo do desconhecido, da hostilidade do ambiente. Si disséssemos que não era propriamente medo, o leitor pensaria ironicamente: E' apenas receio!

Nós explicamos: não era medo, não senhores, nem receio tão pouco. Era uma sensação estranha, de quem deve enfrentar o desconhecido, quando ao mesmo tempo se deseja e se teme. Talvez Livingstone tivesse sentido a mesma coisa quando pela primeira vez enfrentou os mistérios do Continente Negro, o tan-tan das tribus africanas, a cantoria monótona.

Sentíamos-nos tão importantes afinal, tão corajosos quanto Livingstone ou qualquer desbravador de mundos, quando subimos pela escada de pedra que leva ao alto do morro. Escada, aqui, naturalmente é força de expressão. Aos poucos a Favela ia ficando mais perto e a cidade mais distante. Nossas pernas civilizadas ressentiam-se da falta de treino. Começamos a compreender que, com aquele exercício, não era difícil ficar atleta, mesmo sem fazer ginástica pelo rádio.

Era curiosa aquela sensação de quem vai perdendo contacto com a cidade para entrar num mundo desconhecido.

E ali estava ela, lá em baixo, ruidosa, barulhenta, cheia de poeira, de maldade e de vícios. Mas enfim é a cidade, onde nascemos, onde vivemos, cujos crimes e vícios já conhecemos e dos quais nos sabemos defender.

Agora era diferente. Íamos enfrentar aquele pedacinho de África, teimosa e hostilmente encravada no centro da cidade.

Na imaginação do repórter aquela idéia de África permanecia, gritava. Negrada ruim, macumba, facada! Não aparecera nenhum habitante. Íamos subindo, parando aqui, equilibrando mais adiante, parando um pouco para respirar, olhando a cidade que ia ficando em baixo, cada vez mais distante, como si procurássemos proteção.

Mas na Favela não adianta ser cidadão.

E caminhávamos agora pensando como a vida da cidade, cercado o homem de todas as garantias, acaba por fazê-lo acovardado e sem iniciativa.

Diante do moleque da Favela, do malandro, somos o bom moço, o filho-família.

O malandro não conhece garantias. Deve aprender a defender-se, está sempre alerta. Esse estado de espírito criou nele uma espécie de malícia instintiva, que podemos sentir até mesmo nas crianças, principalmente nelas.

E isto não é nada para se elogiar ou para ficar satisfeito. E' até um espetáculo triste o dêsse meninos precocemente envelhecidos, sempre dispostos a pregar uma partida com os vícios dos adultos. Os meninos pobres da Favela perderam essa ingenuidade característica das crianças.

Sentindo-se abandonados e sós, tomam a atitude de quem está sempre disposto a se defender. São os legítimos *bad boys*.

Subitamente um assobio vindo de trás de uma pedra, na curva do caminho estreito, cortou-nos o pensamento. Íamos encontrar o primeiro habitante da Favela, no seu próprio *habitat*.

Provavelmente já víamos muitos aqui na cidade, mas isto era diferente. Um negro enorme, de camisa de malandro, gingando, devia surgir. E surgiu. Mas não era um negrão nem nada que se parecesse. Apenas um garotinho louro, de uns doze anos de idade, olhinhos vivos e inteligentes. Um arianozinho puro. Ficámos quase decepcionados.

— Olá, Juquinha, queres mostrar-nos a Favela?

— Vai subindo por aí mesmo, moço. Agora estou muito ocupado.

Disse e seguiu o seu caminho, assobiando alegremente.

Falhara a nossa tentativa de arranjar um guia.

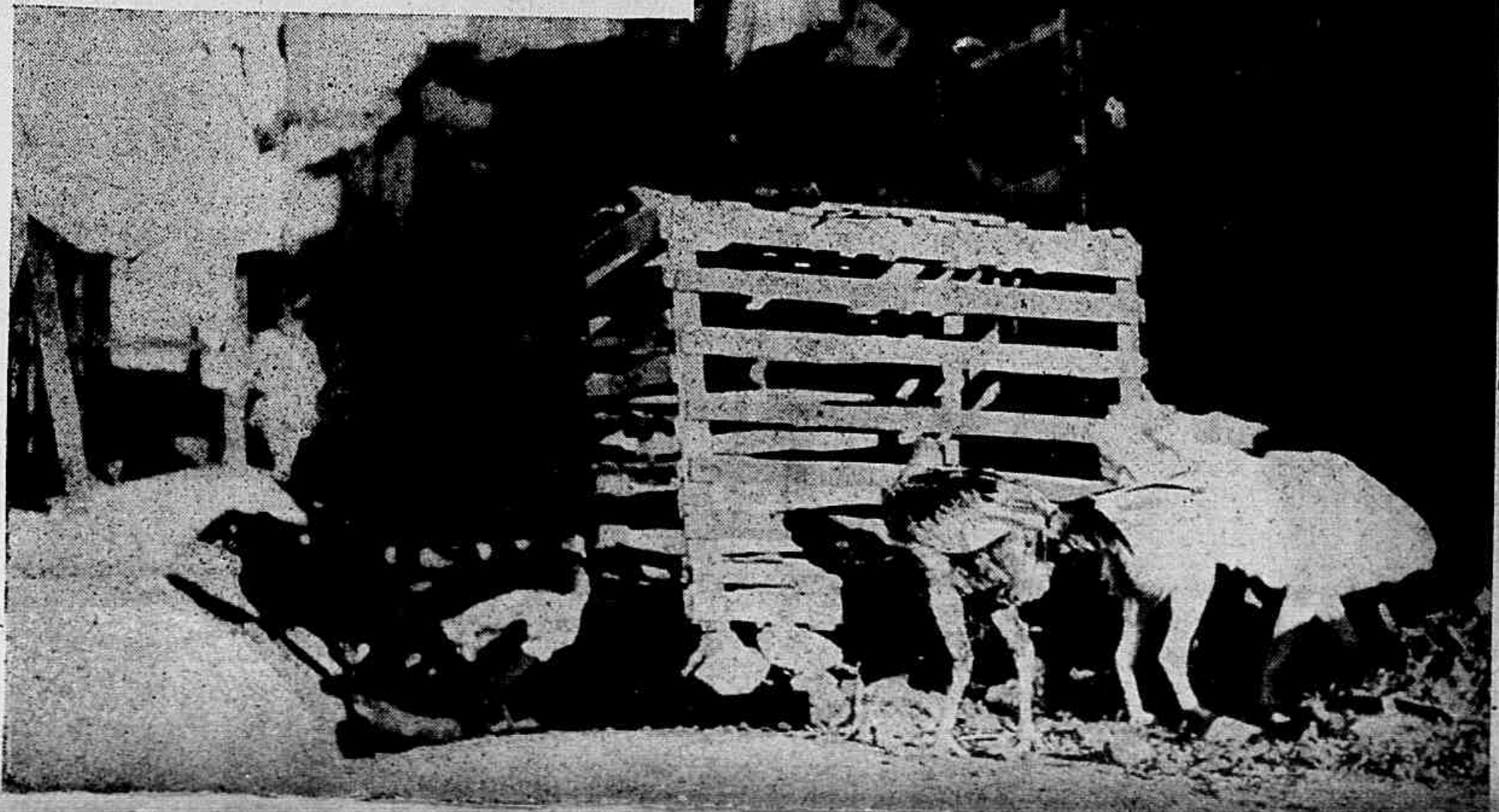
Os primeiros barracos iam aparecendo. Não eram propriamente habitações. Barracões miseráveis, primitivos, sujos, sem a menor sombra de conforto, mal cheirosos. O que há de

CACHORROS, PORCOS, GALINHAS... TODA UMA FAUNA, CISCANDO E FOSSANDO PELOS CANTOS. AQUI A PROMISCUIDADE NÃO FICA DEVEDO NADA ÀS SOCIEDADES PRIMITIVAS HUMANAS. E A SAÚDE PÚBLICA PODE ENCONTRAR LARGO CAMPO PARA SUAS ATIVIDADES. E' SO' SUBIR O MORRO, ONDE A CADA PASSO SE ENCONTRA O QUE SANEAR.

LEITOR, AQUI ESTÁ UMA RUA (?) DA FAVELA. CRIANÇAS SEMI-NUAS, BARRACÕES INFECTOS, MISÉRIA E SUJEIRA POR TODA A PARTE. ESTA É AINDA QUASI UMA AVENIDA, EM CONFRONTO COM OUTRAS QUE SE DEPARAM AOS OLHOS ESPANTADOS DO VISITANTE. AGUAS PARADAS, CASÉBRES INSALUBRES, POBRES INOCENTES QUE TANTO RECLAMAM PROTEÇÃO DAS AUTORIDADES... VAMOS FAZER ALGUMA COISA POR ELES? 

Realmente, a reunião dos indivíduos em sociedade destinava-se inicialmente a trazer-lhes maior garantia e segurança.

Trabalhamos garantidos, pagamos para que essa garantia seja mantida. Podemos dormir tranquilos porque a polícia se mantém alerta durante a noite, paga por nós, velando o nosso sono e preservando a nossa tranquilidade.



mais rudimentar. Depois das cavernas pre-históricas deve seguir-se este tipo de habitações.

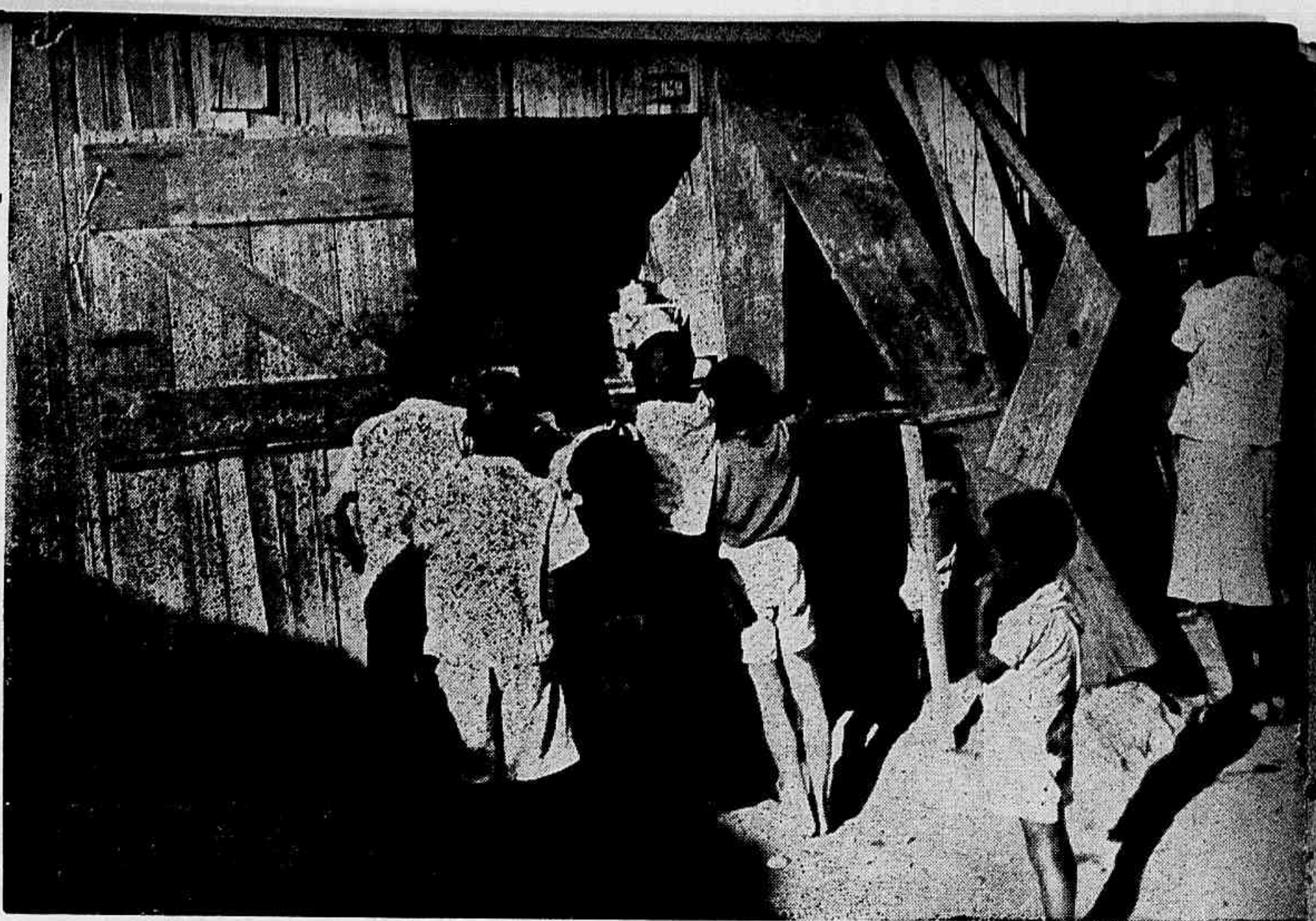
Em geral constam de uma única peça. A pretexto de conversar, entramos numa delas. Lembramos aquela frase de Paula Ney: "A democracia é boa mas cheira mal". E' verdade que aquilo não é democracia. E' bagunça, miséria e promiscuidade. E tudo isto junto tem um cheiro horrível.

Os primeiros habitantes que encontramos foram mulheres, na sua maioria pretas, lavando roupas ou trapos, em tinhas e bacias.

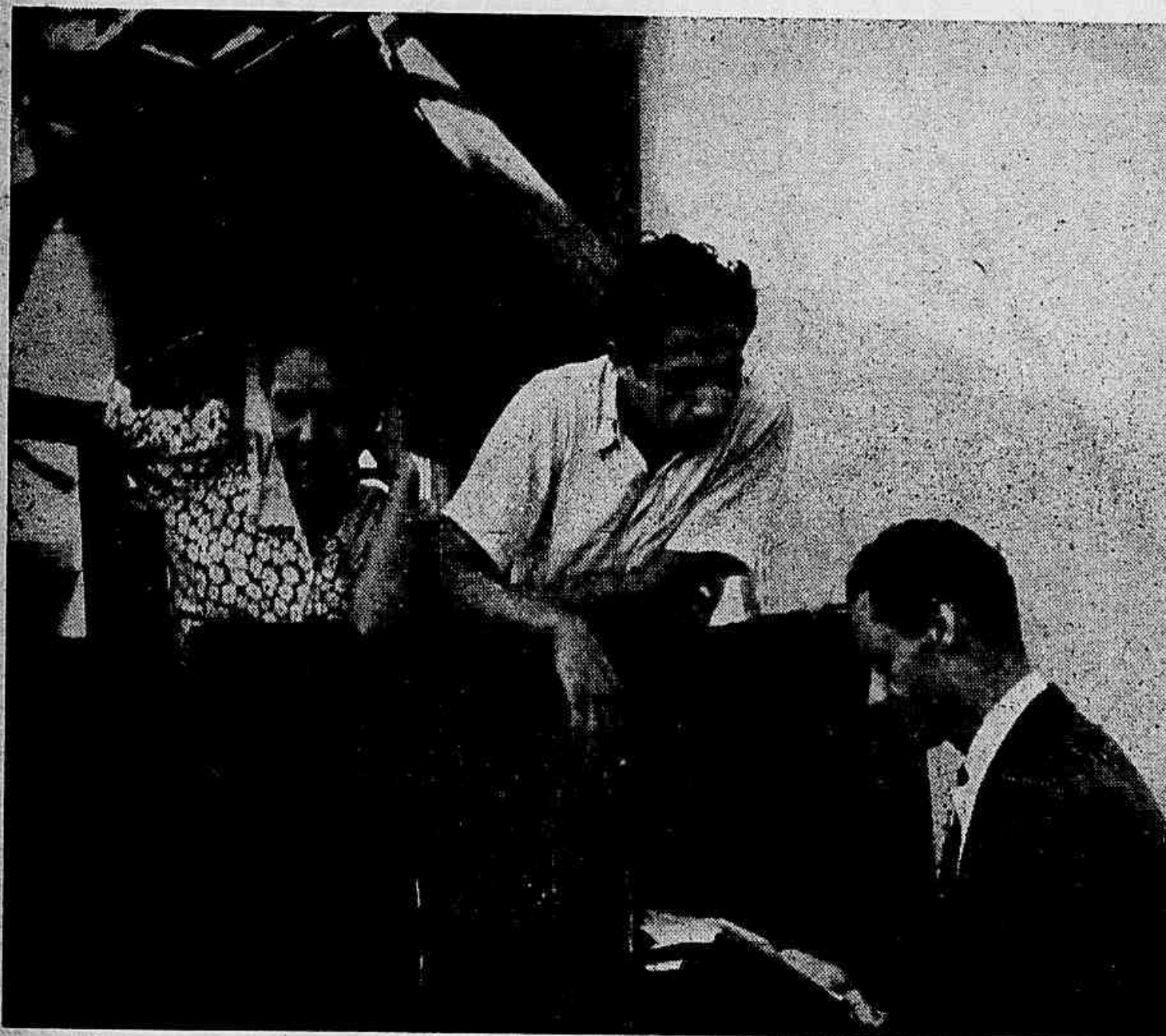
Queríamos tirar fotografias. Elas porém se recusaram quase agressivamente.

— Nada de retratos, disse-nos uma negra beijuda, com cara de poucos amigos.

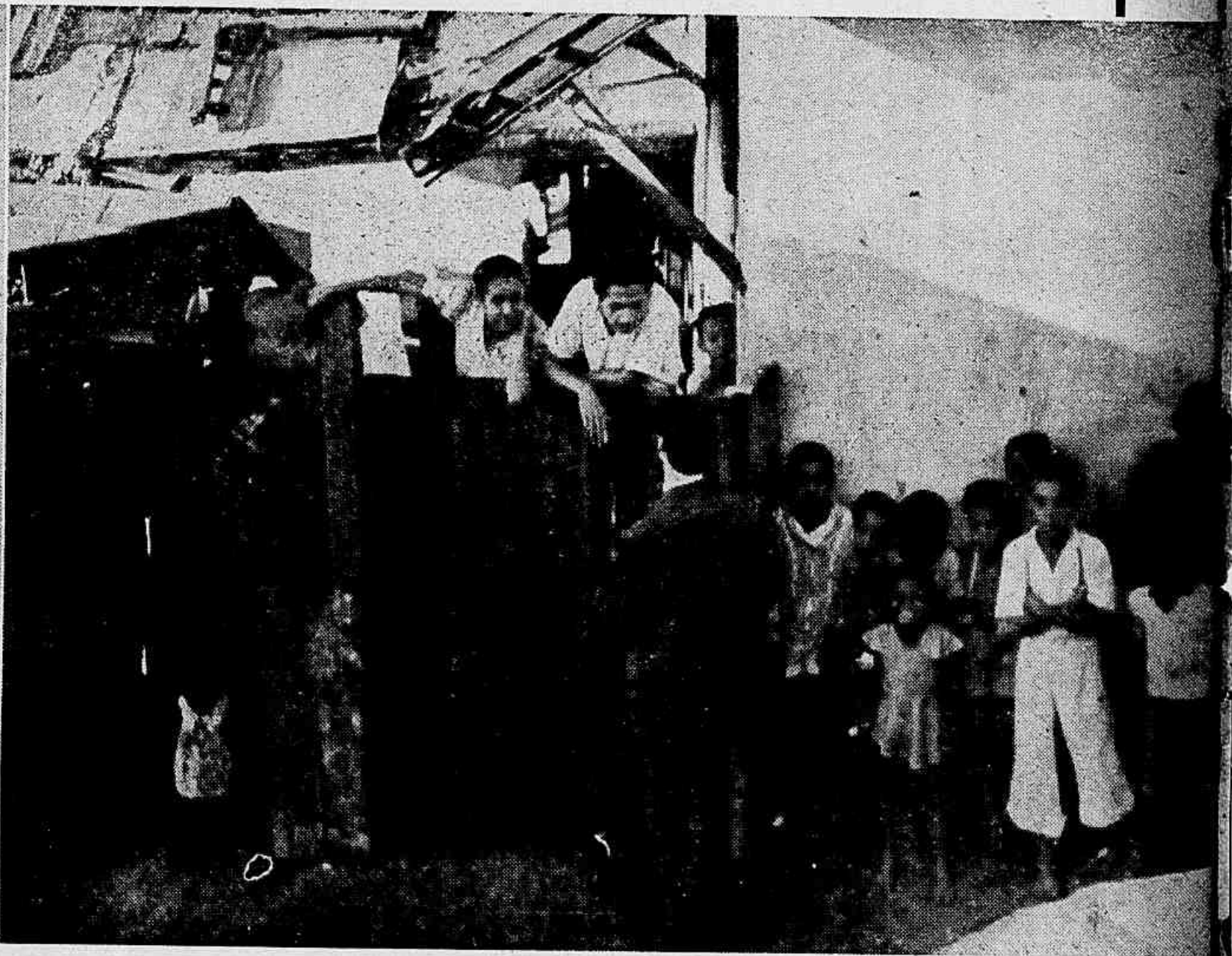
Respeitamos. Não convinha provocar incidentes logo de saída. Aliás, o melhor era evitar atritos enquanto estivéssemos lá em cima. Era-



A TENDINHA ONDE "SEU" JOSÉ VENDE A SUA VARIADA MERCADORIA. COMO PARECE NEGOCIO DE BRINQUEDO, A FREQUENCIA É QUASI TODA CONSTITUIDA DE GAROTOS. ALI SE BEBE CACHAÇA ENQUANTO HOUEVER OS ULTIMOS NIQUEIS. ALI SE APRENDE TODO O VOCABULARIO DA GIRIA E DA OBSCENIDADE. QUE HOMENS PODEM SAIR DESSES MENORES CRIADOS INTEIRAMENTE AO DESAMPARO? QUE MULHERES EXISTIRÃO DEPOIS?



AO ALTO, URSINE DE CARVALHO, PROFESSOR DA FAVELA, ESTUDANTE DE CONTABILIDADE, FALA AO REPORTER. URSINE NASCEU E CRIOU-SE AQUI, NESTA MESMA CASA. MAS QUER DESCER DO MORRO. EM BAIXO, MAIS BARRACÕES, ESTES DE MADEIRA E COBERTOS DE TELHA. ESTÃO UM GRÁU ACIMA DAS OUTRAS HABITAÇÕES DO MORRO. VALEM QUASI POR UM PALACIO E FAZEM PENSAR: QUAL SERÁ O ALUGUEL "DISTO"?



A PRESENÇA DO REPORTER E DO FOTOGRAFO DESPERTOU EXTRAORDINARIO INTERESSE NO MORRO. CRIANÇAS DE TODOS OS LADOS, DENTES MUITO ALVOS, BOQUINHAS ESCANCARADAS PARA A OBJETIVA... E O REPORTER VAI DANDO CONTA DO RECAÍDO, SENTINDO QUE AQUELA GENTE, TÃO SIMPLES, É POR VOCACÃO AMAVEL E NÃO SABE ESCONDER AS COISAS. DIZ O QUE TEM A DIZER, SEM RODEIOS.



mos quase estrangeiros e a desvantagem seria toda nossa.

Numa exígua tendinha, enfeitada de papel já bastante sujo, José, tranquilamente sentado, vendia um pouco de cada coisa.

Entabulamos conversa com José.

— Você está aqui há muito tempo?

— Há três anos, e vou me dando muito bem.

— Gostaria de descer?

— Naturalmente. Mas não agora. Lá em baixo não se pode viver. Aqui pelo menos respira-se e não se paga imposto.

Gente diversa foi se aproximando. Principalmente crianças. Elas andam em bandos, de todas as cores, tamanhos e cheiros.

QUEM VIAJA DE ONIBUS OU BONDE, PASSANDO DIARIAMENTE 'ELA AVENIDA PRESIDENTE VARGAS, NA ALTURA DO ANTIGO MANGUE, TEM INSTINTIVAMENTE O OLHAR ATRAÍDO PARA A FAVELA, POR DETRAZ DA CENTRAL. LÁ EM CIMA, O CRUZEIRO, O PONTO MAIS ALTO DO MORRO, GANHA UM COLORIDO MAIOR, UM REALCE BONITO... — 'COMO DEVE SER BOM MORAR NUM 'ARRANHA-CÉO', LÁ EM CIMA!' — PENSAM MUITOS. SIM, DEVE SER, MAS PRIMEIRO É PRECISO DAR MORADIA PARA TODA AQUELA GENTE.

O aspecto de dois homens mais ou menos bem vestidos, um deles com uma "Kodak", chamava a atenção, constituindo algo de extraordinário.

E' verdade que o espetáculo não era inédito, pois muitos jornalistas e reporters já subiram à Favela.

A gente miuda pedia para ser fotografada, e até algumas cabrochas faziam pôses, esperando.

Entre os que se aproximaram havia um branco, homem forte, de idade indefinível.

— Também mora aqui? — perguntámos.

— Tenho 49 anos de Favela e não me tenho dado mal.

— E' então um dos moradores mais antigos?

— Um dos mais. Há uma pessoa que chegou antes de mim e ainda mora aqui.

— Seria difícil encontrá-la?

— Ela mora no Buraco Quente, lá daquele lado.

E mostrou com o dedo. Depois acrescentou:

— O Buraco Quente é o último reduto da malandragem.

E cuspinhando:

— Isto está muito mudado, moço! Muito!

— Para melhor?

— Depende. Si o senhor pensava encontrar aqui o samba, a macumba, as brigas que todos imaginam existir na Favela, então sairá desiludido.

— Mas não existe nada disso? O samba desapareceu do morro?

— Está agonizante. Antigamente os malandros dos outros morros vinham aqui, à noite. Samba, cachaçada e a coisa acabava sempre em rôlo feio, com algumas mortes. Agora não há mais nada. Dorme-se tranquilamente. Pode estar certo, tudo aqui mudou muito.

E pelo jeito Antônio Moreno (êste é o nome do nosso informante) parecia ter saudades dos velhos tempos.

Seguimos a caminho do Buraco Quente. No percurso encontrámos uma barbearia. A Favela também tem barbeiros. Neste "salão" havia apenas uma cadeira, mais do que suficiente para atender o movimento. Manuel José dos Santos, o "figaro", dormia placidamente a sesta, com um livro de "História da Civilização" aberto no colo. Com a nossa entrada acordou, ainda espantado. Como todo bom barbeiro Santos tinha a língua bem solta; às nossas primeiras perguntas começou a falar:

— Trabalho na Favela como barbeiro há dezoito anos.

— Sempre exerceu a profissão aqui?

A' DIREITA, EM CONFRONTO COM O CRUZEIRO DA FAVELA — A IGREJINHA DO PARQUE PROLETÁRIO. BEM VISÍVEL, O ALTO-FALANTE, ALI COLOCADO PELA ADMINISTRAÇÃO, AFIM DE IRRADIAR OS AVISOS AOS MORADORES. HÁ DIVERSOS OUTROS, EM DIFERENTES PONTOS DO PARQUE, SITUADO NA CAVEA. DEPOIS DE PERCORRER A FAVELA, UM GIRO POR ESTES LACOS É UM BALSAMO E PROVA QUE NEM TUDO ESTÁ PERDIDO. NO BRASIL, COGITA-SE, A SÉRIO, DESTE PROBLEMA SOCIAL.

UM ASPECTO DO PARQUE PROLETÁRIO. AS CASAS SÃO BEM DIFERENTES DAS OUTRAS DO MORRO. ATÉ NO MODO DE VESTIR DOS MORADORES, NOTA-SE OUTRO NÍVEL DE VIDA. TUDO É AREJADO, SIMPLES E CLARO. AS CRIANÇAS NÃO SÃO AQUELE ARREMÊDO DA GENTE DO MORRO. AS MULHERES FAZEM LEMBRAR QUE PODE HAVER HIGIENE MESMO NOS LUGARES MAIS HUMILDES. E O ESSENCIAL, AGORA, É REPETIR A FAÇANHA, CRIANDO OUTROS PARQUES PROLETÁRIOS, NOS DEMAIS BAIRROS DA METRÓPOLE, PRINCIPALMENTE NOS SUBÚRBIOS.

— Não, senhor. Já trabalhei na Escola de Guerra do Realengo, na 4.^a Companhia, e também no 1.^o R. I. Aqui a freguezia não é muita. Enquanto espero vou me instruindo um pouco. E mostrou o livro.

Ficámos imaginando a cara da freguezia quando Santos, entre o cabelo e a barba, narrasse as façanhas de Assubarnipal, imitando com a navalha os golpes da espada do terrível guerreiro.

— Não há escolas por aqui? — perguntámos a um garotinho esperto que desde o começo nos acompanhava.

- Há, sim, senhor. Mais de uma.
- E a professora vem todos os dias?
- Os professores moram aqui mesmo.

Logo depois conhecíamos Ursine de Carvalho, o professor. Tem 21 anos. Leciona mesmo na casa onde mora, menos ruim do que as outras. É estudante e diariamente vem assistir às aulas no Instituto Brasileiro de Contabilidade.

- Quantos alunos?
- Uns quinze...
- Sempre morou aqui?
- Nasci e fui criado na Favela — respondeu rindo.
- E não tem vontade de descer?
- Logo que for possível. Este ambiente aqui é "brabo".

Deixámos a Favela. Não víamos o samba nem a macumba. Vimos jôgo; isto sim, jogava-se por toda parte. Crianças e homens, acocorados no meio da rua, faziam apostas. Não conseguimos fotografar nenhum deles. Quando viam a máquina saltavam como bichos feridos, protestando energicamente.

Adeus, Favela! Não voltámos chorando, mas um pouquinho decepcionados...

"PARQUE PROLETÁRIO PROVISÓRIO N.^o 1". A taboleta, logo na entrada, indicava que era ali a "Favela moderna".

Um funcionário da administração veio ao nosso encontro.

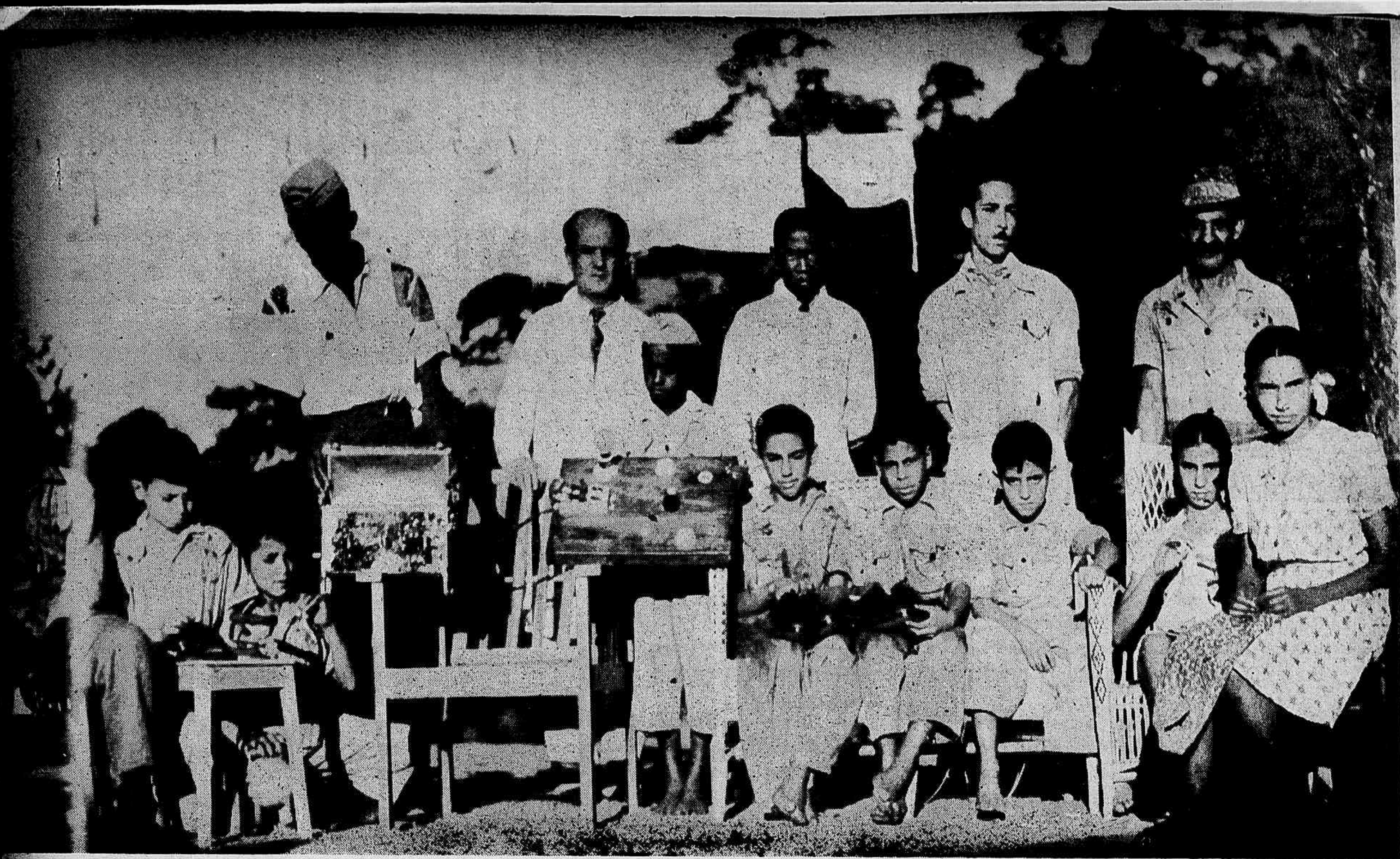
Identificados, fomos atendidos com a maior gentileza. Geraldo Moraes, um jovem estudante de Medicina que trabalha na administração do Parque, dispôs-se a acompanhar-nos.

Imaginávamos que o passeio seria rápido, e que nada mais havia para ver do que as casinhas de madeira que se estendiam além. Enganamo-nos. Fomos encontrar uma pequena e bem organizada cidade, com uma população de 3.673 almas. Ali reinam a ordem, o trabalho e a paz. O contraste com o que víamos no morro é realmente chocante.

Além das casas destinadas à administração o Parque mantém uma escola técnica, seis primárias e três escolas noturnas para adultos; uma creche com berçário, dentista, médico, serviço social.

A Escola Profissional Jonas Corrêa é destinada exclusivamente ao ensino técnico-industrial: costura para as meninas de 10 a 17 anos.





O SR. IVO LUNA, DIRETOR DA ESCOLA TÉCNICA JONAS CORRÊA (O SEGUNDO EM PÉ, DA ESQUERDA PARA A DIREITA); OS PROFESSORES: AFFONSO PEREIRA, SEVERO CARVALHO, NELSON PAIVA, SEBASTIÃO KLINGER E JOVINO ALVES, EM COMPANHIA DOS ALUNOS QUE MAIS SE DISTINGUIRAM NOS DIFERENTES OFÍCIOS ENSEINADOS.

Os rapazes aprendem eletricidade, trabalhos com vime, sapataria, marcenaria, alvenaria e pintura.

Ao todo estão matriculados na escola 184 alunos. Só em eletricidade estão inscritos 54.

O professor Ivo Luna, diretor da Escola, apresentou-nos a alguns alunos, os que mais se destacaram, mostrando-nos os seus trabalhos.

Auxiliado por cinco mestres, cada qual ensinando a sua especialidade, está formando uma turma bem eficiente de profissionais.

Foi o que pudemos constatar pelos trabalhos que nos mostraram, executados pelos próprios alunos, e que os leitores poderão ver nas fotografias.

Walter Cardoso tem apenas 14 anos. Nasceu neste mesmo local, ao tempo em que a Gávea era apenas uma Favela. Os dois pares de sapatos que nos mostrou dão uma idéia bem precisa da eficiência do ensino e da vocação do aluno.

Ivan Moreira afirma que será um futuro vimeiro.

— Acha que ainda não é?

— Ainda não — respondeu modestamente mas com a segurança de quem conhece o assunto e sabe o caminho a percorrer.

Entretanto, a cadeira que nos apontou, feita por ele, parece mostrar o contrário.

Na escola primária servia-se a merenda. Leite, pão, doce — tudo à vontade. A criança palrava alegremente.

— Eles quase que só fazem isto — disse-nos o nosso guia. Comer... E parecem gostar bastante do trabalho.

— Quantas casas ao todo?

— 862 — respondeu-nos o guia. E detalhando:

— Em média, em cada uma residem 4,26 pessoas, sendo 2,55 adultos e 1,71 menores.

Ao todo, o Parque abriga 3.673 pessoas, sendo 1920 do sexo feminino e 1753 do masculino.

Nascem em média 10 crianças por mês.

Fundado em Abril de 1942, o Parque reúne os moradores das Favelas do largo da Memória, morros do Cantagalo, Querosene, e alguns moradores da praia do Pinto e Capinzal. A de Capinzal ficava neste mesmo lugar.

— Não encontraram muitas dificuldades para chegar a ensinar e impor a ordem aos antigos moradores das Favelas?

— No começo, um bocadinho. Aliás, o trabalho foi facilitado, pois fizemos uma seleção

prévia. Os malandros fichados na polícia, os maus elementos não vieram para cá. Tudo tem corrido admiravelmente. Aqui estuda-se e trabalha-se na maior harmonia.

E era verdade.

Lá no morro as cigarras não cantam mais. Aqui no Parque as formigas continuam a trabalhar.

Voltámos para a cidade pensando na grande verdade: não foi só a Praça Onze que acabou; também estão se extinguindo, pouco a pouco, as favelas. Está de pêsames o samba. De parabéns, os homens de amanhã.

IVAN MOREIRA, DÁ-NOS UMA DEMONSTRAÇÃO DA SUA HABILIDADE.



AS CINZAS DE KIROSHIBU

Continuação da página 28

— Devido ao grande valor do que contém. Encerra coisa preciosa.

— Que há dentro dela? perguntou Paul, afetando indiferença.

— A história é sobremaneira complexa.

— Como assim?

— O senhor verá.

— Aguardo ansioso a elucidação.

— Resumirei a história. Imagine o senhor que, faz poucas semanas, meu ilustre irmão e sócio foi se juntar aos seus venerandos antepassados.

— Morreu?

— Podemos dizê-lo assim, de maneira mais precisa. Ora muito bem. Morto meu irmão, abri-lhe o testamento, onde havia, além de uma generosa dádiva que ele me fez de sua fortuna, a condição "sine qua non" para recebê-la.

— E qual era essa condição a que o senhor deveria obedecer para poder entrar em posse da fortuna que lhe foi legada?

— Uma condição, meu senhor, da natureza mais incomum. Uma condição que, se pode dizer, atinge o limite extremo da verossimilhança e que receio muito deponha contra o equilíbrio mental de meu ilustre irmão. Uma condição, entretanto, perfeitamente legal, e que eu me apresso em satisfazer.

— Mas qual era essa condição, afinal?

— Impôs-me o ilustre morto que lhe queimasse o cadáver e lhe guardasse em urna as cinzas. Feito isso deveria eu dirigir-me à praia de Miami na Flórida e atirar as suas cinzas ao mar.

— Então o senhor vai à Flórida para atirar ao mar as cinzas de seu irmão?

— Precisamente.

— E esta urna contém...

— ...o que resta do invólucro carnal de uma alma ilustre!

Paul engoliu em seco. Houve uma pausa. Era uma experiência nova, uma sensação ainda não provada e ele, como psicólogo amador, queria refletir para poder determinar a reação nervosa que a notícia provocara. Fechando os olhos ele refletiu que estivera perto de um cadáver, que camara perto de um cadáver. Cadáver? Não propriamente um cadáver, não era um cadáver. Não se poderia apanhar um punhado de cinzas e dizer: isto aqui eram os olhos; aquele outro punhado ali constituía o estômago. E isso, por mais horroroso que pareça, tirava toda a repugnância que ele pudesse talvez sentir.

A voz do japonês fê-lo voltar a atenção mais uma vez para o caso que estavam discutindo.

— Quería vê-las?

A BELEZA É OBRIGAÇÃO

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os poros, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante".

Experimente-o.

— Vê-las?

— Sim. As cinzas de meu irmão.

— Ah, sim. Tinha vontade de contemplá-las.

O japonês, impassível, tomou a urna, e abriu-a com uma pequena chave que estava amarrada ao lado, com uma fita.

As cinzas do outro Kiroshibu eram de cor acinzentada e não enchiam toda a urna. Mal chegavam à metade. Paul refletiu amargamente: A isso se reduz um ser humano!

No rosto do japonês estampara-se um sorriso, um terrível sorriso mecânico.

Paul não sabia o que dizer. Finalmente perguntou.

— Quanto pesam?

E imediatamente arrependeu-se, porque, afinal de contas, o que ali estava era o que restava do irmão de Kiroshibu.

O japonês, entretanto, não se mostrou emocionado.

— As cinzas pesam pouco. Mas a urna é pesada.

— Como é possível isso?

— Experimente segurar a urna. Veja. Paul segurou.

— É verdade.

As aparências enganavam. O objeto pesava bastante.

— Há uma coisa, entretanto, que eu não consigo compreender, protestou Paul.

— Qual é?

— Por que quererão roubar-lhe a urna.

— Por causa do que contém.

— Mas que valor extraordinário é esse que atribuem às cinzas de um homem. Não sabia que esse produto tivesse saída no comércio internacional.

— O senhor, em parte, tem razão. Mas talvez não sejam as cinzas que o ladrão deseja, porém a urna.

— Mas então não compreendo nada. O senhor acaba de me afirmar que é pelo conteúdo que a urna vale.

— E' isso, precisamente, que eu queria dizer. Querem me roubar o que? A urna. Por que? Pelo conteúdo.

— Mas, nesse caso, o valor está no conteúdo.

— Aí é que o senhor se engana. O valor está nos dois. O valor está na urna possuir tal conteúdo, não valendo, porém, ambos, separadamente. Compreende?

— Confesso que não.

— Vou explicar.

— Agradeço muito.

— E' o seguinte. Há, nesse país, muitos colecionadores de objetos orientais. Porém essa urna, como curiosidade, é de valor ínfimo, dada a facilidade de se obter uma igual. Nesse caso, o valor não está na urna propriamente, mas nas cinzas, ou, melhor, nas cinzas dentro da urna. Onde obterão os colecionadores uma urna com as cinzas de um homem dentro? E as cinzas de um grande colecionador como eles? Compreende agora?

— O senhor quer dizer que o valor da urna está no fato de encerrar cinzas humanas?

— Exatamente. E, para ser mais preciso, determinadas cinzas humanas, isto é, as cinzas de um colecionador.

— O senhor, nesse caso acha que as cinzas de seu irmão têm valor e são, por assim dizer, negociáveis?

— E' isso mesmo, em suma.

Paul estava perplexo.

— E que quer o senhor que eu faça?

— Quero que o senhor tome conta das cinzas, leve-as para o seu compartimento, esconda-as, proteja-as, não deixe que as roubem.

— Mas o senhor deve compreender que eu sou um detetive e que nunca me empreguei como guarda costas. Investigo somente. E, além do mais, nem seria de guarda costas de um homem, mas das

cinzas de um homem. Não, francamente, Sr. Kiroshibu, o emprego não me convém.

Crimes impossíveis atraíam-no, histórias fantásticas empolgavam-no, mas as cinzas negociáveis não lhe despertavam o menor interesse. Nem mesmo a afirmação categórica de que seriam roubadas, ou que, pelo menos, haveria uma tentativa de roubo, nada disso o fazia interessar-se pelo caso.

— Sinto muito, disse Kiroshibu.

— Eu também, respondeu Paul.

O japonês levantou-se. Paul viu-o afastar-se, desaparecendo, finalmente, no outro carro. Foi a última vez que o viu, em vida.

II

Uma palavra de seis letras que significasse búfalo sul-africano era o problema que empolgava o cérebro prodigioso do detetive naquele momento. Duas horas da manhã já tinham passado havia muito tempo e a luz, no seu compartimento continuava acesa, enquanto ele decifrava palavras cruzadas, reclamando em voz baixa, às vezes, contra os balanços do trem.

De repente ouviu um rumor de vozes.

— Meu Deus! Não é possível!

— Foi, sim, senhor.

— E não há no trem quem possa tomar conta do caso.

— Sr. Dawn está aqui.

— Paul Dawn?

— Sim.

— Por que não disse isso antes? Chame-o imediatamente.

Paul, que não estava com vontade nenhuma de ser incomodado, apagou a luz e fingiu que estava dormindo.

Sr. Dawn!

Era a voz assustada e trêmula do encarregado.

Continúa na página 48

- Até de olhos fechados distingo
- é Sabonete
LEVER!

AMIGA - De fato! Este é Sabonete Lever! Como é que você sabe?

ELA - Ah! É fácil. A cousa que logo me diz que este sabonete é Lever é sua deliciosa suavidade!

AMIGA - E você sabe porque Lever é feito assim?

ELA - Certamente! É para produzir espuma com rapidez! Veja - bastam cinco ligeiras fricções das mãos e, imediatamente, surge a rica, abundante, espuma que, com igual rapidez, estende-se sobre a pele, absorvendo e removendo

todas as impurezas e resíduos da "maquillage".

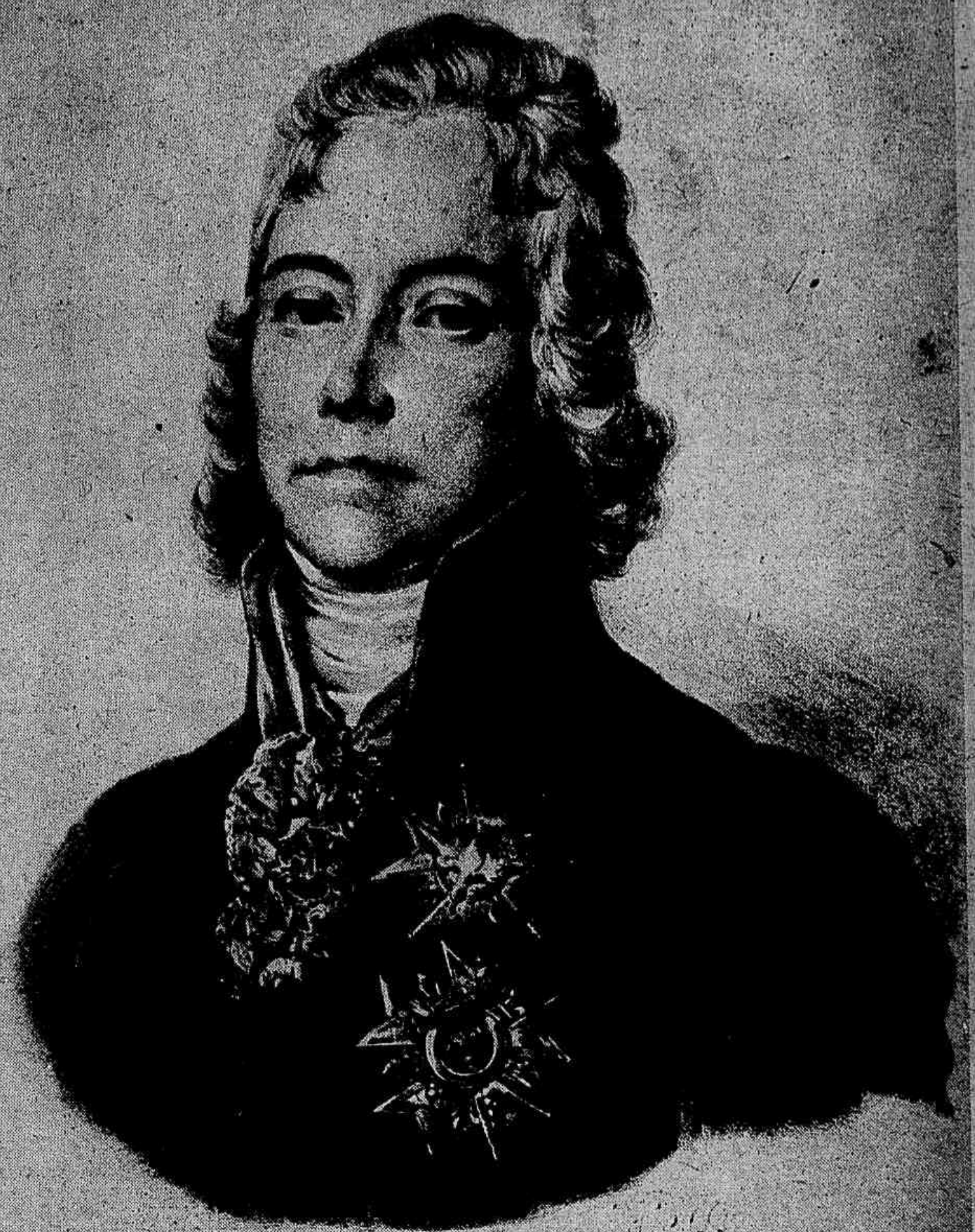
AMIGA - Com apenas cinco fricções? Formidável! Então gasta pouquíssimo!

ELA - É evidente! Com Lever, não se desperdiça, esfregando. É isto que o torna tão econômico e de uma durabilidade incontestável, que pode ser comprovada, marcando-se o dia em que entra em uso. Além de tudo, Lever é o adorável sabonete recomendado por 9 entre 10 estrelas para uma cutis macia e juvenil.

★ LEVER - o sabonete das estrelas!



M. LA DAUPHINE



L. XVI



LOUIS XVI



MARIE ANTOINETTE

Arte

LITOGRAFICA

Foi por muito tempo uma profissão. Passou a ser, depois, uma requintada manifestação de arte. Hoje, litografias de classe merecem as honras de uma exposição em grande estilo, qual a que vem de organizar-se no Museu Nacional de Belas Artes, sob o patrocínio de seu diretor, o professor Osvaldo Teixeira. As que foram ali expostas pertencem á coleção da sra. Ophelia Nascimento e das mesmas oferecemos aos leitores, nestas páginas, varias reproduções. Aí vemos algumas figuras históricas, atravez das quais podemos apreciar a delicadeza dos traços que o artista soube imprimir-lhes. Algumas são obras do grande Delpich, um dos mais famosos na sua arte. Os retratos da Delfina, de Talleyrand, Luís XVI, Maria Antonieta, George IV da Inglaterra, são fielmente reproduzidos em magnificas estampas. Talleyrand e Maria Antonieta surgem-nos um pouco diferentes dos que estamos habituados a vêr, talvez porque o artista conseguiu imprimir-lhes nos traços fisionômicos as características fundamentais de suas personalidades. Toda a argucia e habilidade do astucioso Ministro, tão bem descrito por Stefan Zweig, transparecem nessa fisionomia estranha,



GEORGE IV.

Roi d'Angleterre

Lettre de S. M. Georges IV,
Roi d'Angleterre

Agissez, ma très chère femme abonnée, je
vous en supplie, vous m'avez promis pour
l'annuelle de la lettre que vous avez en la lettre de
on'adresser au sujet de la lettre annuelle que
je vous d'apporter pour la mort de Louis XVI
ma chère je suis sûr de vous pour que la
divine Providence vous la mort de Louis XVI
semblables motifs de regret, et il est en la
plus parfaite honneur et en l'honneur, que je me
dis, Madame ma très chère femme abonnée de votre
lettre.

Carton d'envoi
Le 20 de Juin
1788.

de bon et fidèle serviteur abonné
George IV.

o mesmo acontecendo com Maria Antonieta, muito diferente da que frequentemente nos mostram quadros de diversos autores. Em suas feições cançadas, podemos lêr o drama de uma existencia de tantas atribulações, mostrando-nos também a gravura a perfeição e os detalhes que podem ser atingidos na arte da litografia. Outro excelente trabalho é o de Luiz XVI, esse infeliz monarca que pagou com a vida a tirania de seus antecessores. A opressão exercida sobre um povo sequioso de liberdade, ao tempo de Luiz XIV, e os desmandos de Luiz XV, transparecem nessas composições. Mas não são menos notaveis os trabalhos que nos mostram Goerge IV, rei da Inglaterra, bem como a carta de autoria desse soberano.

E', enfim, uma exposição de alto mérito historico a que vem de organizar-se aqui no Rio. Ao tempo em que as publicações ilustradas circulavam com o exaustivo labôr dos litografos, esses trabalhos demandavam um restricto campo de mérito artistico. Depois, com o advento da fotogravura, do off-set e de tantos outros processos de illustrações, é que se pode avaliar o trabalho de um litografo, passando para a pedra, com os minimos detalhes, a gravura cuja reprodução se vai fazer depois no papel, consumindo, nessa tarefa, horas e dias de paciente esforço.

JOCKEY -- CLUB -- MUNDANO



MAIS UMA VEZ O JOCKEY CLUB BRASILEIRO OFERECEU AOS FREQUENTADORES DO HIPÓDROMO DA GAVEA UM ESPETÁCULO RICO EM SENSACIONES, COM A REALIZAÇÃO DE MAIS UM ESPLÊNDIDO "MEETING" DOMINICAL. AGORA, QUE O CALOR SE FOI, MAIOR ENCANTO ENCONTRAM AS NOSSAS ELEGANTES EM ASSISTIR AO DESENNOLAR DAS SENSACIONAIS CARREIRAS E PASSEAR DESPREOCUPADAMENTE PELA "PELOUSE" DO BELO PRADO, NOS INTERVALOS DOS PAREOS. PARA QUE OS LEITORES TENHAM UMA LIGEIRA IDÉIA DO QUE FOI A ÚLTIMA TARDE DE CORRIDAS NA GAVEA, AQUI REPRODUZIMOS ALGUMAS FOTOGRAFIAS DA MESMA.



NOS BASTIDORES FEMININOS

Aqui está o majestoso vestido de noiva apresentado por Ginger Rogers em seu mais recente filme (Lady in the Dark), traduzido para o nosso idioma sob o título de "A noiva que não sabia amar". É todo bordado a mão, ostenta um elegante corpete e um vistoso véo, tendo ainda uma imensa cauda. Heráldica, soberba, a noiva encaminha-se para o altar, seguida processionalmente pelas suas damas. Ela apresenta ainda um imponente adorno recamado de perolas sobre a cabeça. Tudo isso, filmado em technicolor, deve resultar, por força, em um deslumbrante espetáculo. A câmera foi colocada sobre um aparelho portátil, móvel, diante do cortêjo.

Do chão, desprendem-se nuvens brancas com luzes de diversas cores. E trinta e duas vozes, em coro, fazem ouvir-se a Marcha Nupcial de Mendelssohn. (Foto Paramount).





Margaret Chapman

apresenta

JÁ estávamos com a impressão de que a imaginação transbordante dos figurinistas ficasse paralisada pelo choque brutal das contingências da guerra; quando ultimamente a inspiração retomou seu ritmo estético, sugestionada pelos trajes militares, embora sem a rigidez severa dos dolmans com passamanerias de cordões sem brilho, bem masculinos afinal.

Apresentamos hoje às nossas leitoras cinco modelos soberbos de uma linda atriz. E' alguma cousa do guarda-roupa de Marguerite Chapman em "Destróier" que a Columbia vai exhibir; pela amostra podemos avaliar o que sera' esse maravilhoso desfile de modelos.

A REVISTA DA SEMANA não tem poupado esforços para conseguir sempre novidades para o apurado gosto de suas leitoras; tanto que, não obstante as dificuldades de transporte de alem-mar e carencia de material, esta' mantendo as suas paginas de modelos do cinema na certeza de serem esses os preferidos das suas leitoras.

Marguerite Chapman exhibe uma audaciosa e feliz combinação, neste vestido de lã preta de linhas simples, saia estreita, com um capote curto no estilo pitoresco do hussar ungaro, forrado de "agneau rasé"



branco, com bordados de "roulouté" preto; o chapéu segue a linha do traje, posto de fôrma um tanto exótica.

Para qualquer hora do dia, temos este "ensemble" preto e bege, saia estreita, um original colete masculino com a respectiva corrente como usaram os nossos pais, e uma blusa de lã (sweater), trabalhada em listas.

Muito pratico e elegante este vestido estilo "jum peer" em lã azul marinho, com meia manga, a blusa interior é de seda listrada vermelho e branco; o chapéu é branco com listras vermelhas na beira; lindo para uma jovem.

Um modernissimo três-quartos em escocês branco e verde com a gola atrás em veludo; é usado sobre um vestido de seda verde no mesmo tom do verde do casaco, saia estreita.

Finalmente, Marguerite Chapman exhibe um elegantissimo complemento para jantar ou recepção. O vestido é curto, com um decote de corte original drapeado ligeiramente; a toque, posta atrás do penteado, mostra apenas as flores sobre as orelhas; luvas de pelica preta, e, para completar-lhe a requintada elegancia, uma grande "echarpe" de raposa prateada, ultima moda em peles caras.

JANET MACKENZIE.



A GORA que as modas começam, finalmente, a sofrer maiores alterações, pois por muito tempo os figurinistas de Hollywood quasi conservaram o mesmo est'lo de antes da guerra, o interesse maior pelas nossas paginas de elegancias faz sentir-se. Chapéus, adornos de cabeça, vestidos para época de inverno, tudo se apresenta com novos e revolucionarios modêlos, os quais iremos dando, nesta e nas edições vindouras. Para esse fim, temos em pleno funcionamento o nosso Departamento Feminino, reservando para os números seguintes outros interessantes modelos destinados às nossas leitoras.



Belissimo chapéu de Elvise Knox, antilope azul marinho com grande fita de tafeta' escossês, bolsa do mesmo material.

As blusas continuam em voga como complementos indispensaveis aos costumes.

Tambem estão em moda os conjuntos de costume, com um casaco do mesmo tecido e da mesma cor. Esta, ao lado, é uma das novidades mais elegantes que voltam à circulação.



ÊLE SOBREVIVER?

reduziram o número de mortes e limitaram as dores e outras moléstias. O médico, por estas vitórias, sonha com futuras honras de trabalhar intimamente com a medicina e a odontológica, a Casa Squibb mantém-se fielmente com os grandes progressos da medicina durante os últimos 85 anos. Dedicamos nossos esforços e nossos recursos para a obtenção de um ideal de maior longevidade e maior saúde para toda a humanidade. Em cada produto medicinal Squibb se reflete não só a nossa experiência inigualada durante um grande período de tempo como também o princípio no qual esta Casa foi fundada.

NEW YORK

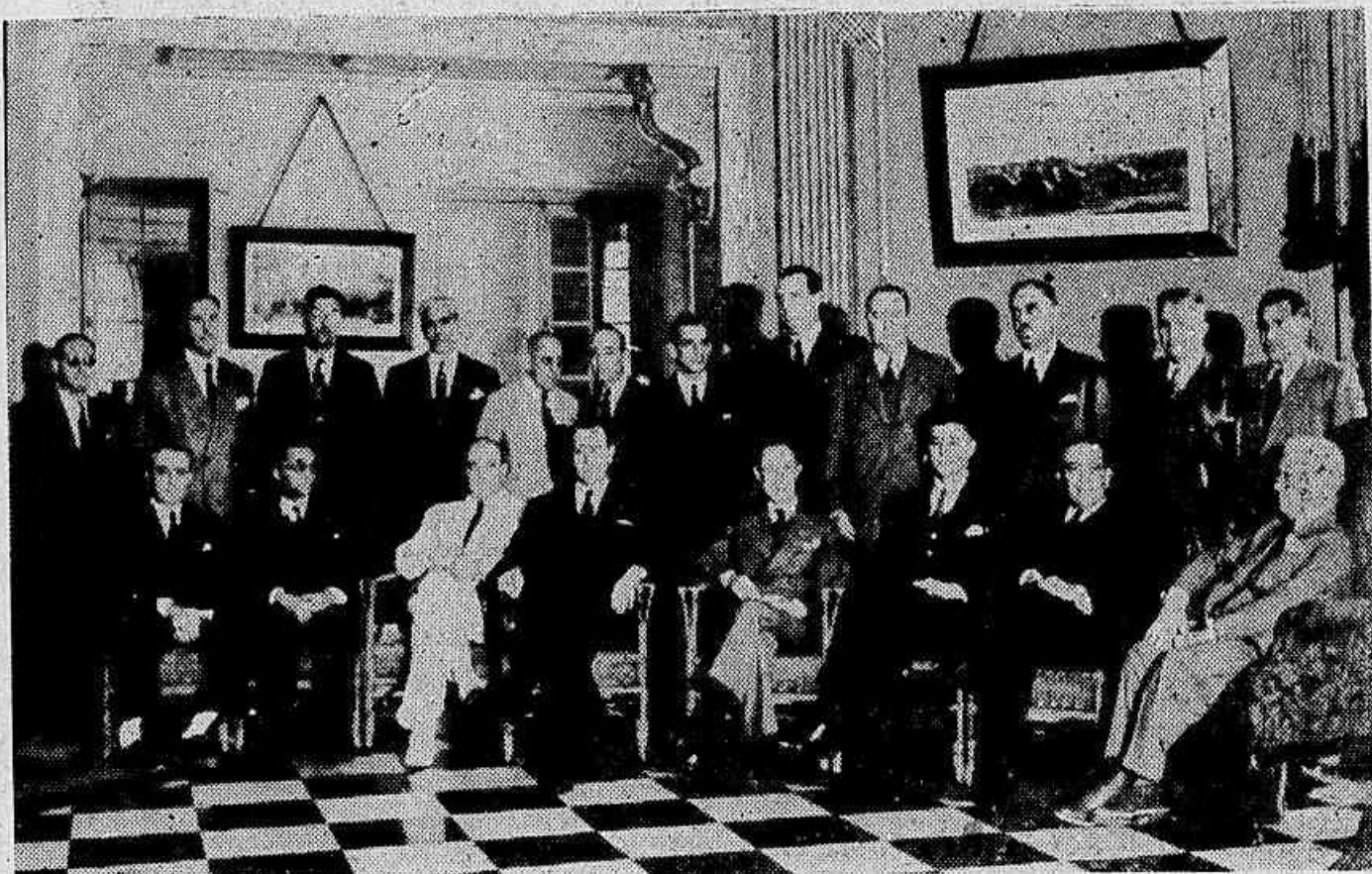
DESDE 1858

E A INTEGRIDADE DO SEU FABRICANTE



O GOVERNO DO CHILE, POR INTERMÉDIO DO EMBAIXADOR GONZALEZ VIDELA, CONFERIU A VÁRIAS AUTORIDADES CIVIS E MILITARES DO BRASIL A ORDEM "AL MERITO", DISTINGUINDO ASSIM OS SERVIÇOS POR ELAS PRESTADOS AO PAÍS IRMÃO.

NA FOTO ACIMA, VEMOS UM ASPECTO DA SOLENIDADE, QUANDO O MINISTRO SALGADO FILHO PRONUNCIAVA O DISCURSO DE AGRADECIMENTO, EM NOME DAS PERSONALIDADES DISTINGUIDAS COM A HONROSA ORDEM. LADEIAM-NO OUTRAS ALTAS AUTORIDADES, ENTRE AS QUAIS O SR. PEDRO BRANDO, SUPERINTENDENTE DA ORGANIZAÇÃO HENRIQUE LAGE, TAMBÉM AGRACIADO COM A ORDEM "AL MERITO."



MAJOR NAPOLEÃO ALENCASTRO GUIMARÃES — NO SALÃO DE BANQUETES DO JOCKEY CLUBE REALIZOU-SE EXPRESSIVA HOMENAGEM DA DIRETORIA DO TOURING CLUB DO BRASIL AO MAJOR NAPOLEÃO DE ALENCASTRO GUIMARÃES, DIRETOR DA E. F. C. B., POR MOTIVO DOS GRANDES SERVIÇOS PRESTADOS POR ESSE ILUSTRE OFICIAL À CAUSA DO TURISMO DE NOSSO PAÍS. NOSSA GRAVURA FIXA ASPECTO DO ALMOÇO, VENDO-SE O HOMENAGEADO À DIREITA DO DR. JUVENAL MURTINHO NOBRE, PRESIDENTE DO TOURING CLUBE. O MAJOR BERILO NEVES, 1.º VICE-PRESIDENTE DESSA INSTITUIÇÃO E NOSSO COLABORADOR, FEZ A SAUDAÇÃO OFICIAL AO DIRETOR DA IMPORTANTE VIA FÉRREA.



NO DIA 27 DE MAIO ÚLTIMO TEVE LUGAR NA IGREJA DA CANDELARIA A PASCOA DOS INAPIÁRIOS, QUE LEVOU ÀQUELE TEMPLO CATÓLICO ENORME NÚMERO DE FUNCIONÁRIOS DO INSTITUTO DE APOSENTADORIAS E PENSÕES DOS INDUSTRIÁRIOS.

NO CLICHÉ, UM APANHADO FOTOGRÁFICO DA TOCANTE SOLENIDADE RELIGIOSA, QUE CONSTITUIU UMA BRILHANTE DEMONSTRAÇÃO DE FÉ DOS INAPIÁRIOS DO RIO DE JANEIRO.

A EXMA. SNRA. D. ODETTE DE MELO, DIGNÍSSIMA ESPOSA DO SR. TTE. CEL. NELSON DE MELO, CHEFE DE POLÍCIA DO DISTRITO FEDERAL, CUJO ANIVERSÁRIO TRANSCORREU NO DIA 14 DO CORRENTE. O ILUSTRE CASAL, ELEMENTOS DO MAIOR DESTAQUE NA SOCIEDADE CARIOCA, RECEBEU, A PROPOSITO, MUITAS HOMENAGENS.



Aniversários da Semana

25 — Senhoras: D. Abília Guimarães Peixoto; Senhorinha: Dulcy do Espírito Santo Cardoso. Senhores: Dr. Hildebrando Accioly, Dr. Toscano Espinola, Guilherme Neves, Dr. Alberto Potier Junior, Dr. Mario Hora.

26 — Senhores: Dr. Josias Sant'Anna, Dr. Piratinino de Almeida, Professor Albano Raymundo da Fonseca Marques, Pery Ribas, Celso A. A. Franco, José Vinicius de Oliveira, Francisco Martins Guerra, General Meira de Vasconcellos.

28 — Senhoras: D. Edina Marcondes do Amaral. Senhores: Conde de Paranaguá, Dr. Paulo Maranhão, Dr. Vitor Midosi Chermont, Dr. Luiz Arantes de Almeida.

29 — Senhoras: D. Odete Pereira Nunes, D. Carolina Nogueira. Senhorinhas: Almira Otati Perlingeiro. Senhores: Desembargador Oldemar Pacheco, Dr. Lygio de Souza Melo, José da Veiga Cabral, Capitão Celestino Costa, Pedro Raposo Lopes, Dr. Paulo de Souza Garcia.

30 — Senhora: D. Iracema Freire Chaves; Senhores: Dr. Pedro da Cunha Pedrosa, Dr. Bricio Filho, Dr. Nogueira Penido, Desembargador Henrique José Couto, Dr. Raul Guedes de Melo.

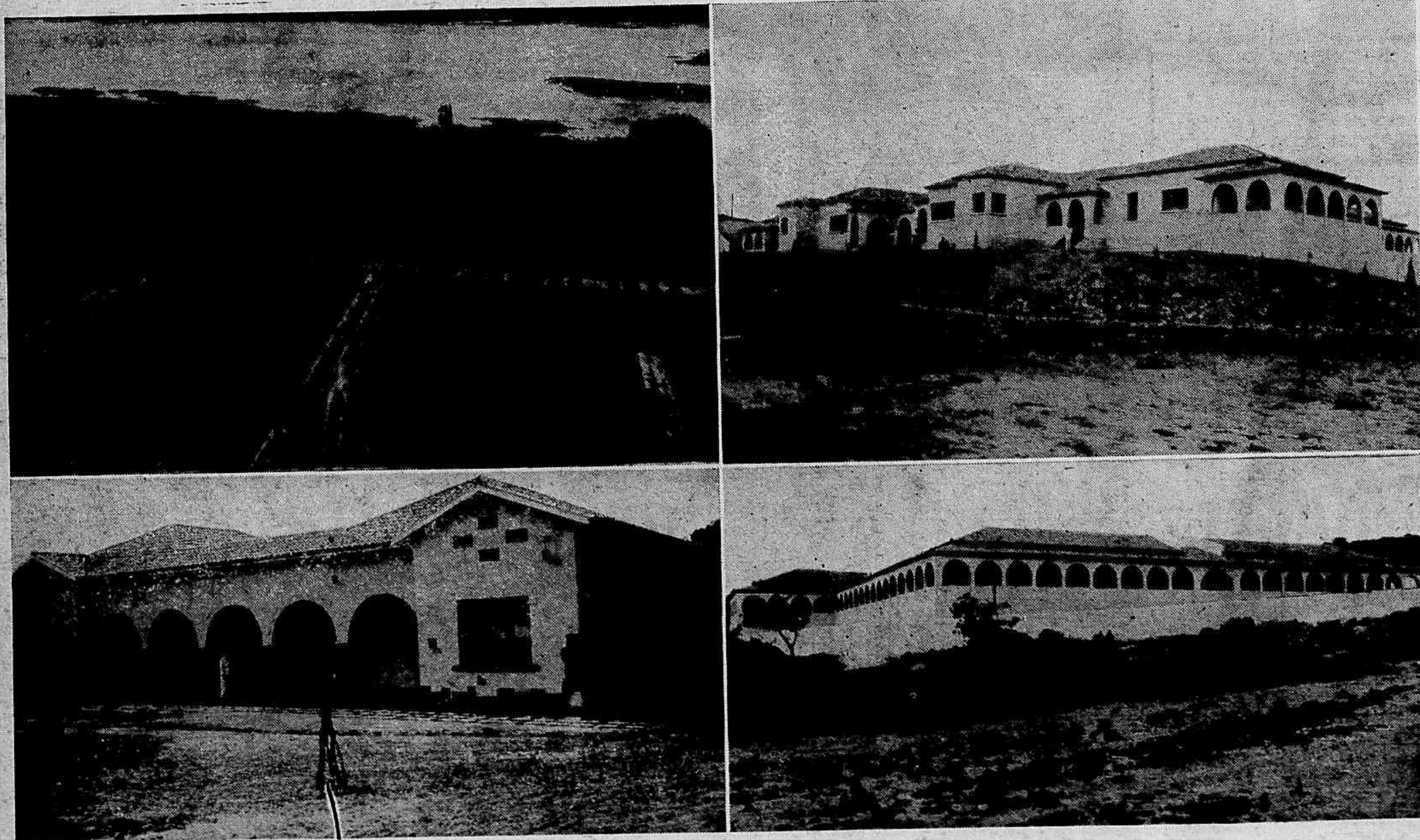
JULHO — 1 — Senhores: Professor Dr. Juvenil da Rocha Vaz, Lucy Filho, Dr. Rogerio Coelho; menino Geraldo Luiz J. Gonçalves.

FIGURAS E FATOS

DOS ESTADOS



RIO GRANDE DO SUL. — FLAGRANTES TOMADOS NA CIDADE DE RIO PARDO, DURANTE OS ÚLTIMOS FESTEJOS DA SEMANA DA PÁTRIA: DESFILE DE COLEGIAIS, CRIANÇAS DA CRECHE LOCAL, DE ALUNOS DOS GRUPOS ESCOLARES. AO CENTRO, O SR. HEITOR BONORINO, DELEGADO DE POLÍCIA, TEM EM SEUS BRAÇOS O VENCEDOR DO CONCURSO DE ROBUSTEZ, ENTRE CRIANÇAS DE PEITO, REALIZADO NO POSTO DE SAÚDE LOCAL. O HEROI SEGURO O PREMIO COMO GENTE GRANDE.



DA PARAÍBA. — ASPECTOS DA ESTANCIA TERMAL DE "BREJÕES DAS FREIRAS", RECENTEMENTE INAUGURADA NO INTERIOR DO ESTADO DA PARAÍBA. SÃO INSTALAÇÕES MODERNAS DESTINADAS AO APROVEITAMENTO DAS FONTES TERMAIS BICARBONATADAS, SÓDICAS E RADIOATIVAS EXISTENTES NO MUNICÍPIO DE ANTENOR NAVARRO.

**SABONETE
HIGIENIC** HIGIENIZA
O CORPO E AS MÃOS
CR\$ 1,90

AS CINZAS DE KIROSHIBU

(Continuação da página 35)

— Sr. Dawn! Sr. Dawn! O senhor está acordado?

Paul impacientou-se.

— Não; estou dormindo. Vá-se embora!

— Sr. Dawn, pelo amor de Deus, acorde!

— Deixe-me dormir, homem de Deus!

— Pelo amor que o senhor tem a sua mãe, Sr. Dawn.

— Minha mãe já morreu. Vá para o inferno!

— Sr. Dawn houve um acidente! Sr. Dawn, acorde!

— Oh! que homem cacete! Que foi que houve? Se foi acidente, porque não manda chamar seu chefe?

— Não foi essa espécie de acidente. Sr. Dawn. Um passageiro... o japonês... parece que morreu...

— Quem?

— O japonês. O condutor pediu-me que o chamasse. Venha, por favor, Sr. Dawn.

— Já que o condutor me acorda no meio da noite para ver acidentes que provavelmente não tem nada de extraordinário ele terá que esperar que eu me vista.

— Venha assim mesmo! Venha logo!

— Meu amigo, eu admiro e respeito Adão, como pai da humanidade e venerável antepassado; mas a moda, no que diz respeito ao vestuário, já mudou um pouco desde o tempo dele. Não sinto a menor inclinação pela folha de parreira. Na verdade, a beleza desse traje é muito exquísita!

Paul era assim. Incomodado no meio da noite para resolver um crime, tor-

nova-se sarcástico e o seu mau humor fazia-o abusar da ironia. O encarregado, entretanto, que não primava pela inteligência, percebendo a significação das palavras, mas não a ironia, aconselhou-o a vestir um pijama e vir imediatamente, e exortou-o em voz trêmula a apressar-se, pois o caso era realmente grave. Paul não se apressou. Alguns minutos mais tarde aparecia ele no outro vagão, onde estava situado o compartimento do japonês.

O condutor era um velho com ar pouco inteligente. "Aliás todos os empregados de trem são pouco inteligentes", pensou Paul. "Se tivessem mais massa cinzenta não estariam, aqui, fazendo esse trabalho absurdo e acordando, ou melhor, incomodando os passageiros no meio da noite". Mas isso, diga-se, não era sua opinião sincera, nem traduzia o seu respeito por qualquer pessoa que trabalhasse; suas reflexões naquela hora não podiam deixar de ser levemente pessimistas, devido à antecipação do que se chama mau humor matinal.

— Que houve? Que barulho é este?

O condutor apresentou um senhor de meia idade que estava ao seu lado.

— Este aqui é o senhor Kung.

— Oscar Kung, completou o cavalheiro, cujos olhos, se bem que não fossem completamente oblíquos, traíam a sua raça chinesa. Paul aprendera a distinguir chineses de japoneses durante um complicado caso de espionagem.

— Seu nome? perguntou o detective ao condutor.

— Chamo-me Sims.

— Faça um resumo mais breve possível do que sucedeu.

— Creio que seria talvez melhor o Sr. Kung falar.

— Pois bem. Que fale.

Oscar Kung curvou-se, agradecendo e começou, em tom solene:

— Imagine o senhor que eu dormia

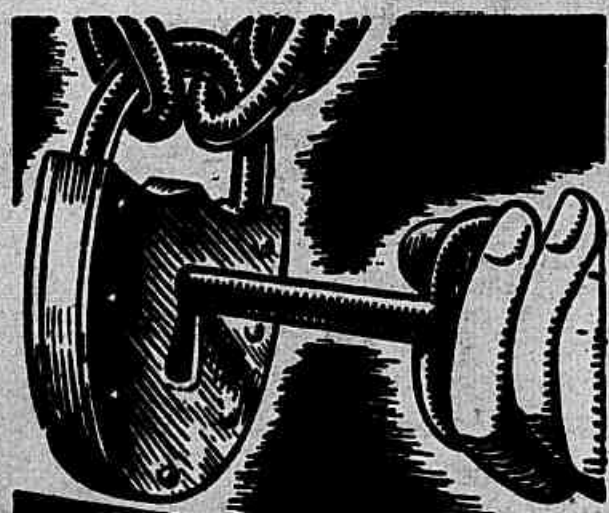
**Nenhum RELOGIO lhe dará
tanta SATISFAÇÃO
como o
CYMA**



placidamente no compartimento vizinho, quando acordei com um ruído que imediatamente reconheci; um tiro de revolver. Que teria sucedido? Quem teria disparado um revolver no meio da noite

no compartimento vizinho ao meu? Levantei-me, vesti-me às pressas e vim bater aqui nesta porta. Não obtive resposta. Experimentei a porta: estava trancada por dentro! Chamei logo o por-

**CREME DE MASSAGEM
RAINHA DA HUNGRIA**
De Mme. Campos
REMENTA FELA — CONTRA AS RUGAS
A VENDA EM TODA A PARTE



LAXOLAGAR
GRANADO

COMBATE A
PRISÃO DE VENTRE
E NORMALISA AS
FUNÇÕES DO TUBO
DIGESTIVO



ORGANDY
DE BAZIN

Os perfumes têm, como as artes e as letras, os seus grandes mestres e as suas obras primas. ORGANDY de BAZIN é a grande obra prima da perfumaria.

A VENDA EM TODO O BRASIL

EXTRACTO Nº 1200 F
Nº 1201 F
Nº 1202 F

SABONETE Nº 1280

PO Nº 1250

EXTRACTO Nº 1210 C
Nº 1211 C
Nº 1212 C

EXTRACTO Nº 1213 C
Nº 1214 C
Nº 1215 C

EXTRACTO Nº 1216 C
Nº 1217 C
Nº 1218 C

EXTRACTO Nº 1219 C
Nº 1220 C
Nº 1221 C

EXTRACTO Nº 1222 C
Nº 1223 C
Nº 1224 C

EXTRACTO Nº 1225 C
Nº 1226 C
Nº 1227 C

EXTRACTO Nº 1228 C
Nº 1229 C
Nº 1230 C

EXTRACTO Nº 1231 C
Nº 1232 C
Nº 1233 C

EXTRACTO Nº 1234 C
Nº 1235 C
Nº 1236 C

EXTRACTO Nº 1237 C
Nº 1238 C
Nº 1239 C

EXTRACTO Nº 1240 C
Nº 1241 C
Nº 1242 C

EXTRACTO Nº 1243 C
Nº 1244 C
Nº 1245 C

EXTRACTO Nº 1246 C
Nº 1247 C
Nº 1248 C

EXTRACTO Nº 1249 C
Nº 1250 C
Nº 1251 C

EXTRACTO Nº 1252 C
Nº 1253 C
Nº 1254 C

EXTRACTO Nº 1255 C
Nº 1256 C
Nº 1257 C

EXTRACTO Nº 1258 C
Nº 1259 C
Nº 1260 C

EXTRACTO Nº 1261 C
Nº 1262 C
Nº 1263 C

EXTRACTO Nº 1264 C
Nº 1265 C
Nº 1266 C

EXTRACTO Nº 1267 C
Nº 1268 C
Nº 1269 C

EXTRACTO Nº 1270 C
Nº 1271 C
Nº 1272 C

EXTRACTO Nº 1273 C
Nº 1274 C
Nº 1275 C

EXTRACTO Nº 1276 C
Nº 1277 C
Nº 1278 C

EXTRACTO Nº 1279 C
Nº 1280 C
Nº 1281 C

EXTRACTO Nº 1282 C
Nº 1283 C
Nº 1284 C

EXTRACTO Nº 1285 C
Nº 1286 C
Nº 1287 C

EXTRACTO Nº 1288 C
Nº 1289 C
Nº 1290 C

EXTRACTO Nº 1291 C
Nº 1292 C
Nº 1293 C

EXTRACTO Nº 1294 C
Nº 1295 C
Nº 1296 C

EXTRACTO Nº 1297 C
Nº 1298 C
Nº 1299 C

EXTRACTO Nº 1300 C
Nº 1301 C
Nº 1302 C

EXTRACTO Nº 1303 C
Nº 1304 C
Nº 1305 C

EXTRACTO Nº 1306 C
Nº 1307 C
Nº 1308 C

EXTRACTO Nº 1309 C
Nº 1310 C
Nº 1311 C

EXTRACTO Nº 1312 C
Nº 1313 C
Nº 1314 C

EXTRACTO Nº 1315 C
Nº 1316 C
Nº 1317 C

EXTRACTO Nº 1318 C
Nº 1319 C
Nº 1320 C

EXTRACTO Nº 1321 C
Nº 1322 C
Nº 1323 C

EXTRACTO Nº 1324 C
Nº 1325 C
Nº 1326 C

EXTRACTO Nº 1327 C
Nº 1328 C
Nº 1329 C

EXTRACTO Nº 1330 C
Nº 1331 C
Nº 1332 C

EXTRACTO Nº 1333 C
Nº 1334 C
Nº 1335 C

EXTRACTO Nº 1336 C
Nº 1337 C
Nº 1338 C

EXTRACTO Nº 1339 C
Nº 1340 C
Nº 1341 C

EXTRACTO Nº 1342 C
Nº 1343 C
Nº 1344 C

EXTRACTO Nº 1345 C
Nº 1346 C
Nº 1347 C

EXTRACTO Nº 1348 C
Nº 1349 C
Nº 1350 C

EXTRACTO Nº 1351 C
Nº 1352 C
Nº 1353 C

EXTRACTO Nº 1354 C
Nº 1355 C
Nº 1356 C

EXTRACTO Nº 1357 C
Nº 1358 C
Nº 1359 C

EXTRACTO Nº 1360 C
Nº 1361 C
Nº 1362 C

EXTRACTO Nº 1363 C
Nº 1364 C
Nº 1365 C

EXTRACTO Nº 1366 C
Nº 1367 C
Nº 1368 C

EXTRACTO Nº 1369 C
Nº 1370 C
Nº 1371 C

EXTRACTO Nº 1372 C
Nº 1373 C
Nº 1374 C

EXTRACTO Nº 1375 C
Nº 1376 C
Nº 1377 C

EXTRACTO Nº 1378 C
Nº 1379 C
Nº 1380 C

EXTRACTO Nº 1381 C
Nº 1382 C
Nº 1383 C

EXTRACTO Nº 1384 C
Nº 1385 C
Nº 1386 C

EXTRACTO Nº 1387 C
Nº 1388 C
Nº 1389 C

EXTRACTO Nº 1390 C
Nº 1391 C
Nº 1392 C

EXTRACTO Nº 1393 C
Nº 1394 C
Nº 1395 C

EXTRACTO Nº 1396 C
Nº 1397 C
Nº 1398 C

EXTRACTO Nº 1399 C
Nº 1400 C
Nº 1401 C

EXTRACTO Nº 1402 C
Nº 1403 C
Nº 1404 C

EXTRACTO Nº 1405 C
Nº 1406 C
Nº 1407 C

EXTRACTO Nº 1408 C
Nº 1409 C
Nº 1410 C

EXTRACTO Nº 1411 C
Nº 1412 C
Nº 1413 C

EXTRACTO Nº 1414 C
Nº 1415 C
Nº 1416 C

EXTRACTO Nº 1417 C
Nº 1418 C
Nº 1419 C

EXTRACTO Nº 1420 C
Nº 1421 C
Nº 1422 C

EXTRACTO Nº 1423 C
Nº 1424 C
Nº 1425 C

EXTRACTO Nº 1426 C
Nº 1427 C
Nº 1428 C

EXTRACTO Nº 1429 C
Nº 1430 C
Nº 1431 C

EXTRACTO Nº 1432 C
Nº 1433 C
Nº 1434 C

EXTRACTO Nº 1435 C
Nº 1436 C
Nº 1437 C

EXTRACTO Nº 1438 C
Nº 1439 C
Nº 1440 C

EXTRACTO Nº 1441 C
Nº 1442 C
Nº 1443 C

EXTRACTO Nº 1444 C
Nº 1445 C
Nº 1446 C

EXTRACTO Nº 1447 C
Nº 1448 C
Nº 1449 C

EXTRACTO Nº 1450 C
Nº 1451 C
Nº 1452 C

EXTRACTO Nº 1453 C
Nº 1454 C
Nº 1455 C

EXTRACTO Nº 1456 C
Nº 1457 C
Nº 1458 C

EXTRACTO Nº 1459 C
Nº 1460 C
Nº 1461 C

EXTRACTO Nº 1462 C
Nº 1463 C
Nº 1464 C

EXTRACTO Nº 1465 C
Nº 1466 C
Nº 1467 C

EXTRACTO Nº 1468 C
Nº 1469 C
Nº 1470 C

EXTRACTO Nº 1471 C
Nº 1472 C
Nº 1473 C

EXTRACTO Nº 1474 C
Nº 1475 C
Nº 1476 C

EXTRACTO Nº 1477 C
Nº 1478 C
Nº 1479 C

EXTRACTO Nº 1480 C
Nº 1481 C
Nº 1482 C

EXTRACTO Nº 1483 C
Nº 1484 C
Nº 1485 C

EXTRACTO Nº 1486 C
Nº 1487 C
Nº 1488 C

EXTRACTO Nº 1489 C
Nº 1490 C
Nº 1491 C

EXTRACTO Nº 1492 C
Nº 1493 C
Nº 1494 C

EXTRACTO Nº 1495 C
Nº 1496 C
Nº 1497 C

EXTRACTO Nº 1498 C
Nº 1499 C
Nº 1500 C

leiro, que, por sua vez, chamou o condutor, aqui o nosso amigo, Sr. Simms.

— Eu queria abrir a porta, explicou Simms, porém seria preferível que alguém, com mais autoridade do que eu, estivesse aqui para...

— Para assumir a responsabilidade, comentou Paul, que, como já dissemos, não estava de bom humor.

Simms protestou.

— Não foi isso. O senhor não me entendeu.

— Entendi muito bem aonde você queria chegar. Mas basta de discussões. Vamos. Abram a porta.

— Vamos ter que arrombá-la.

— Disso sei eu, homem. Vamos!

Um murro forte não bastou. Foi preciso que Paul, Kung e o condutor se juntassem para que a porta cedesse.

Entraram. No meio do chão, a urna aberta e as cinzas espalhadas pelo chão. Em cima da cama desarranjada, com travesseiros atirados para um lado, as cobertas puxadas para um canto, estava o cadáver do japonês. Fora assassinado. Na cabeça havia o orifício de entrada de uma bala.

— Que é que o senhor acha, Sr. Dawn? perguntou o condutor.

— Homicídio.

— Mas não pode ser. A porta estava fechada pelo lado de dentro.

— Se não foi homicídio, foi suicídio. Onde está a arma?

— Não está aqui.

— Logo foi homicídio.

— Mas... E a porta?

O chinês Kung resolveu intervir.

— Se o assassino não fugiu, pois a porta estava fechada, se foi assassinato, o criminoso ainda está aqui, devemos procurá-lo.

Olhando em torno, o condutor murmurou:

— Mas... Onde? Nesse compartimento mal cabemos nós.

Entretanto, não se contentaram com a evidência. Todo o compartimento foi revistado. Nada. Ninguém. Voltaram então para a cama. Debaixo dela nada havia. Em cima, no meio da desordem de lençóis e cobertores, o cadáver.

Paul lembrou-se das cinzas e pediu uma vassoura. Com todo o cuidado reuniu-as num monte e tornou a colocá-las na urna vazia; levantando-a, depois, com uma mão, enquanto com a outra segurava a vassoura, carregou-a para o seu compartimento.

— Fechem esse compartimento e vamos para o meu.

O condutor seguiu-o. Mr. Kung ponderou que, arrebatada, de nada adiantava fechar a porta. Resolveram, então, transportar o corpo para o outro carro.

III

— Afinal, depois de toda essa investigação, onde chegamos? refletiu Paul. E, lembrando-se divertido do interrogatório da família Kung, pai, mãe e filho, sorriu. Resolvera fazer algumas perguntas aos

Kung e dirigiu-se para o compartimento que ocupavam. A cama de baixo era do pai e da mãe e o leito de cima do filho, um garoto de onze anos.

Enquanto o pai respondia às perguntas do detective, a mãe e o filho de olhos baixos e ar respeitoso ouviam.

— Quando souo o tiro, eu dormia, respondeu o chinês. Meu distinto filho pode confirmar esta afirmação.

— Você estava roncando mais forte do que uma britadora, disse o garoto, que ao falar perdia o ar solene do chi-

nês e revelava-se um verdadeiro americano, e muito traquinas até.

O pai olhou-o, em silêncio. Depois falou:

— Meu distinto filho tem expressões extremamente pitorescas, mas em suma confirma o que declarei. Ao levantar-me, e depois de vestido, dirigi-me para o local donde partira o tiro. O que encontrei o senhor viu.

— Qual é sua opinião sobre Kiroshibu? Antes que o pai pudesse responder o menino falou:

Novo método para melhorar a pele em 14 dias!

— Método MASSAGEM FRICÇÃO PALMOLIVE

O maravilhoso método embelezador que oferecemos a todas as mulheres, consiste na Nova Massagem Fricção Palmolive, feita com a rica, cremosa e vitalizante espuma do sabonete Palmolive que lhe garante uma nova beleza em 14 dias apenas!

O novo método massagem Palmolive foi posto à prova por 36 especialistas em beleza da pele, em 1.285 mulheres de todas as idades e possuidoras de todos os tipos de pele. No Brasil, 81% das mulheres que experimentaram esse novo método, obtiveram resultados verdadeiramente surpreendentes.

O Sabonete Palmolive é feito com os balsâmicos azeites de oliva e palma, os melhores ingredientes que a natureza produz para embelezar a cutis e retardar as rugas. Palmolive tem uma espuma diferente, cremosa, que penetra profundamente nos poros, limpando-os das impurezas e fazendo-os respirar livremente.



Que é o método massagem fricção Palmolive



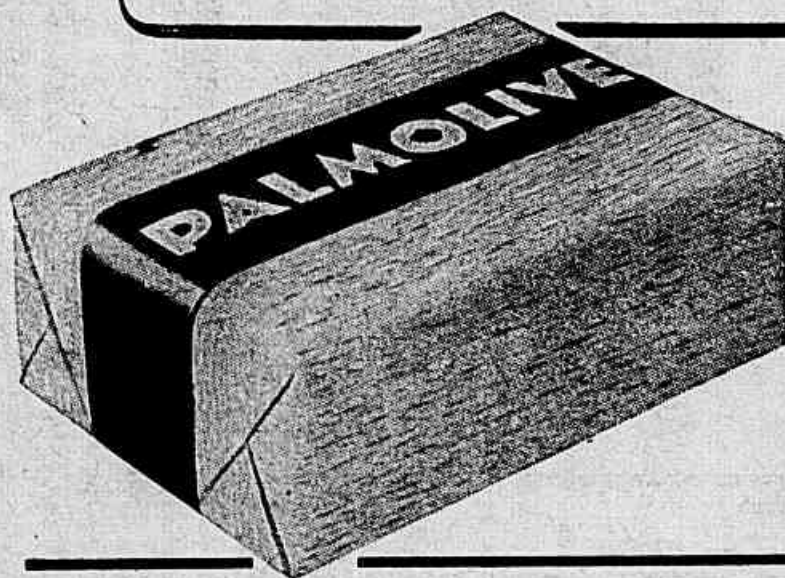
1.º - É lavar e ensaboar muito bem o rosto com sabonete Palmolive para que os poros fiquem livres das impurezas e recebam melhor a Massagem Fricção.



2.º - É lavar novamente o rosto para retirar a espuma e, em seguida secar, sem esfregar. — Essa operação deve ser feita de manhã, ao levantar, à noite, ao deitar, ou mesmo 3 vezes ao dia! Durante 14 dias seguidos!



3.º - É embeber uma pequena toalha comum na espuma cremosa e espessa de Palmolive e fazer, suavemente, a massagem, em todo o rosto, durante 1 minuto — exatamente 60 segundos.



EIS OS RESULTADOS QUE SE OBTÉM COM A MASSAGEM FRICÇÃO PALMOLIVE

Com o Novo Método Massagem Fricção Palmolive, aplicado durante 14 dias seguidos, de manhã, ao levantar e à noite, ao deitar, ou mesmo 3 vezes ao dia, você conseguirá:

• Pele mais clara • Cutis aveludada • Menos manchada • Menos seca • Menos oleosa • Maciez e suavidade • Pele sadia.

Comece este novo e positivo sistema de usar Palmolive, ainda hoje. Em 14 dias você terá uma nova juventude, uma pele mais fresca, clara e encantadora.

Standard Propaganda

— Aquele camarada era um safado.

— Meu distinto filho acaba de mostrar os defeitos de uma educação americana. Meu jovem amigo, caso você tivesse dito isto em vida da pessoa a quem se refere, ele teria direito de processá-lo por calúnia. Mas, para falar a verdade, eu também o considerava um grandíssimo safadão!

(Conclue na pág. 55)

BIGODE
DE SENHORAS E VERRUGAS
ELIMINACÃO GARANTIDA SEM CORTAR
ESPEC. GUILHERME KLOTZ
SÃO PAULO - 1071 Av. Brig. Luiz Antonio
TRATAMENTOS CIENTÍFICOS DA CUTIS
Pode servir-se prospecto!

CABELOS BRANCOS?
LOCÃO
Brilhante

DOR de ESTOMAGO?
AZIA - MÁ DIGESTÃO
DISEPSIA - ULCERAS
Papeis
BANKETS

LOTES DE LINHO, MISTOS E DE CRETONE

Guarnições de mesa — Linhos avulsos — Cambrás, etc. Vendas por atacado e a varejo — Grande facilidade nos pagamentos — Solicitem demonstrações sem compromisso a JULIO HIRSCH.

AV. BRIGADEIRO LUIZ ANTONIO, 330
FONE 7-7669 — S. PAULO



VOCÊ TEM VOCAÇÃO

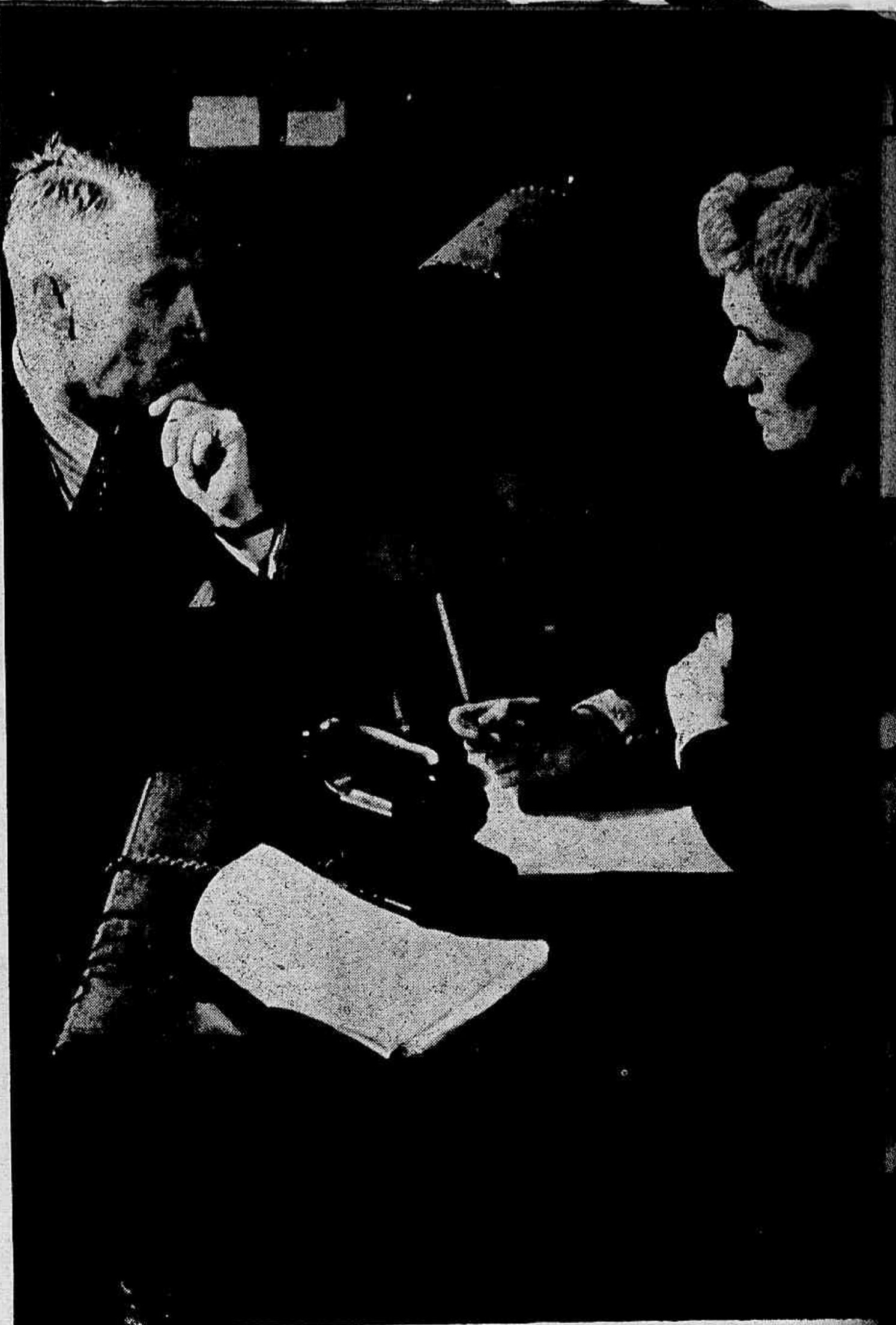
Seria capaz de descobrir o autor de um crime?

A MORTA FALA...

Em uma habitação individual do Cottage Hospital, o inspetor Frost ficou-se longo tempo examinando o corpo dessa nova vítima. Procurou então reconstituir mentalmente os fatos e soube então que a vítima era praticante de enfermeira e chamava-se Eilene. Os departamentos destinados ao pessoal estavam situados no último andar do edifício. Eilene compartilhava de uma dessas habitações com a enfermeira Colette. Segundo declarações prestadas por Colette, Eilene regressou do cinema às sete e meia da noite.

... trocou a roupa de rua pelo uniforme de serviço, para ficar preparada e começar seu turno da noite às 8.25 horas. Em seguida saiu do seu aposento encaminhando-se ao segundo andar para assumir seu posto. Parecia alegre e sua companheira de quarto não notou, na manhã, nada de anormal. Vinte minutos mais tarde uma enfermeira da noite dirigiu-se ao dispensário, também no segundo andar, em frente mesmo às portas do elevador, para apanhar uma seringa de injeções, pois precisava fazer uma aplicação em um enfermo.

Quem matou a jovem Eilene? Teria sido mesmo crime ou suicídio? Observando detidamente estas quatro ilustrações, o



PARA DETECTIVE?

Faça um test da sua argucia policial procurando o fio da meada deste mistério.

Por MILESON HORTON

Ao entrar, viu horrorizada o doutor Morley inclinado sobre um corpo estendido no solo tendo nas mãos um punhal tinto de sangue. — "E' a praticante Eilene, alguém a assassinou!" exclamou com voz trêmula o dr. Morley. E continuando: — "Dirigia-me ao dispensário, para obter algumas tabletas de aspirina quando, ao tropeçar neste punhal, acendi as luzes e encontrei o corpo de Eilene estendido aqui, no solo, nesta mesma posição". O jovem médico não soube dar explicações à enfermeira, que se aterrorizou com o quadro

Respondendo às interpelações do inspetor Frost, a chefe das enfermeiras falou assim: — "Eilene dava-se ao esporte muito perigoso do **flirt**. Divertia-se com os rapazes, um após outro. Sua última vítima foi o doutor Morley que, fascinado, quebrou o compromisso matrimonial pouco antes contraído com a enfermeira Colette na certeza de vir a casar-se com Eilene. Esta, porém, "fez pouco" das pretensões do médico e disse-lhe de cara, que jamais o tomaria por esposo". Só com esses elementos, o inspetor Frost encontrou a pista do assassino.

leitor pode encontrar o esclarecimento do mistério. Do contrário leia no próximo número a solução do mesmo.

UM CASACO BASTANTE ESPORTIVO
FEITO EM LÃ GROSSA AZUL-ESCU-
RO, SAIA CINZA COM UMA PRÉGA
FUNDA NA FRENTE: A BOLSA E O
CHAPÉU EM ESTILO "TIROLÉS",
EM FELTRO AZUL-ESCURD E O SA-
PATO DE VERNIZ. TUDO SIMPLES,
ELEGANTE E DE GRANDE EFEITO.



UM BONITO COSTUME JUVENIL, AZUL-MARINHO VIVADO DE AZUL COBALTO, OU BRANCO EM CONJUNTO DE CÔR CLARA. CHAPÉU DE FELTRO COM UM GRANDE LAÇO DO MESMO TECIDO, SEMELHANTE À FLOR QUE ENFEITA O CASACO. A BOLSA É DE COURO.



O CASACO COMPRIDO, BEIRANDO A BARRA DO VESTIDO, EM CORTE MILITAR. TEM COMO ENFEITE A CORRENTE E O BERLOQUE DE TIPO ANTIGO, QUE MAIS PARECE QUERER SE INSINUAR NOS TRAJES FEMININS, POIS MODELOS DIVERSOS DE CINEMA VIAZEM ESSE ORIGINAL ACESSÓRIO.

PARA A ESTAÇÃO

Aqui estão três figurinos ao rigor da moda para o mês friorento que atravessamos. O inverno não se demora por muito tempo, é preciso aproveitá-lo. Este ano, não há grandes alterações nas modas, já porque os costureiros estão em férias, — na América do Norte, grande parte deles convocados, — já porque cogitações de maior monta vivem no espírito de nós todos. Assim mesmo, não fica mal dar essas três sugestões, de vez que sempre é agradável vestir bem e principalmente não gastando muito. As modas estão dentro do espírito da época. Parcimoniosas, discretas, fazendo lembrar raciocínio e preocupações econômicas.



Copa e cosinha

Mme. RISOLETA



Não ha duvida alguma de que uma mesa bem posta, com o maior asseio e certo bom gosto, estimula o apetite.

Para os jantares em estilo americano, costuma-se pôr todos os pratos de salgados na mesa principal e os doces sobre o *bufete* ou outra mesa menor. Pratos, talheres, guardanapos etc., ficam arrumados a um lado de modo que os convivas passam, eles mesmos, servir-se, simplificando desse modo o serviço de cozeiragem, e dando também a cada um liberdade na escolha da qualidade e quantidade de alimento que deseja.

Já tivemos oportunidade de publicar na REVISTA uma pagina com detalhes sobre esta maneira moderna, pratica e elegante de oferecer um jantar de festa aos amigos. A vida moderna não comporta cousas complexas.

M E N U

GALANTINE REAL — Mocotó, carne de porco, ervilhas, legumes, ovos. Cozinhar o mocotó com pimenta, orfê, salsa, sal e 1 folha de louro. Quando estiver quasi desfeito coar por uma peneira fina, acrescentando 1 chicara de agua quente se estiver muito grosso.

Passar na maquina $\frac{1}{2}$ quilo de carne de porco, magra; refogar com todos os temperos. Cozinhar em agua e sal os legumes: couve-flôr, cenouras (o que preferir). Depois passar tudo na manteiga, arrumar n'uma fôrma; a geleia de mocotó, e pôr a gelar; quando estiver quasi dura, arrumar a carne de porco cobrindo-a com outra camada de geleia que vai novamente a gelar; depois arrumar de modo artistico os legumes, cobrir com o resto da geleia, pôr as azeitonas e ovos e pôe a gelar. Servir quando tudo estiver pronto, com salada.

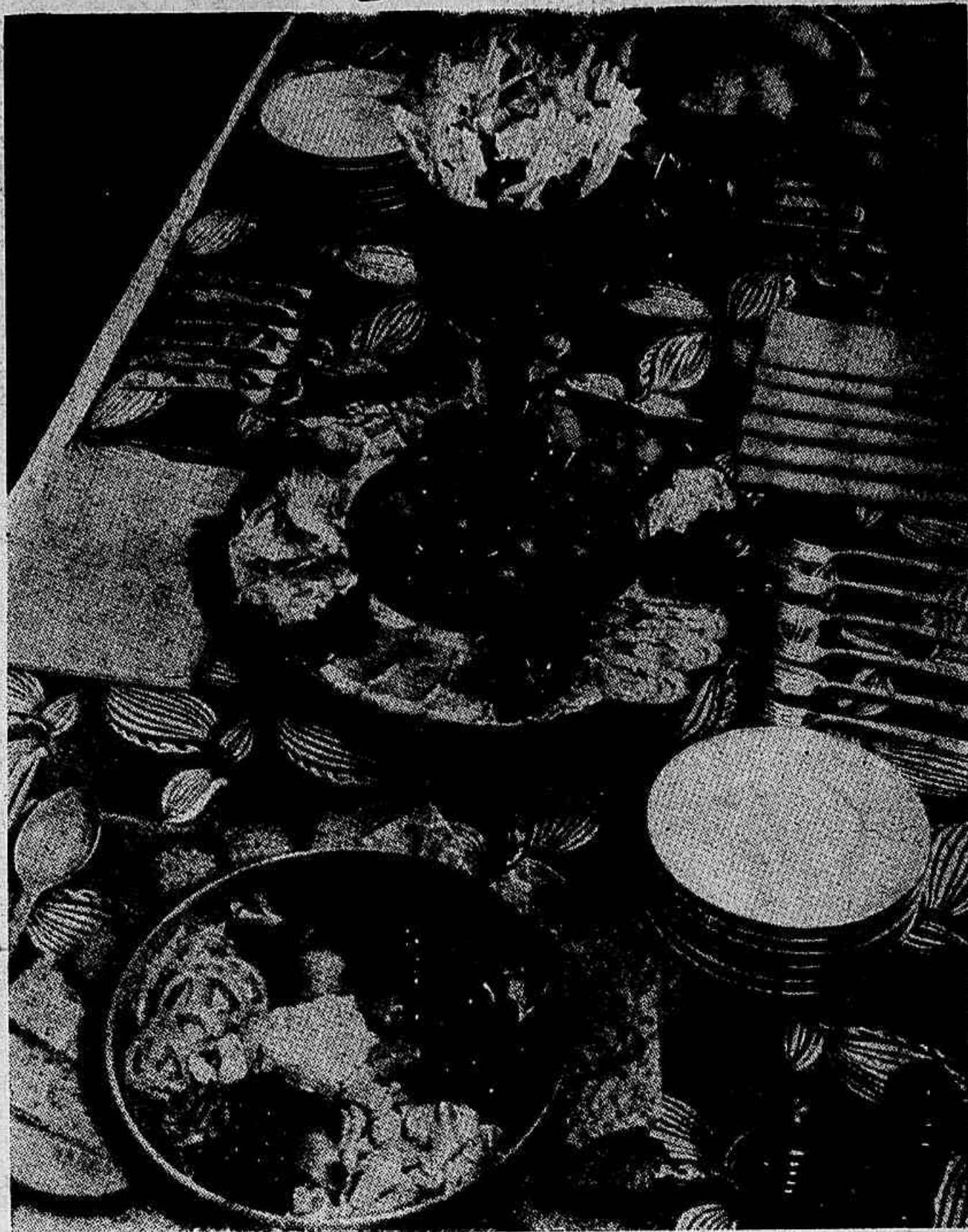
PUDIM DE CARNE — Passar na maquina $\frac{1}{2}$ quilo de carne; refogar com banha, salsa, cebolinha verde, cebola, alho, pimenta, noz moscada, sal, 1 colher de manteiga, $\frac{1}{2}$ quilo de tomates. Cozinhar 2 ovos duros, 5 batatas.

Depois da carne estar pronta, retirar do fogo, misturar com 3 ovos batidos e 1 chicara de farinha de pão torrado. Arrumar numa fôrma untada de manteiga, a carne, com fatias de ovo duro, sobre uma camada de massa de batata, que se prepara misturando as batatas com 2 ovos batidos, 1 colher de açúcar, 1 de manteiga cobrir com outra camada da batata e vai ao forno quente.

BOLO DE MORANGO — 125 grs. de manteiga, 220 grs. de açúcar (1 chicara), 2 ovos, 2 chicanas de farinha, 1 colher de pó royal, 1 chicara de leite, 1 chicara de frutas, $\frac{1}{2}$ de compotas. Creme Chantilly.

Bate-se bem a manteiga acrescentando aos poucos o açúcar, até ficar cremoso; junta-se o ovo continuando a bater, depois só 1 gema. Peneira-se a farinha e o pó royal juntando sempre ao que se está batendo, e vai-se despejando o leite e a baunilha, despejar tudo numa fôrma e vai ao forno moderado, 5 minutos. Tirar da fôrma e deixar esfriar.

Prepara-se o creme Chantilly, com 300 grs. de creme, $\frac{1}{2}$ chicara de açúcar bem peneirado e extrato de baunilha, batendo até ficar espesso.



Já tivemos ocasião de apresentar nas paginas da REVISTA DA SEMANA uma mesa posta, para jantar americano, aqui damos outra bastante original vendo-se ao redor do prato de salada fatias de pão preto e outros variedades.

Parte o bolo ao meio, enchendo-o com pedaços de frutas cristalizadas e compotas um pouco de creme. junta a outra parte, cobre todo com o creme, enfeita o centro com as frutas e compotas, cercando-o todo com morangos frescos. Serve-se gelado.

Polítipo

(Continuação da pág. 19)

velho vítima de alguma violência; ou uma criança batida por alguém mais forte do que ela, Boaventura tomava logo as dôres pela parte fraca, revoltava-se indignado, castigava com palavras enérgicas o culpado; mas ninguém, ninguém lhe atribuía a paternidade de ação tão generosa. Ao passo que, quando em sua presença se cometia qualquer ato desairoso, cujo autor não fosse logo descoberto, todos olhavam para ele desconfiados, e em cada rosto o pobre Boaventura percebia uma acusação tácita.

E o pior é que nestas ocasiões, em que tão injustamente era tomado por outro, ficava o desgraçado por tal modo confuso e perplexo, que, em vez de protestar, começava a empalidecer, a engolir em seco, agravando cada vez mais a sua dura situação.

Outro doloroso caiporismo dos seus, era o de parecer-se como todo o mundo. Boaventura não tinha fisionomia própria: tinha um pouco da de toda a gente. Daí os quiprocós em que ele a-pesar-de tão bom e tão pacato, vivia sempre enredado. Tão depressa o tomavam por um ator, como por um padre, ou por um barbeiro, ou por um polícia secreto; tomavam-no por tudo e por todos, menos pelo Boaventura da Costa, rapaz solteiro, amanuense de uma repartição publica, pessoa honesta e de bons costumes.

Tinha cara de tudo e não tinha cara de nada, ao certo. As circunstâncias da sua falta absoluta de barba dava-lhe a rosto uma dúbia expressão, que tanto podia ser de homem, como de mulher, ou mesmo de criança. Era muito difícil, senão impossível, determinar-lhe a idade. Visto de certo modo, parecia um sujeito de trinta anos, mas bastava que ele mudasse de posição para que o observador mudasse também de julgamento; de perfil representava pessoa bastante idosa, mas, olhando de costas, dir-se-ia um estudante de preparatórios; contemplado de cima para baixo era quase um bonito moço, porém, de baixo para cima era simplesmente horrível.

Encarando-o bem de frente, ninguém hesitaria em dar-lhe vinte-e-cinco anos, mas, com o rosto em três quartos, afigurava apenas dezoito. Quando saía à rua, em noites chuvosas, com a gola do sobretudo, até às orelhas e o chapéu até à gola do sobretudo passava por um velhinho octogenário; e, quando estava em casa, no verão, em fralda de camisa, era tirar nem pôr, um nhônho de uns dez ou doze anos de idade.

Um dia, entre muitos, em que a polícia, por engano, lhe invadiu os aposentos, surpreendeu-o dormindo, muito agachadinho sob os lençóis, com a cabeça embrulhada num lenço à laia de touca, e o sargento exclamou comovido:

— Uma criança! Pobrezinha! Como a deixaram aqui tão desamparada!

De outra vez quando ainda a polícia quis dar caça a certas mulheres, que tiveram a fantasia de tomar trajos de homem e percorrer assim as ruas da cidade, Boaventura foi logo agarrado e só na estação conseguiu provar que não era quem supunham. Outra ocasião, indo procurar certo artista, de cujos serviços precisava, foi recebido no corredor com esta singularíssima frase:

— Quer? Pois a senhora tem a coragem de voltar?... E quer ver se me engana com essas calças?

Tomara-o pela pobre, a quem na véspera havia despedido de casa.

Não se dava conflito de rua, em que, passando perto o Boaventura, não o tomassem imediatamente por um dos desordeiros. Era ele sempre o mais sobresaltado, o mais lívido, o mais suspeito dos circunstantes. Não conseguia atravessar um quarteirão sem que fosse, a cada passo, interrompido por várias pessoas desconhecidas que lhe davam joviais palmadas no ombro e na barriga, acompanhando-as de alegres e risonhas frases de velha e íntima amizade.

Em outros casos era um credor que o perseguia, convencido de que o devedor queria escapar-lhe, fingindo não ser o próprio; ou uma mulher que o descompunha em publico; ou um agente policial que lhe rondava os passos; ou um soldado que lhe cortava o caminho supondo ver nele um colega desertor.

E tudo isto ia o infeliz suportando, sem nunca aliás ter em sua vida cometido a menor culpa.

Uma existência impossível!

Se se achava numa repartição publica, tomavam-no, infalivelmente, pelo contínuo; nas igrejas passava sempre pelo sacristão, nos cafés, se acontecia levantar-se da mesa sem chapéu, bradava-lhe logo um consumidor, segurando-lhe o braço:

— Garçon! Há meia hora que reclamo que me sirva.

Se ia provar um paletó à loja do alfaiate, enquanto estivesse em mangas de camisa, era só a ele que se dirigiam as pessoas chegadas depois. Nas muitas vezes que foi preso como suposto autor de vários crimes, a autoridade afixava sempre que ele tinha diversos retratos na polícia. Verdade era que as fotografias não se pareciam entre si, mas todas se pareciam com Boaventura.

Num clube familiar, quando o infeliz já no corredor, reclamava do porteiro o seu chapéu para retirar-se uma senhora de nervos fortes chegou-se por detrás dele na ponta dos pés e ferrou-lhe um beliscão.

— Pensas que não vi o teu escândalo com a viuva Sarmento, grandíssimo velhaco?!

O mísero voltara-se inalteravelmente, sem a menor surpresa. Ah! ele já estava mais habituado àqueles enganos.

Que vida!

Afinal, e nem podia deixar de ser assim, atirou-se ao mar.

No necrotério, onde fui por acaso, encontrei já muita gente; e todos allitos, e todos agoniados defronte daquele cadáver que se parecia com um parente ou com um amigo de cada um deles.

Havia choro a valer e, entre o clamor geral, distinguíam-se estas e outras frases:

— Meu filho morto! Meu filho morto!

— Valha-me Deus! Estou viuva! Ai o meu rico homem!

— O' senhores! Ia jurar que este cadáver é o do Manduca!

— Mas não me engano! é o meu caixeiro!

— Dir-se-ia que este moço era um meu antigo companheiro de bilhar...

— E eu aposto como é um velho, que tinha um botequim por debaixo da casa onde eu moro!

— Qual velho, o qual! Conheço este defunto. Era estudante de medicina! Uma vez até tomámos banho juntos, no boqueirão. Lembro-me dele perfeitamente!

— Estudante! Ora muito obrigado! há mais de dous anos chamei-o fora de horas para ir ver minha mulher que tinha de cólicas! Era médico velho!

— Impossível! Afianço que este era um pequeno que vendia jornais. Ia levar-me todos os dias a "Gazeta" à casa. E' que a morte alterou-lhe as feições.

— Meu pai!

— O Bernardino!

— Olha! Meu padrinho!

— Jesus! Este é meu tio José!

— Coitado do padre Rocha!

Pobre Boaventura! Só eu compreendi, adivinhei, que aquele cadáver não podia ser senão o teu, ó triste Boaventura da Costa!

E isso mesmo porque me parecia reconhecer naquele defunto todo o mundo, menos tu, meu desgraçado amigo.

AS CINZAS DE KIROSHIBU

(Conclusão da pág. 49)

— O senhor já ouviu falar em Kiroshibu & Irmãos?

— Uma firma muito conhecida e muito suspeita. Suspeita de espionagem, contrabando de drogas e outras coisas desagradáveis.

— Sabia que o japonês que morreu era um dos irmãos Kiroshibu?

— Sabia.

— Ahn.

— Sr. Dawn, eu creio perceber que o senhor me suspeita de ter assassinado o japonês e isso me diverte sobremaneira, porque eu teria muito prazer em fazê-lo, mas não o fiz.

— Agradeço-lhe a franqueza e louvo-lhe a perspicácia.

Agora, sentado no seu compartimento, Paul pensava no caso e descobrira que tinha solucionado a história.

— Sim, resolvera o problema, achara a resposta para todas as perguntas, descobrira o assassino, mas nada diria. Resolveu calar-se.

Quando o trem chegou na Flórida, ele entregou o caso às autoridades locais e recusou-se a tomar parte nas investigações, alegando que viera para a Flórida para descansar e não podia perder as férias preciosas. O motivo, na realidade, era outro. Ele fazia aquilo para não ser forçado a dizer o nome do culpado...

IV

Paul não tornou a encontrar os Kung durante a estadia na Flórida. No dia da sua partida para Nova York, entretanto, avistou no saguão do hotel a silhueta de Oscar.

— Kung!

— Sr. Dawn!

— Diga-me, Kung, estarei certo pensando que desvendei o crime do trem?

— Como?

— Pensando na cama?

— No leito? Como descobriu?

— Da maneira mais simples. Examinei as cinzas. Lembra-se que CARREGUEI A URNA COM UMA MÃO PARA O MEU COMPARTIMENTO?

— Lembro-me.

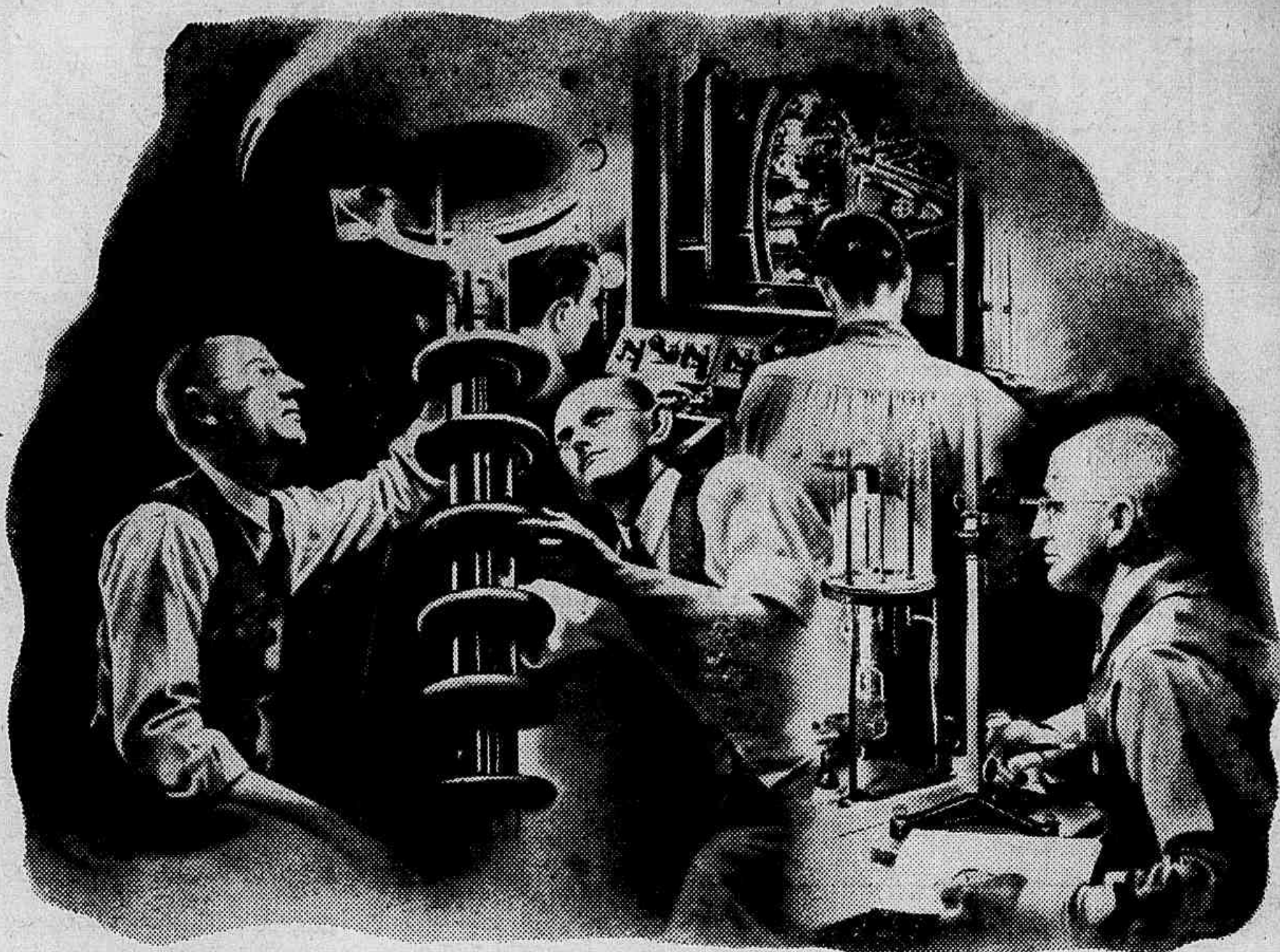
— Pois bem. Antes do crime, a urna não podia ser levantada com uma só mão. Logo, dali tiraram alguma coisa; logo, essa coisa era o objeto do crime e o que o japonês temia que lhe roubassem. Não eram as cinzas, era a droga entorpecente. Acertei?

— Sim. Mas o leito? Como descobriu o artifício do leito?

— Quem poderia ter sido? Só uma hipótese era plausível.

— Kiroshibu era um agente japonês. Eu trabalho para a polícia secreta ame-

ricana. Tratava-se de impedi-lo de levar à Flórida drogas entorpecentes para distribuir entre os nossos soldados. Imagine



Homens desconhecidos que fazem parte da sua vida

NOS laboratórios da General Electric, esses homens que fazem parte da sua vida, trabalham continuamente... Lidando com aparelhos estranhos, ensaiando novas experiências, eles tudo fazem para aumentar o seu bem estar. As suas descobertas, os melhoramentos por eles introduzidos em toda sorte de aparelhos elétricos são hoje de grande utilidade para todos nós. Tornando mais agradáveis as condições da vida no lar ou no trabalho, aumentando a rapidez das viagens, os resultados de suas

pesquisas se fazem sentir a cada passo. Hoje, os homens da General Electric estão inteiramente devotados à causa das Nações Unidas, trabalhando em aparelhos bélicos. Quando conquistarmos a Vitória, as experiências realizadas durante o período de guerra servirão ao conforto da paz. Poderemos então, mais do que nunca, em proporção crescente, usufruir dos benefícios criados pela General Electric em iluminação, rádio, refrigeração, ar condicionado, televisão, meios de comunicação e transporte.



"O MUNDO DE AMANHÃ" é o novo e movimentado programa apresentado pela General Electric S. A. Ouça-o, sintonizando todas as das, feiras, às 21 hs., a Rádio Tupi do Rio de Janeiro.

GENERAL ELECTRIC

LÍDER DA INDÚSTRIA DA ELETRICIDADE

HEMORROIDAS E VARIZES

TRATAMENTO SEM OPERAÇÃO

Após longas estudos foi descoberto um remédio de componentes vegetais que permite fazer um tratamento sem dor e sem sangramento das hemorroidas e varizes. **HEMO-VIRTUS** é o nome desse remédio que, para hemorroidas internas e VARIZES, deve ser tomado na dose de três colheres de chá por dia. Para as hemorroidas externas, usa-se o **HEMO-VIRTUS**, pomada. Comece hoje mesmo e leia com atenção o tratamento na bula. Não encontre no seu comércio, peça-o de depósito: **CALHA P. 1874 (UM OITO-SETE-QUATRO)**, S. Paulo.

HEMO-VIRTUS



que prejuízos não traria para o nosso país.

— Por isso mesmo recusei-me a desvendar o mistério.

— Mas ainda não me explicou o caso do leito.

— Quando eu era pequeno fazia aquilo frequentemente. Meus parabéns ao Sr. Oscar Kung Junior, ele é um jovem assassino que promete!

Era simples ver que somente ele poderia ter cometido o crime. Como expli-

car o fato do criminoso ter desaparecido como que por milagre? Muito simplesmente. O criminoso não desapareceu. Escondido no leito, no meio de travesseiros e lençóis, ele passou despercebido. Só um menino de onze anos poderia ter feito o que ele fez, mas foi preciso muito sangue frio! Ele merece parabéns.

— Sr. Dawn, eu confesso que o senhor é extraordinário.

— E eu, sr. Kung, aponto uma semelhança entre nós dois, além do talento: Ambos detestamos japoneses!

PRISÃO de VENTRE?



MÁSCARA DE LAMA
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
LIMPA OS POROS — MODELA O ROSTO
A VENDA EM TODA A PARTE

A Guerra em marcha

Continuação da página 15

americanos e outras como Cherburgo e Caen encontram-se na iminência de rendição, quando redigimos estas notas.

Não se trata mais de uma cabeça de praia, mas da marcha de um exercito de quasi meio milhão de homens, que aumenta continuamente.

Ninguém irá acreditar que os nazistas tenham escondido seu armamento para desfechar golpes mais fortes depois que os aliados se tiverem estabelecido definitivamente em territorio europeu.

Evidentemente, tanto as tropas encarregadas de defesa como a frota submarina enfrentavam a dificuldade de uma enorme área a vigiar, pois em qualquer ponto da costa da Europa poderiam desembarcar as forças das nações aliadas.

A ausência de uma esquadra de superfície, que se fez representar apenas por quasi cruzadores numa tentativa inútil de interromper o desembarque e aproximação da esquadra anglo-americana, complicava ainda mais a gigantesca tarefa dos germanos. E a famosa muralha do Atlantico foi rompida. Pelas brechas abertas passa uma enxurrada de soldados da Democracia, que irão esmagar a cabeça da Hidra.

Mais uma vez a rapoza do deserto, este astucioso Rommel, terá de defrontar o general Montgomery, o adversário que o persegue desde as desastrosas campanhas do Norte da África.

Reconquistá-lo-ei!

(Conclusão da pág. 27).

— Deixe ver, Suzana. Você não tem prática. E' por isso que ele está chorando.

De volta ao seu quarto ela refletiu;
— Você não tem prática!

E ansiava por um menino seu, um bebêsinho que ela pudesse acariciar. Um entesinho minúsculo e chorão que alegrasse a sua vida e que a fizesse feliz. João partia. Viajava, distraia-se e ela ficava dentro de casa, sem companhia. Imaginava já o filho crescido, indo para a escola e ela ajudando-o nos seus deveres. Pensava que teria que castigá-lo, às vezes; tomava a resolução de ser forte, sempre que fosse preciso ela mostraria que sabia ser severa.

De repente, lembrava-se de que todos aqueles planos eram em vão, de que nunca teria aquele filhinho que ambicionava, porque o marido achava que o ordenado dele não dava. Ela prometia trabalhar se fosse preciso, mas ele não queria que ela trabalhasse.

— Se você não pode me sustentar, nesse caso deixe-me ganhar a vida!

— Quem foi que disse que eu não posso sustentar minha mulher? O que eu não estou disposto a fazer é ter uma porção de filhos que eu não posso educar como quieria. Ora!

Porque discutiam tão frequentemente? Ela mesma não sabia. João era tão bom, antes... Antes do que? Não podia precisar a época em que começara a mudar. Tornara-se brusco, de repente. Não tinha mais paciência. Zangava-se atoa. Qualquer coisa que não fosse muito bem feita era criticada severamente.

— Eu já não disse a você uma porção de vezes que não gosto de carne assada? As poucas semanas que eu passo em casa, você quer estragar. Coma carne assada se quiser, quando eu estiver fora, mas, por favor, não estrague o meu jantar...

Ela, às vezes, tinha vontade de rir. Que discussão tola! Carne assada! Ah! Como ela imaginara, antes de casar, conversas maravilhosas. Carne assada! Que assunto pouco poético, meu Deus!

Sozinha em casa ela pensava no marido. Se tivesse uma ocupação, não ficaria a repisar tudo o que ele tinha dito, não ficaria a lembrar todas as pequenas rugas sem importancia. Mas só, dentro de casa, ela repassava tudo o que ele tinha dito, ria da tolice de certas discussões, e decidia mudar aquela maneira de vida.

Um dia abriu-se com Madame Michele. A boa senhora riu gostosamente!

— Minha filha, você precisa é de ter o que fazer! Ora vejam só se eu fosse me preocupar todas as vezes que o meu marido reclama da comida! Mas, nesse caso, não haveria casal feliz nesse mundo! Não, minha filha, você precisa ser mais tolerante. Afinal de contas, seu marido também não tem que aturar certas coisas? Você, às vezes, não fica nervosa, não diz muitas coisas que não diria se estivesse mais calma? Então?

Ela decidiu mudar. Era assim todas as vezes, mas desta vez seria diferente. Ela realmente evitaria qualquer assunto

que pudesse provocar uma discussão. Tentaria, da melhor maneira possível, fazer voltarem as delicias dos primeiros tempos de casada. Era difícil, mas estava resolvida.

II

Quando João voltou, encontrou-a em casa preparando seu jantar. Fizera os pratos favoritos do marido.

— Suzana!

— Já vou, meu amor, estou acabando de temperar esta salada.

— Suzana!

— Que é meu anjo?

Os homens são ridículos, pensava ela. Imaginem só. E' preciso que eu me valha de um truque para reconquistar o amor de meu marido.

— Tome cuidado, dissera Madame Michele. Não vá exagerar a coisa.

E ela prometera que não faria tal.

— Suzana, eu preciso falar com você. Ele entrara na cozinha. De pé, no meio da cozinha, ela acabava de preparar um prato.

— Fez boa viagem?

— Mais ou menos. Escute Suzana...

— Que foi?

— Suzana, eu...

— Você o que?

— Suzana, eu... eu vou-me embora! Ela parou, de repente.

— Você o quê?

— Vou-me embora. Escute, eu...

Ele começou a explicar. A eterna história. Uma mulher diferente. Ele se desculpava. Ela refletia:



Esta Não Ficarà Solteirona

★ Não falta nada para completar essa beleza radiante que todos admiram. Ela bem sabe quanto vale a Triple Ação do Crème Dental Kolynos, que refresca, embeleza e limpa os dentes. Adote o mesmo sistema:—use Kolynos duas vezes ao dia, para ter uma dentadura linda, sadia... e um sorriso cativante!

Use-o com Confiança



Triple
Ação

1. LIMPA

2. EMBELEZA

3. REFRESCA

— Se você soubesse como são todas iguais!!

Teve um golpe de audácia:

— João. Por que você pede desculpas? Por que pede perdão? Se não me ama, vá. Mas peça-me uma coisa: Traga essa mulher aqui. Quero vê-la.

De nada serviram os protestos dele. Afinal cedeu.

Era o que Suzana esperava. Uma mulher vivida e habil, que conseguira conquistá-lo com artifícios.

— Verás, mulherzinha, pensou Suzana.

A conversa decorreu amavel. A outra não sabia que João contara a ela toda a verdade e fazia o possível para agradá-la.

Suzana resolveu agir. Fez perguntas indiscretas sobre a vida da outra, perguntou-lhe como e quando encontrara seu marido e, com lógica e clareza, obrigou a outra a responder esclarecendo uma situação ambígua. Fez com que a rival contasse, sem querer, a maneira pela qual conseguira travar conhecimento com João para que ele visse e compreendesse...

Depois de alguns minutos de palestra, a outra pediu desculpas e, alegando um encontro marcado, retirou-se.

João acompanhou-a até a porta. Depois, voltou:

— Você não foi com ela?

Ele, em resposta, olhou para a mulher e disse:

— Perdão. Obrigado.

VINOVITA



TONIFICA O SANGUE

ESTIMULA O CEREBRO

DA ENERGIA AOS MUSCULOS

BIO-HEPAX

PACIFICADOR DO FIGADO
PRODUTO DO LABORATÓRIO DA QUARAMIDINA

Deixa aí
Menino!

... Aplique-lhe Mentholatum abundantemente, e as suas propriedades analgésicas e refrescantes aliviarão a dor. Ajuda a cicatrizar e a sarar as queimaduras e evita a formação de empoas. O remédio de confiança mundial. Exija o logotipo.

MENTHOLATUM

MODAS



E' O MELHOR
E
NÃO E' O MAIS CARO!



A VENDA EM TODO O BRASIL

T. TARQUINO



ELEGANTE GRUPO DE CHAPÉUS, EM PALHA BRILHANTE.

À ESQUERDA — MUITO ELEGANTE E MUITO MODERNO ESTE "ENSEMBLE" CURTO, COM UM VIEZ DANDO LARGURA AOS OMBROS NUM CORTE ORIGINAL. DUAS PRÉGAS FAZEM O JEITO DA CINTURA, DANDO CARGURA PARA CIMA; OS BOLSOS TAMBÉM SÃO FORMADOS PELO CORTE DO VIEZ; BOTÕES DE GALALITE. LUVAS E BLUSA INTERIOR EM TOM ESCURO COMO A BOINA À "MONTGOMERY".

incarelli

ALMIRANTE BARROSO, 5 ★ UM NOME QUE FAZ O RENOME DE UM CALÇADO DE LUXO ★ RIO



Agora muitos usam DENTADURA POSTIÇA com perfeita comodidade

Come, fale, ria ou cante, sem medo de que sua dentadura postiza se desprenda ou caia da boca. **FIXODENT** conserva as dentaduras postizas mais firmes e torna-as mais cómodas na boca. É de sabor agradável não deixa na boca nenhuma sensação desagradável. Não provoca náuseas. É alcalino (não ácido).

Compre **FIXODENT** hoje mesmo, em qualquer farmácia ou depósito dentário.

Distribuidora para todo o Brasil:
ODONTOLOGIA AMERICANA
Av. Rio Branco, 114, 1.º - Rio

NUMEROS ATRASADOS DESTA REVISTA NA BAHIA
Pedir a **ALFREDO J. SOUSA**
Rua do Colégio, 8 — Salvador

Frederico Figner

(Continuação da página 13)

sação maravilhosa de quem sóbe uma montanha, desvendando uma paisagem nova, fulgurante e surpreendente.

Ao terminar a leitura sentia-me bem alto, no píncaro, vendo deante de mim uma claridade desconhecida, que nunca adivinhei dentro da fumaça, vendo diante de mim um panorama largo, aberto, indefinido, inteiramente estranho para a minha imaginação, um panorama de beleza tão ofuscadora que fiquei parado, olhos extáticos, o sangue em fogo, a alma em extase, ajoelhado na volúpia da contemplação.

Depois assistiu a muitas sessões minhas e, a despeito disso, enfunou-se de novo. Foi uma semente atirada no pedregulho, na frase de Jesus. Não brotou. Será possível que não tenha lido as mensagens de Humberto de Campos? Não creio.

Depois, continuando a comentar as opiniões transcritas em nossa reportagem, Figner falou:

— Como Malba Tahan julgou pastiche grosseiro a obra postuma de Humberto de Campos, e achou que o autor antes de morrer deve autorizar a publicação de suas obras editadas do além, é bom que alguns membros da Academia e outros escritores que estão com viagem marcada, tomem as precauções para poderem imortalizar-se da "imortalidade", visto que, para a mesma, aqui, nada deixarão.

E, encerrando a argumentação:

— Há dias, fui procurado por um senhor maranhense que me mostrou um pacote de manuscritos a lápis, mensagens recebidas mediunicamente, dos

espíritos, com a letra e assinatura dos mesmos, conferidas com documentos por eles deixados. Entre esses havia um de Humberto de Campos.

O medium é o sr. Alarico Cunha, de Parnaíba, alto funcionário da Cia. de Vapores Booth, muito conceituado e respeitado pela sua integridade.

A mediunidade dele consiste, como já disse acima, em escrever as mensagens com a letra e assinatura dos próprios autores.

A mensagem de Humberto é a primeira que o escritor deu depois de desencarnado. E a mãe de Humberto assinou a mensagem reconhecendo-a como sendo de seu filho. Nela, Humberto promete outras mensagens. Naturalmente, com o fim de serem publicadas para conhecimento de todos e demonstração da imortalidade. Quem sabe se um dia o Sr. Guilherme de Figueiredo não procurará quem se queira prestar a ser um "espírito de porco", para escrever as suas lamentações do além?

— Mais uma pergunta, Sr. Figner. É verdade que os espíritos também se interessam pela política?

— Como não? Aqueles que foram políticos, os patriotas, interessam-se sempre pelo destino de sua pátria. Em 1935, por exemplo, recebi duas importantes mensagens do grande Nilo Peçanha, dando diversos conselhos sobre a administração do país. Estes conselhos, foram tão bons que foram seguidos. Eles tomaram, assim, a importância de verdadeiras orientações. Nilo aconselhava a política moderada, o desprezo pelos extremismos. Nilo aconselhou a marcha para o testé, que o Presidente, mais tarde, realizou. Incremento da agricultura, disse Nilo, e Getúlio Var-

gas realizou o incremento da agricultura. "Melhorar a condição das classes operárias e acabar com o sistema de faciosismo eleitoral" tudo isso o nosso presidente fez. Nilo, em sua segunda mensagem, condenou a política dos empréstimos, que fôra a responsável pelo estado precário de nossas finanças antes do presidente Vargas. Getúlio acabou com a política dos empréstimos. Mais uma coisa. Nilo pediu amparo para o Nordeste, prevendo o seu progresso, uma vez dotado de recursos. O presidente protegeu o Nordeste e o Nordeste progrediu! A mensagem do ilustre morto, terminava: "A Deus, portanto, não nos cansaremos de elevar os nossos votos para que os administradores da nossa pátria, esclarecidos no desempenho de seus nobres deveres para os quais foram designados, elevando aos seus gloriosos destinos a PÁTRIA DO EVANGELHO!"

Assim terminou Nilo o seu apelo: ele foi atendido. Getúlio Vargas fez todo o bem que ele pediu para o Brasil. Só uma coisa resta a fazer — e é isto que eu desejaria ver realizado, para ser completamente feliz. Por isso, dirijo ao presidente o meu apelo: Dai-nos a liberdade de curar! Permiti que minorem as desgraças desse mundo, que já são tantas! Concedei-nos a graça de poder fornecer, livremente, a quem pedir, as receitas, passes e remédios que curarão os males, as obsessões, as doenças! Deixai que cumpramos as ordens de Jesus que disse: "Ide, curai os enfermos, ressuscitai os mortos!" — Concedei-nos isso, e ficaremos eternamente gratos!

E foram estas as palavras com que Fred. Figner encerrou a entrevista que nos concedeu.

O aniversário da "Revista da Semana"

Desejamos testemunhar nossos mais sinceros agradecimentos a todas as pessoas que pessoalmente, ou por cartas, cartões e telegramas nos endereçaram votos de felicitações por motivo do 44.º aniversário da **REVISTA DA SEMANA**, entre eles os srs. Ruy Carneiro, interventor da Paraíba do Norte; Heitor Muniz, diretor da Divisão de Divulgação do Departamento de Imprensa e Propaganda; Herbert Moses, presidente da Associação Brasileira de Imprensa; Carlos Oliveira Ramos, secretário do Instituto Brasileiro de Cultura; Coronel Lima Corrêa, Jorge Silveira Lins, Maria Teresa Guimarães secretária da União Operárias de Jesus, Clara de Souza, diretora da Escola Santa Clara, Mercedes Dantas, T. C. Nasser, secretário do Clube de Regatas Boqueirão do Passeio, Mario Lemoeiro secretário do Centro Cultural de Petropolis, Vicente Perrotta e Empreza Paschoal Segreto.

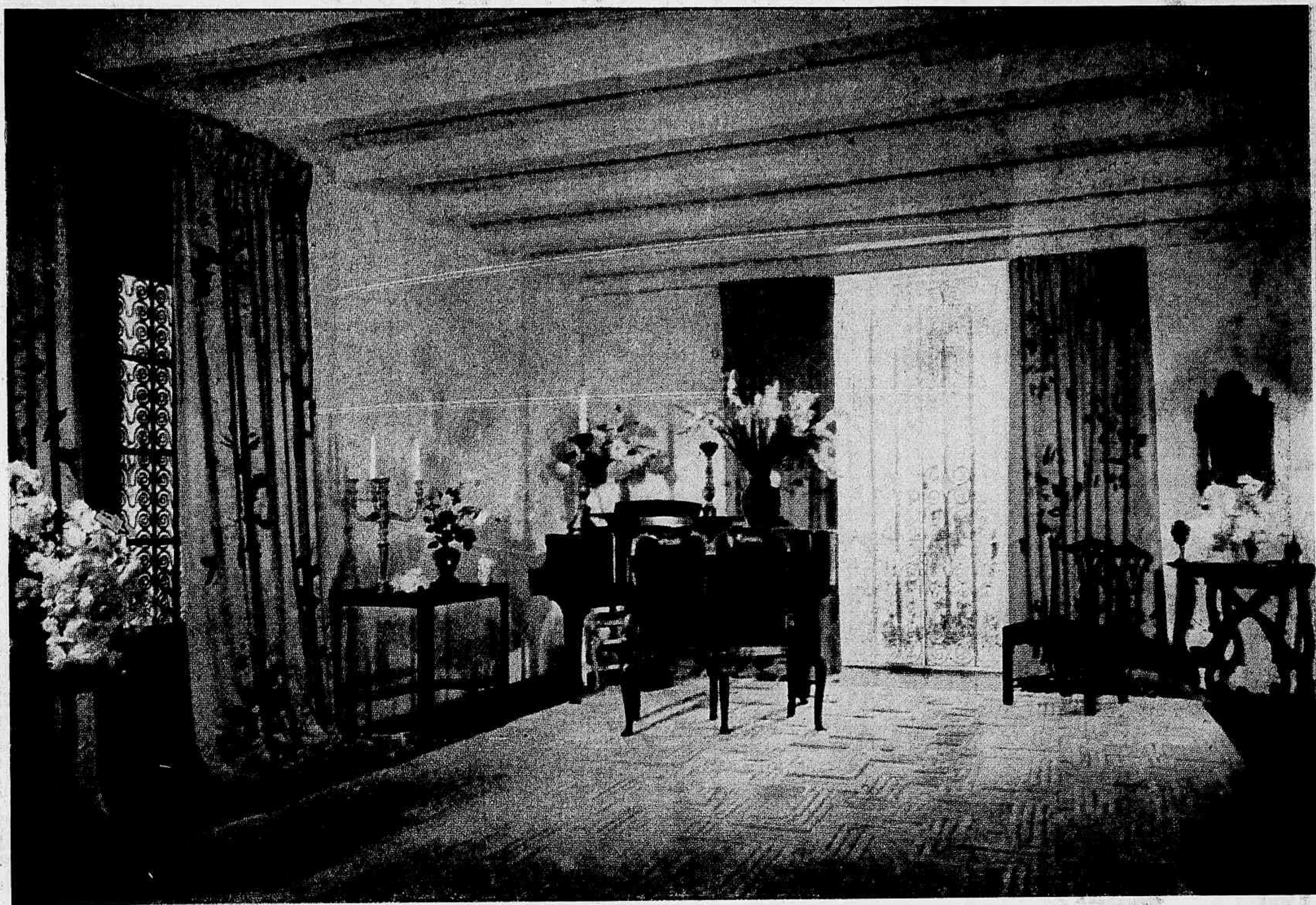
São dos nossos presados colegas do **O GLOBO**, as seguintes palavras de registo do aniversário da **REVISTA**:

Há quarenta e quatro anos era lançado no Rio um hebdomadario destinado ao registo dos acontecimentos nacionais e internacionais. Não foram muito roseos os vaticínios que acompanharam o primeiro numero, embora não faltasse sinceridade aos votos de longevidade. É que no começo deste século a pretensão de manter uma revista semanal corria por conta do espirito boemio e do lirismo poetico da roda artistica da época. Em muitos casos a certidão de nascimento e a certidão de óbito eram lavradas no primeiro numero, após a cobrança dos minguados anuncios e a devolução do enalhe. O Brasil lia pouco e ainda não havia uma rede de distribuição nacional como a que hoje espalha por todo o nosso territorio o "pão do espirito".

Acontece porem que a REVISTA DA SEMANA, através de vicissitudes imaginaveis, alcança com o numero ora em circulação seus quarenta e

quatro anos de existencia. É uma data que evoca lutas e idealismo, fé e trabalho. Dirigida durante longos anos da sua última fase pelo saudoso confrade Aureliano Machado, o grande hebdomadario nunca deixou de acompanhar o espirito do tempo. Ainda agora, sob a direção de Gratuliano Brito, com a cooperação de Celestino Silveira na secretaria da REVISTA DA SEMANA apresenta felizes modificações no seu feitio intelectual e gráfico, colocando-se entre os nossos hebdomadarios mais modernos e prestigiosos. Neste numero comemorativo do 44.º aniversario de sua criação, alem de numerosas reportagens e magnificas ilustrações, figuram crônicas especiais de Genolino Amado, Henrique Pongetti, Alvaro Moreyra e Raymundo Magalhães Junior.

Rotenol
NÃO HA MELHOR SABONETE
SEJA QUAL FÔR O PREÇO



PUREZA DE ESTILO

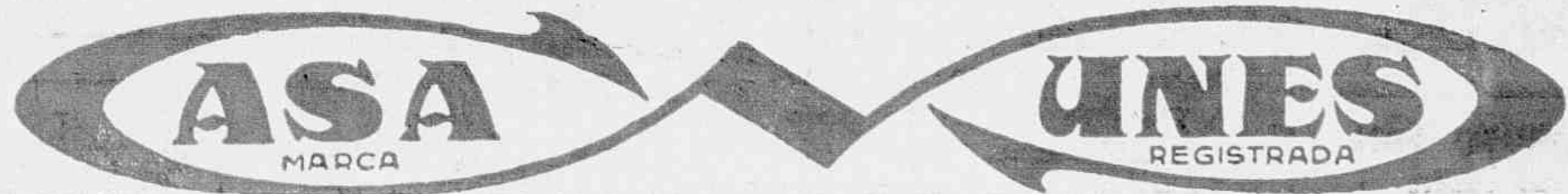
Este *living-room*, construído segundo a mais moderna técnica, reúne em si tôdas as belezas artísticas das ornamentações Luiz XV e todo o conforto oferecido pelo progresso da ciência arquitetônica.

Sôbre o piano de cauda e as mesas de cristal, espalham-se candelabros artisticamente lavrados, e prataria caprichosamente trabalhada. A iluminação da peça é feita entretanto indiretamente, o que evita o aspecto ridículo muitas vezes apresentado por salas luxuosas, onde as velas coloridas teem o seu brilho empanado pela luz intensa das lâmpadas elétricas suspensas no teto.

Aqui entretanto, resultado de um trabalho ornamental feito com inteligência e perfeição, nada entra em contraste com a ornamentação interior. O vasto tapete, as cortinas bordadas com motivos florais, as janelas guarnecidas de arabescos, as próprias flôres que guarnecem os vasos — tudo combina maravilhosamente com o mobiliário, tornando êste *living-room* uma peça digna de integrar o mais luxuoso palácio.

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES

**Aproveitem os preços reduzidos durante
a TRADICIONAL VENDA ANUAL
DA**



65 .. RUA DA CARIOCA .. 67 .. RIO



CIA. DE CIGARROS SOUZA CRUZ